



**Revista da  
Academia  
Mineira  
de Letras**

ANO 90º – Volume LXII – Julho, agosto e setembro de 2012

## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Fundada em 25 de dezembro de 1909  
Rua da Bahia, 1466 – Telefax (31) 3222-5764  
CEP 30160-011 – Belo Horizonte-MG  
www.academiamineiradeletras.org.br  
atendimento@academiamineiradeletras.org.br

### DIRETORIA AML

Presidente: Orlando Vaz	1º Secretário: Fábio Doyle
1º Vice-presidente: Francelino Pereira	2ª Secretária: Elizabeth Rennó
2º Vice-presidente: Vaga	1º Tesoureiro: Márcio Garcia Vilela
Secretário honorário: Oiliam José	2º Tesoureiro: José Henrique Santos
Secretário geral: Aloísio Garcia	3º Tesoureiro: Bonifácio Andrada

### REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Orlando Vaz  
Conselho Editorial: Aluísio Pimenta, Antenor Pimenta e Eduardo Almeida Reis.  
Editor Geral: José Bento Teixeira de Salles  
Revisão: Pedro Sérgio Lozar  
Digitação: Marília Moura Guilherme  
Capa: Liu Lopes  
Diagramação: IDM Composição e Arte Ltda.  
Impressão: Gráfica e Editora O Lutador

#### Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras – Ano 90º  
Academia Mineira de Letras / v. LVII/LVIII  
Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2012.  
Julho, agosto e setembro de 2012.

Fundada em 1922

1. Literatura – Periódico. 2. Obras Literárias I. Academia Mineira de Letras



*Vivaldi Moreira*

## ÍNDICE

<b>Apresentação</b>	
<i>A Diretoria</i> .....	9
<b>Uma casa chamada Vivaldi Moreira</b>	
<i>Orlando Vaz</i> .....	11
<b>As letras mineiras estão de luto</b>	
<i>Murilo Badaró</i> .....	17
<b>A limpidez de uma vida no vasto mundo do destino</b>	
<i>Francelino Pereira</i> .....	21
<b>Tributo a Vivaldi Moreira</b>	
<i>Aloísio T. Garcia</i> .....	25
<b>Mestre Vivaldi, advogado</b>	
<i>Pedro Rogério Couto Moreira</i> .....	31
<b>Da varanda</b>	
<i>Yeda Prates Bernis</i> .....	37
<b>Vivaldi, modelo de escritor</b>	
<i>Oiliam José</i> .....	39
<b>Ressonâncias de um clássico</b>	
<i>Ângelo Oswaldo de Araújo Santos</i> .....	41

<b>Saudades de Vivaldi</b> <i>Fábio Lucas</i> .....	45
<b>Vivaldi Moreira e Ortega y Gasset</b> <i>Bonifácio de Andrade</i> .....	47
<b>Vivaldi Moreira e a paixão pelos sebos</b> <i>Danilo Gomes</i> .....	53
<b>Um autêntico humanista</b> <i>Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho</i> .....	59
<b>Lembranças de Vivaldi</b> <i>Elizabeth Rennó</i> .....	63
<b>Vivaldi, menino da Mata e seu cão Loide</b> <i>Fábio Proença Doyle</i> .....	69
<b>Vivaldi Moreira, o ás da palavra</b> <i>Carmen Schneider Guimarães</i> .....	73
<b>Faltou alguém na Casa de Machado</b> <i>Manoel Hygino dos Santos</i> .....	77
<b>Uma estrela que não se apaga</b> <i>José Bento Teixeira de Salles</i> .....	81
<b>Vivaldi Moreira no universo dos livros</b> <i>Letícia Malard</i> .....	85
<b>Breve retrospecto de uma existência destinada à cultura</b> <i>José Maria Couto Moreira</i> .....	99
<b>O menino</b> <i>Cely Vilhena Falabella</i> .....	111

<b>Meu primeiro encontro com Vivaldi Moreira</b> <i>Cunha de Leiradella</i> .....	113
<b>Excertos bibliográficos</b> .....	117
Meu amigo Loide	
Agruras do acadêmico, angústias do escritor	
Uma defesa	
Retrato de Oscar Wilde	
<b>Manhã nas Tulherias</b> <i>Vivaldi Moreira</i> .....	131
<b>Rosas Vermelhas para Soror Thérèse de l'Enfant-Jésus</b> <i>Maria do Céu Couto Moreira</i> .....	135
<b>Uma vida em síntese</b> <i>Pedro Rogério Couto Moreira</i> .....	137
<b>O letramento literário e a formação do escritor em</b> <i>O menino da Mata e seu cão Piloto</i> <i>Samantha Guedes Barbosa</i> .....	141
<b>A força do amor e da fé</b> <i>Dom Walmor Oliveira de Azevedo</i> .....	149
<b>Lembranças de Cristiano Martins</b> <i>Fábio Lucas</i> .....	153
<b>Escritora inventiva na força linguística e no conteúdo</b> <i>José Bento Teixeira de Salles</i> .....	159
<b>A arte da ficção regional no universo humano da paixão</b> <i>Carmen Schneider Guimarães</i> .....	167
<b>Pensar de cristão</b> <i>Pe. Paschoal Rangel</i> .....	187

<b>Triste mundo que precisa de mártires</b> <i>Lúcia Helena Monteiro Machado</i> .....	189
<b>Pequenos contos</b> <i>Beatriz Teixeira de Salles</i> .....	193
<b>Modernismo hispano-americano</b> <i>Isabella Morais</i> .....	195
<b>Sem nome</b> <i>José Fernandes Filho</i> .....	199
<b>A moeda de prata</b> <i>Maria de Lourdes C. Dias Reis</i> .....	201
<b>Primeiras construções literárias de retratos femininos</b> <i>Jussara Neves Resende</i> .....	209
<b>O mascate e o cão</b> <i>Abdala Gannam</i> .....	221
<b>Aquela que lia</b> <i>Jacqueline Salgado</i> .....	229
<b>O iPhone de Torquemada</b> <i>Cunha de Leiradella</i> .....	233
<b>Pousar o tempo</b> <i>Yeda Prates Bernis</i> .....	239
<b>Uma vida em rimas</b> <i>João de Bruçá</i> .....	241
<b>Flores amarelas</b> <i>Gerson Cunha</i> .....	243

## APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista da Academia Mineira de Letras* coincide com as comemorações do centenário de nascimento do inesquecível Presidente Perpétuo da instituição, acadêmico Vivaldi Moreira.

Procuramos assinalar a data lançando um número dedicado ao saudoso confrade, com a colaboração de dedicados acadêmicos, filhos e admiradores do homenageado, contendo ainda outros dados referenciais, além de alguns trechos selecionados do festejado escritor.

Para tanto, sacrificamos as seções habituais permanentes, bem como adiamos para o próximo número a publicação de alguns textos recebidos.

Acreditamos que assim estaremos registrando para a História muito do que deixou de herança o ilustre e nobre acadêmico para a cultura de nosso Estado e particularmente para a Academia Mineira de Letras.

### A Diretoria

## Uma casa chamada Vivaldi Moreira

Orlando Vaz\*

Editor da *Revista da Academia Mineira de Letras*, José Bento Teixeira de Salles foi encarregado de publicar número especial em homenagem a Vivaldi Moreira, o Presidente Perpétuo da nossa Casa, cujo centenário de nascimento ora comemoramos. Dizia-me caber ao Presidente o “prefácio da edição”, vale dizer, a mensagem inaugural e primeira. Sugeriu, em seguida, que eu escrevesse duas ou três laudas. Estarei limitado, portanto, circunstância que me agradaria se fosse possível fazer, em pouco espaço, uma análise de personalidade tão bem dimensionada e grandiosa pelas atividades exercidas. Os livros que editou, ao lado da obra incomum realizada em favor da cultura mineira, retratam um homem de vasta visão humanística.

Pedro Rogério Couto Moreira, um dos confrades queridos da Academia Mineira de Letras e nela sucessor de seu pai, Vivaldi Moreira, na Cadeira nº 38, havia-me pedido que introduzisse alguma palavra no livro que em sua homenagem edita e a que denominou *Fortuna biográfica*.

Em curto espaço de tempo, sou, pois, chamado a escrever dois textos sobre a notável personalidade de um dos mais dinâmicos presidentes desta Academia.

---

\* Advogado perante os Tribunais Superiores de Brasília, professor examinador da Universidade de Paris e presidente da Academia Mineira de Letras.

A bibliografia de Vivaldi Moreira é intensa. Inicia-se nos anos de 1951, versando sobre a *Sociologia da Crise* – obra editada pela Livraria José Olympio Editora; Rio de Janeiro, 1951; prosseguindo com *Navegação de Cabotagem*, Editora Edart, 1963; *Figuras, Tempos, Formas* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1966; *Milton Campos, Política e Letras*, Editora Senado Federal, Brasília, 164 pp., 1972; *O menino da Mata e seu cão Piloto*, Imprensa Oficial do Estado, Belo Horizonte, 1982; *Memorial a Destempe* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1985; *O Velocino de Ouro*, Brasília, 1986; *O Círculo dos Eleitos*, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1987; *Glossário das Gerais* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1991; *Cobras e Lagartos* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 2000; *Novo Glossário das Gerais* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 2000; *Liderança e Humanidade* (conferências) – Rotary Clube de Belo Horizonte, 30 pp., 1963; *Competência dos Tribunais de Contas* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 21 pp., 1965; *A Cadeira nº 31, da Academia Mineira de Letras* (discurso), Recepção a Manoel Casasanta, Belo Horizonte, 1970; *A Cadeira nº 21 da Academia Mineira de Letras* (discurso de Recepção de Hilton Rocha), Belo Horizonte, 1972; *Amenidades Camonianas* (conferência na Câmara dos Deputados), Brasília, 18 pp., 1972; *Raul Soares de Moura no seu Centenário*, (conferências) – Editora do Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 1977; *Os Roteiros de Tiradentes* (discurso), em *Digesto Econômico* maio/junho, PP. 89 a 94, 1978; *Teresa de Ávila* – Escritora e Mística (estudo) – Gráfica Olímpica Editora Ltda., Rio de Janeiro, 22 pp., 1978.

Fui frequentador assíduo da Livraria Itatiaia, na Rua da Bahia, 902, ainda na mocidade. Naquela renomada livraria, de propriedade dos irmãos Edson e Pedro Paulo, reuniam-se intelectuais e boêmios de Belo Horizonte. Entre outros, citam-se Mário Mendes Campos, Milton Campos, Oscar Corrêa, Alberto Deodato, Mário Palmério, Mário Mattos.

Quando ali conheci Vivaldi Moreira, nossos anjos da guarda se entenderam. Tornei-me seu admirador permanente, passando, assim, a acompanhar-lhe a vida e os feitos. Convivi com ele na sua residência, que abrigava também o seu escritório, na Rua Professor Moraes, 600, aonde comparecia com certa regularidade.

Sempre me impressionei muito com o talento de Vivaldi Moreira. Faz isso muito tempo. Considerava-me um novo amigo de Vivaldi, tal a alegria e a maneira amável com que me agasalhava. Creio que tais afinidades comigo apontavam para a nossa conjunta e grande admiração mantida por Milton Campos. Falava Vivaldi do grande estadista, que governou Minas Gerais de 1947 a 1951, como quem celebrava o culto das personalidades notáveis. Vivaldi Moreira participou dos quadros de seu governo, na qualidade de Chefe de Gabinete do secretário da Fazenda, cuja pasta tinha como titular José de Magalhães Pinto.

Era um prazer conversar com Vivaldi Moreira. Narrava episódios, contava casos, prestava depoimentos que se transformavam em história e transmitia informações de especial relevo. Era um prosador, ou *grand causeur*, diria o francês, no seu alto e mais elevado sentido de louvor que possuía o termo.

Aquele homem afável e, ao mesmo tempo, rigoroso na seleção de seus amigos, causou-me um grande bem pela convivência e pela amizade com que me distinguiu.

Escritor talentoso e profícuo, enriqueceu a literatura mineira e brasileira com intensa e extensa produção intelectual. Tudo nele respirava cultura e saber. Fez incursões nos mais diversos temas, desde a Ciência Política (disciplina que coube a Milton Campos lecionar na Universidade Federal de Minas Gerais), passando pela Sociologia e desaguando na Literatura propriamente dita. Não se cansava de trabalhar, publicando ensaios, contos e romances. Seria interminável a lista de sua atividade intelectual.

Para lembrar episódios familiares, devo registrar que Vivaldi Moreira foi, ainda, um leitor aplicado e constante de Isabel Vaz, minha mulher, também nossa colega nas atividades jurídicas. Tornou-se ela cultora do Direito, com as suas graduações acadêmicas, tendo-se tornado Mestre e Doutora, na cadeira de Direito Econômico, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Atingiu, ainda, as honoríficas titulações de Professora examinadora das Universidades de São Paulo (USP) e da Universidade de Paris.

Isabel Vaz, na década de 1990, já lecionando na Faculdade de Direito da UFMG, teve dois livros editados, *Direito Econômico das Propriedades* (VAZ, Isabel, 1993, Forense, 2ª Ed., prefácio de Oscar Dias Corrêa, 673 p.) e *Direito Econômico da Concorrência* (VAZ, Isabel, 1993, Forense, prefácio de Carlos Mário da Silva Velloso, 681 p.). Vivaldi Moreira me disse ter lido as duas obras elaboradas por Isabel Vaz, a que denominava aqueles “dois tijolos”, pela extensão acima de 650 páginas cada uma. Pedi-me que prevenisse a Isabel de que ela iria integrar a Academia Mineira de Letras, pois a qualquer momento seria ela convocada para participar daquela centenária Instituição. Transmisti o recado a Isabel, de certo modo envaidecido. Ela me surpreendeu, informando que não poderia aceitar o convite. Preferia, um dia, pertencer à Academia Internacional de Direito e Economia (atingiu o objetivo em 30 de outubro de 2011), entidade mais afeita às aspirações que possuía. Transmisti a Vivaldi a posição por ela perfilhada. Vivaldi não se fez de rogado, demonstrando certa irritação pela eventual recusa de pertencer Isabel à Academia Mineira de Letras. Afirmou com ênfase, gesticulando: “Ela não recusará o convite e virá comer o milho na minha mão, quando eu decidir chamá-la para compor os nossos quadros”. Repassei para a Isabel os dizeres e os gestos de Vivaldi. Ela sorriu e disse: “Gosto muito do Vivaldi Moreira!”.

Vivaldi Moreira era homem obstinado e dedicou grande parte de sua vida a cuidar da Academia Mineira de Letras.

Ao assumir a Presidência da Casa, ainda sediada na Rua Carijós, dizia Vivaldi, sempre de modo vibrante e entusiástico, que haveria de conquistar um espaço próprio para a entidade, “ao rés do chão”. Palavras suas, que se tornaram realidade, quando a Academia Mineira de Letras passou a ocupar sua sede própria na Rua da Bahia, 1.466, constituída pelo notável palacete onde residiu o renomado e grande médico Professor Doutor Oswaldo Borges da Costa. A sede anterior se localizava na Rua dos Carijós, bem próximo da Praça Sete.

A sede própria da Instituição, que fora também restaurada em sua administração, tem nova história a partir de 28 de novembro de 1988, lá se vão quase 28 anos, graças ao notável e persistente intelectual Vivaldi Wenceslau Moreira.

Gostaria de lembrar aqui as palavras de sua filha Maria do Céu Couto Moreira, proferidas em 6 de junho de 2001, ao agradecer a homenagem prestada a Vivaldi pelo Conselheiro Simão Pedro Toledo, do Tribunal de Contas do Estado:

“Nem o tempo com seu poder avassalador será capaz de esmaecer o painel da valorosa contribuição desse mineiro austero que transitou em todas as esferas, muitas vezes de pires na mão, mas sem jamais deixar conspurcar sua humilde altivez, característica inerente à sua personalidade, pedindo e convocando ora os governantes, ora os mais abastados a cerrarem fileiras em prol da cultura de nosso Estado para que, enfim, seus sonhos se concretizassem, guardando as mãos limpas, sem mácula. Essas mãos operosas que pediam foram as mesmas que nos abençoavam e partiam o pão com quantos necessitaram do seu abrigo, por isso encerravam o nosso santuário.

“Dotado de grande espírito público, Vivaldi quis compartilhar seus tesouros, doando à Academia Mineira de Letras sua valiosa biblioteca, uma das maiores do Estado.”

Transcrevo, no mesmo sentido, as palavras do ex-presidente Itamar Franco, citadas por Murilo Badaró em seu discurso de despedida de Vivaldi Moreira:

“Pude acompanhar, sobretudo como presidente da República, seu empenho na implantação da sede da Academia e testemunhar a dedicação com que alcançou as metas traçadas. Ele valorizou a instituição e enriqueceu o acervo da casa com a doação de notável biblioteca. Ali sempre estará o vulto tutelar do autor e mestre.” (BADARÓ, Murilo, apud JOSÉ, OILIAM. *Efemérides da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, 2009. p. 121).

Nós, os atuais 40 membros da Academia Mineira de Letras, recordamos Vivaldi Moreira como seu grande benemérito. Nenhum acadêmico, certamente, terá amado mais que ele a Academia que tanto engrandeceu.

Vivaldi Moreira não tem apenas o título honorífico de Presidente Perpétuo da Academia Mineira de Letras, conhecida ainda como “Casa de Alphonsus de Guimaraens”, porque nela integra, pela saudade e pelo trabalho notável ali efetivado, a própria entidade, a que chamamos também de “Casa de Vivaldi Moreira”.

## AS LETRAS MINEIRAS ESTÃO DE LUTO\*

*Murilo Badaró\*\**

Coube-me a dolorosa tarefa de dizer adeus a Vivaldi Moreira em nome da Academia Mineira de Letras, instituição que ele sempre considerou como sua segunda família. Discurssei em nome de seus componentes, todos com os corações ensombrados pela saudade e lanhados de mágoa.

Dizia Emerson, um dos autores prediletos do grande morto, que as instituições são a sombra dos grandes homens. A Academia Mineira de Letras, da qual ele foi o mais ilustre e acatado membro, refletirá para sempre sua sombra, paradoxalmente expressa numa intensa luminosidade que seu espírito fez e fará pairar pela eternidade do tempo como uma auréola brilhante.

Minas Gerais acaba de ficar mais pobre em seu patrimônio moral e intelectual. Está também empobrecido o Brasil, igualmente desfalcado de um pensador esclarecido, um escritor de estilo primoroso, elegante e terso, guardião do erário da inteligência mineira. Assistiu razão ao governador Itamar Franco quando disse, na nota oficial do governo de Minas, que Vivaldi Moreira “como poucos soube vivenciar e exprimir as virtudes maiores do modo de ser da gente montanhesa”.

---

\* Texto publicado no *Estado de Minas* de 30 de janeiro de 2001. Trata-se de um resumo do discurso pronunciado durante as exéquias do presidente Vivaldi Moreira, no dia 27 de janeiro de 2001.

\*\* Político, ex-deputado, senador e Ministro da Indústria e Comércio. Escritor com vários livros publicados, ex-presidente da AML. Falecido em 14 de junho de 2010.

Não é este, certamente, o momento de fazer uma análise crítica da obra literária de Vivaldi, toda ela mesclada de atualíssimas observações sobre os homens e as coisas de nosso tempo, indicativas de um espírito atilado, atento às transformações que não o afastaram das matrizes fundamentais de sua sólida formação humanista, haurida na leitura dos clássicos e no estudo da história, dos quais extraiu seus pergaminhos de cultura, seu zelo para com a língua, sua intransigente inconformidade com os espíritos ligeiros e destituídos de profundidade. Sua notável obra literária assegura sua perenidade. A ela se agrega a mais bela de todas as histórias que o mundo apresenta, a história das grandes dedicações, aquela representada pela mais completa doação de seu corpo e de sua alma à Academia Mineira de Letras, a que entregou os melhores dias de sua vida até vê-la dotada de uma sede condigna e à altura de seu vasto patrimônio intelectual e moral.

Como ainda afirmou o governador de Minas em sua nota oficial, “ele valorizou a instituição e enriqueceu o acervo da casa com a doação de notável biblioteca, onde estará sempre o vulto tutelar do autor e mestre”. Esta proclamada verdade todos nós, seus confrades, temos orgulho de certificá-la.

Vivaldi Moreira fez parte de uma requintada aristocracia do espírito que se vai rareando nos dias de hoje. Permaneceu fiel, não aos sonhos ingênuos da glória, mas aos compromissos que assumiu no curso de sua vida com os valores nacionalistas e os sentimentos de liberdade que são o apanágio da gente mineira. O mais puro espírito de mineiridade estava em sua obra, nas atitudes e em tudo o mais a que era propellido a participar, pela fidelidade guardada consigo mesmo no religioso respeito para com a vida. Alimentou seu espírito da melhor seiva nos exemplos herdados da Fazenda do Tanque, de onde hauriu os modelos que lhe serviram de fanal e guia, abastecendo-o dos fortes vigamentos morais em que assentou, pela obstinação inteligente, a obra que superará as erosões provocadas pela impenitência do tempo. Trabalhar infatigavelmente foi seu destino, na faina da elaboração intelectual, tudo elevado aos píncaros da inteligência, da dignidade, da operosidade e da honradez.

Vivaldi apreciava muito a parêmia de que a honra é a única palavra cujo singular e plural jamais estão de acordo. É mais importante viver com honra do que viver com honras. Eis aí o segredo de sua vida de escritor, intelectual, homem público, chefe de família e dirigente: sempre preferiu viver com honra a viver com honras. Por isso recebeu no curso de sua utilíssima existência a láurea mais elevada da dignidade intelectual, além do reconhecimento e o respeito dos coetâneos.

Minas sem Vivaldi fica menor. Acabamos de perder uma mente poderosa, capaz das mais altas reflexões e das elaborações mais sofisticadas do espírito. São as letras mineiras que estão de luto. E a inteligência mineira que empobreceu.



## A LIMPIDEZ DE UMA VIDA NO VASTO MUNDO DO DESTINO

*Francelino Pereira\**

Vivaldi Wenceslau Moreira cujo centenário de nascimento transcorre em setembro, jamais deverá desaparecer de nossa memória, pela notável e rica herança literária que deixa para Minas e para o Brasil. Ele será sempre lembrado com o mesmo significado que sugerem as palavras latinas do brasão da Academia Mineira de Letras: *Scribendi nullus finis* – “O escrever nunca tem fim”. Se o escrever não tem fim, também não terá fim a vida desse respeitável brasileiro, toda ela consagrada ao ofício de escrever, perenizando ideias ou retratando vultos e feitos humanos.

O próprio Vivaldi Moreira, em vida, conduz a essa certeza, em uma entrevista à imprensa de Belo Horizonte, com palavras parecidas com o significado escrito nesse brasão da AML:

“Ninguém é imortal apenas por pertencer a uma Academia de Letras. Sou mais imortal pelos livros que deixo do que por fazer parte de uma instituição.”

Com esta definição. Vivaldi revela seu sentimento de total apego à literatura.

Ele, que sempre lia três livros ao mesmo tempo, brindou a cultura brasileira com 20 livros – nenhum deles de ficção – além de 5 mil artigos e 40 opúsculos, e muitas entrevistas e conferências.

---

\* Ex-governador de Minas Gerais, ex-senador da República, vice-presidente da Academia Mineira de Letras.

## PRESIDENTE PERPÉTUO

Vivaldi foi presidente da Academia Mineira de Letras, de 1975 a 1987, mas permaneceu no posto, como seu Presidente Perpétuo, por decisão unânime de seus companheiros de sodalício.

Esse mestre e escritor falecido em 26 de janeiro de 2001, na verdade, continua entre nós. Sua obra o fará sempre lembrado como um dos nossos maiores intelectuais e também como um homem simples, como *O menino da Mata* – do jeito que ele gostava – por ser natural de Tombos, o antigo Tombos de Carangola, na Zona da Mata mineira.

Formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, Vivaldi Moreira foi também jornalista, servidor público, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas de Minas Gerais. Em todas estas funções, revelou sempre seus marcantes atributos de inteligência, caráter e probidade, deixando as marcas indelévels que enriqueceram sua personalidade.

## GLOSSÁRIO DAS GERAIS

Como escritor, optava sempre pelos temas universais, adquiridos na vida acadêmica e também nos livros que leu.

Não obstante, ele não se esquecia jamais de retratar, com a força de seu texto, os temas mineiros, a começar pelo *Glossário das Gerais*, editado em 1991, com perfis de políticos e intelectuais de Minas.

Também é de Vivaldi Moreira a obra *Milton Campos – Política e Letras*, que todos nós conhecemos, reeditada pelo Senado Federal, por ocasião do centenário de Milton Campos.

Na sucessão dessa temática de Minas, ele também não deixou no esquecimento as cenas da terra natal – a sua querida Tombos – retratada no livro *O menino da Mata e seu cão Piloto*.

É nesse texto que ele revela um grande memorialista, ao desenhar um tempo de felicidade e alegrias vivido na Fazenda do Tanque. Nela, pelo seu apreço aos livros, chegou a formar uma biblioteca de 3 mil títulos. Uma biblioteca que não parava nunca de crescer, chegando, já em

Belo Horizonte, a mais de 20 mil volumes, que ele, em vida, doou à Academia Mineira de Letras.

Evoco com saudade o nome de Vivaldi Moreira, o intelectual e o mestre, o escritor apegado a Minas, de onde nunca pensou em sair.

## MINAS – MEIO DO MUNDO

Fora do Estado, ele viveu apenas um pequeno período no Rio. Mas logo retornou, com a justificativa, que ele expressou no jornal *Hoje em Dia*, de que “Minas é o meio do mundo”. “Meio do mundo”, na sua terna definição. Na intimidade, porém o próprio “mundo por inteiro”, o lugar definitivo para viver.

A Minas, talvez por isso, ele deu o melhor de si. Mas não apenas como escritor. Foi também um servidor responsável, inclusive auxiliar de meu governo, ele que, ademais, sempre foi um dos meus melhores amigos. O funcionário exemplar, o amigo sempre presente e fiel.

O amor do ilustre acadêmico à terra mineira e a Belo Horizonte era tamanho a ponto de ter declarado, numa entrevista à imprensa de Minas, que, “como César, na Bretanha, ateara fogo nos navios para dali não sair”.

Esse apego de Vivaldi a Minas é descrito também em diferentes jornais: *O menino da Mata* descansa, diz no *Estado de Minas*. No *Diário da Tarde*, uma matéria de capa, no Caderno 2, registra o “Adeus ao Mestre”, que o *Hoje em Dia* repete em palavras semelhantes, no “Adeus ao Acadêmico”.

Casado com a Sra. Ibrantina Brandão Couto Moreira, carinhosamente chamada Dona Brante, com ela Vivaldi teve cinco filhos: José Maria, Eduardo Vitor, Pedro Rogério, Maria do Céu e Ana Cristina.

## PRECIOSO TESTEMUNHO

Um registro que parece justo e necessário mesmo: quando do falecimento do presidente perpétuo Vivaldi Moreira, o historiador e acadêmico Murilo Badaró definiu a trajetória do ilustre escritor mineiro,

com a certeza de que a obra literária por ele deixada assegura sua perenidade.

A essa trajetória, como bem situou Badaró, “agrega-se a mais bela de todas as histórias que o mundo apresenta: a história das grandes dedicações, aquela representada na mais completa doação de seu corpo e de sua alma à Academia Mineira de Letras”.

Murilo Badaró – que foi sucessor de Vivaldi Moreira na Presidência da Academia Mineira de Letras – lembrou que seu antecessor jamais levou para seus escritos a futilidade ou a ficção. Preferiu trilhar pela fidelidade “aos compromissos que assumiu, no curso de sua vida, com os valores nacionalistas e os sentimentos de liberdade, que são o apanágio da gente mineira. Sempre, o mais puro espírito de mineiridade estava em sua obra, nas atitudes e em tudo o mais a que era propellido a participar”.

Quando no exercício de honroso mandato no Senado da República, requeri que o estupendo pronunciamento do ilustre homem público e acadêmico passasse a constar nos Anais da Casa, fazendo justiça ao inesquecível escritor mineiro, o “Menino da Mata” de Tombos de Carangola.



## TRIBUTO A VIVALDI MOREIRA

*Aloísio T. Garcia\**

Para se escrever sobre Vivaldi Moreira e sua obra não há como economizar elogios – o reconhecimento de uma verdade. O saudoso presidente perpétuo da Academia Mineira de Letras teve uma vida vivida intensamente, com um legado de suma importância para a cultura de Minas Gerais, representado pela sede própria rés ao chão da nossa entidade, o palacete Borges da Costa e a construção do auditório, que levou o seu nome, em preito de reconhecimento.

O intelectual e escritor Vivaldi Moreira pode ser definido a partir de quatro qualidades, dentre outros traços importantes e edificantes de sua multifacetada personalidade: a persistência ou pertinácia, na busca de seus objetivos e sonhos; a liderança, que exerceu na plenitude ao longo do período em que presidiu a Academia Mineira de Letras: vinte e cinco anos de dedicação e amor à sua segunda Casa; sensibilidade, que brota das páginas dos seus livros, artigos, discursos e textos literários; e a erudição de quem era um devorador de livros, “recortador” de notícias e artigos e que conhecia bem os clássicos franceses, os escritores portugueses e os antigos pensadores de origem helenística.

Também enriqueciam sua vasta cultura as grandes obras de intelectuais de outras plagas, que despertavam sua atenção e interesse.

\* Escritor, empresário. Secretário geral da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 6).

Foi um intelectual *stricto sensu*, um cidadão do mundo, pela vastidão dos horizontes culturais que percorreu e pela soma de conhecimentos que amalhou ao longo de sua dadivosa existência.

Mas ao lado dessas quatro qualidades, ainda temos, atrás da respeitável figura de Vivaldi Moreira, o lado humano do pai de família exemplar, o filho saudoso do seu Carangola distante dos anos dourados da mocidade e o patriota que abraçava causas nobres, sempre buscando os interesses maiores de Minas e do Brasil

Pertenceu à estirpe maior dos homens de Minas que levam uma vida honrada, alicerçada nos valores morais e espirituais que são o apanágio da nossa gente.

Em março de 82, nas páginas do *Jornal do Brasil*, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), sob o título “O segredo da Montanha”, falava dos grandes escritores mineiros, que se dispersaram pelo Rio de Janeiro, São Paulo e até Brasília e foca o seu texto em Vivaldi Moreira; “O delicioso volume de Vivaldi Moreira, mineiro de quatro costados, em que nos conta sua própria infância em *O Menino da Mata e seu cão Piloto*, é exemplo da pura tradição da psicologia social montanhesa.”

“Vivaldi não nos dá apenas o quadro da sua vida modelar, de filho de tropeiro que se alçou, por mérito exclusivo, à categoria do mais alto plano cultural.”

“Essa complexidade é que forma, para esse admirável ensaísta social, a marca da mineiridade. Eis o mistério da Montanha” termina o notável pensador e escritor Tristão de Athayde.

Em dezembro de 88, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, Josué Montello dedica a Vivaldi Moreira o seu fino texto, com o título “Um Mestre da Província”.

Após referir-se a Eça de Queirós e aos brasileiros Olavo Bilac e Coelho Neto, sentencia Montello: “Vivaldi Moreira é um claro e culto espírito de humanista, com o gosto pela erudição meticulosa e o dom da escrita. Fluente, especialmente inclinado a expressar-se no texto do jornal que vai desaguar em um livro, como reflexão de acontecimentos e espelhos de cenas e figuras memoráveis.”

Vamos tentar nos limitar a repassar algumas das suas obras e textos, para não sermos levados a escrever um compêndio sobre o homem e sua obra, tarefa já atribuída às mãos competentes da professora Leticia Malard.

O mais puro espírito de mineiridade estuava em sua obra e Vivaldi produziu vinte títulos, editados em Belo Horizonte, Brasília e São Paulo. Escreveu sobre educação antiga e moderna, sobre a obra sociológica de Ortega y Gasset e sobre amenidades camonianas, entre outros tantos temas.

Erudito sem ser afetado, infenso à busca de honrarias e títulos, conseguia ser sarcástico quando necessário, crítico mordaz quando as circunstâncias ou os fatos o exigiam e doce e suave, quando eles lhe tocavam o coração.

*A Pátria Pequena* – publicado em 1963 como introdução amorosa ao estudo do Carangola, com seus dois distritos cravados no coração e na memória de Vivaldi, Tombos e São Francisco do Glória, é expressão plena da sua sensibilidade. A matriz desse último distrito lhe parecia mais imponente – e importante – que a catedral de Chartres ou de Notre-Dame ou que a própria Basílica de São Pedro em Roma.

A sensibilidade criativa, vinda das origens telúricas, falava das locomotivas e vagões cuja fumaça formava no ar figuras caprichosas, ora de flocos de neve, ora de dragões enfurecidos! A tudo o menino – quase rapaz – contemplava da janela da casa da avó, na pequena Tombos.

A corrida atrás dos bezerros, no ritual diário da apartação das matrizes, se torna em liturgia agradável na saudosa Fazenda do Tanque.

E as manhãs frias, com vento cortante e a neblina cobrindo as veredas e campinas, dava à paisagem a grandeza de uma obra de Velásquez ou Van Gogh.

Eram os olhos do menino Vivaldi, descobrindo o mundo e maravilhando-se com ele.

Para Vivaldi, aluno do Ginásio Municipal, a cidade de Carangola era o meio do mundo, como se dizia; movimentada, colorida, cheia de tropas e tropeiros, ao lado de carros de bois e alguns caminhões, convivendo na poeira dos idos da década de 20.

O menino – já rapaz – contemplava os figurões da cidade e escutava causos e casos a seu respeito, ciente de que, aluno do conceituado Ginásio Municipal, já pertencia ao círculo dos eleitos.

E lá, Vivaldi Moreira praticou as maiores travessuras e estripulias próprias da idade e de um espírito irrequieto, que lhe valeram reprimendas e expulsões.

Segundo o ministro Victor Nunes Leal, filho mais ilustre do distrito carangolense de Alvorada, foi por sugestão sua que o amigo, o estadista Juscelino Kubitschek deu ao Palácio residência oficial da presidência da República o nome de Alvorada. Era Carangola influenciando para sempre a história nacional!

Mas o menino Vivaldi Moreira teria destino glorioso e Carangola, desmembrando-se em uns 20 novos municípios, tornou-se pequeno para ele.

Estudante de Direito no distante Rio de Janeiro, Vivaldi Moreira inclinou-se à meditação e pensou que um dia escreveria suas memórias, a partir de registros, anotações, depoimentos e lutas, trazendo a lume uma experiência vivida com coerência, dignidade, espírito público irrepreensível.

Avançando na leitura dos Opúsculos, encontramos textos de palestras, artigos e discursos, proferidos nas reuniões do Rotary ou em Juiz de Fora ou Brasília. Do Rotary, foi membro proeminente e atuante, presidindo o Distrito de Belo Horizonte por um mandato.

Nessa fonte primária da obra de Vivaldi Moreira temos muitos rasgos de solidez intelectual, certeza da erudição literária e humanista e a reafirmação de primados e valores que são o apanágio da gente das Gerais.

A divisa de Rotary, dar-se de si, antes de pensar em si, era vivenciada na plenitude pelo ilustre mineiro, na pertinácia com que conquistou a sede própria rés ao chão da sua Academia, em batalha que traspassou governos e governantes. Para Vivaldi, “a escrita lapida os caracteres e depura o coração dos homens.” E em 1985, ao publicar e justificar o *Memorial*, ele ressalta que “se trata de fatos verídicos que são relatados nos limites em que devem ser postos.”

Em o *Menino da Mata e seu cão Piloto*, as memórias são extraídas de causos e histórias contadas por familiares, amigos ou pessoas em encontros fortuitos.

Já o *Memorial a Destempo* é um passo à frente na construção de uma autobiografia, na busca de si mesmo, busca a que todos nos entregamos em dado momento de nossas vidas, quando as lembranças começam a ser maiores que as esperanças.

Antes do *Memorial*, o autor já produzira *Navegação de cabotagem* – sem sair de terra – notável conjunto de ensaios, estudados pelo meu antecessor na Cadeira 36, o filólogo Wilton Cardoso.

Vivaldi fez da vida uma obra de arte e sabia que essa obra nunca é acabada, pois a cada dia o corpo perde, mas a mente ganha, incorporando conhecimento e sabedoria. Ele costumava lembrar, em prosa erudita e versátil, que se empolgara com a leitura de *Em busca do tempo perdido* e mais de uma vez menciona Proust em sua vasta obra, referindo-se a ele como alguém cuja genialidade realizou uma das maiores construções da arte, da simbologia e da psicologia do século passado: a procura do tempo perdido.

Em um de seus memoráveis discursos, Vivaldi Moreira cita o Pe. Manuel Bernardes e acentuou que o destino permitiu que nosso Presidente Perpétuo cumprisse as palavras do culto sacerdote: “Não há modo de mandar, ou ensinar, mais forte e mais suave do que o exemplo; persuade sem debate, todas as dúvidas desata e corta caladamente todas as desculpas.”

O exemplo que Vivaldi Moreira nos legou é um só: A Academia Mineira de Letras é a segunda Casa de cada acadêmico; honrá-la e contribuir para que cumpra seus propósitos maiores é nossa obrigação constante.



## MESTRE VIVALDI MOREIRA, ADVOGADO

*Pedro Rogério Couto Moreira\**

Mestre Vivaldi Moreira, cujo centenário estamos comemorando, advogou por pouco tempo, mas sempre nutriu imenso respeito e admiração pela classe dos profissionais deste setor que se destacaram pela inteligência e cultura. Dava-lhe prazer o convívio com advogados e o intercâmbio de ideias do Direito. Patrocinou o ingresso de advogados e magistrados na Academia Mineira de Letras. Realizou conferências na seção mineira da Ordem e foi paraninfo de turma da UFMG.

Suspeito que havia um quê de frustração em sua alma, pela impossibilidade de não ter seguido a carreira. A vida o levou a outros caminhos diferentes da tão sonhada banca, como sói acontecer a muitos bacharéis em Direito. No dia em que, anos 1990, em Brasília, eu lhe apresentei ao advogado Reginaldo Oscar de Castro, que veio a ser presidente nacional da OAB, meu Pai disse-me, após palestrar com o meu fraterno amigo: “Gostei dele. Senti cheiro de advogado”. Foi o momento em que percebi essa nostalgia pelo advogado que ele foi por tão pouco tempo. Vivaldi sabia o que dizia, ele que conviveu com paradigmas da classe como Pedro Aleixo, Milton Campos, Dario de Almeida Magalhães, Victor Nunes Leal...

---

\* Jornalista, filho e sucessor de Vivaldi Moreira na Academia Mineira de Letras (cadeira nº 31).

Vivaldi, em 1933, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, no Rio. Bacharelou-se na célebre turma de 1937, em que figuram celebridades como os romancistas Jorge Amado e Marques Rebelo, Cordeiro Guerra, Alzira Vargas, o poeta J. G. de Araújo Jorge, e muitos, muitos mais. Ele obteve sempre distinção com os professores Queirós Lima, Castro Rebello, Gilberto Amado e Sá Pereira, que lecionavam, respectivamente, Teoria do Estado, Direito Civil (Parte Geral), Direito Penal e Direito Civil (Direito das Coisas). E torna-se discípulo e amigo de Gilberto Amado, para a vida toda.

Em 1939 transferiu-se para o interior de Minas, indo advogar em Resplendor, onde serviu também como secretário da prefeitura local. Em fins de 1940 transferiu-se para Belo Horizonte, a fim de secretariar a *Revista Comercial de Minas Gerais*, órgão da Associação Comercial, da qual, mais tarde, foi codiretor e consultor jurídico.

Nô seu livro de memórias *O menino da Mata e seu cão Piloto*, há um capítulo, retirado de seu diário íntimo, intitulado "Lembremo-nos da Turma de 1937". É uma referência direta à conhecida advertência do estadista José Américo de Almeida quando Getúlio Vargas candidata-se à presidência em 1950: "Lembraí-vos de 37!", ano em que o então presidente da República tornara-se ditador ao fechar o congresso e extinguir os partidos políticos. As páginas de Vivaldi foram escritas em 1967, quando a turma festejava trinta anos de formatura. Vivaldi foi convidado especial do colega de turma Dirceu Nascimento, então diretor da revista *Manchete*, promotora do banquete.

Suas páginas sobre o acontecimento são repletas de funda melancolia, contrastantes com um espírito que sempre exibiu alegria de viver e de cuja pena de escritor brotavam tão somente hosanas à divina existência humana sobre a terra. Escreveu Vivaldi em seu diário: "E não compareci, contrariando o prazer de abraçar tanta gente ilustre, para não ficar triste, no meio de tanta alegria. Para falar claro, devo dizer logo o que penso: não foi uma festa dos 325 bacharéis da Turma de 37 da Faculdade Nacional de Direito. Foi um encontro jubiloso dos vitoriosos daquela turma famosa, que, para sua maior glória, só falta um de nós ser guindado à Presidência da República". Indaga Vivaldi: "Para que

reunirmo-nos em grande gala? Para exibirmo-nos uns aos outros em nossos triunfos? Para conferir quem jogou o dardo mais longe? Para submeter nossas mulheres aos recíprocos olhares inquisidores das joias e vestidos de cada uma?" E acrescenta: "Tive vontade de sugerir ao Dirceu uma fórmula muito simples. Vamos marcar um encontro para testar a solidariedade da turma. (...) Faremos um recenseamento da turma. Quantos foram poupados da morte? Quantos caminharam? Quantos ficaram para trás? Nós, então, estudaríamos a maneira de solidarizarmos objetivamente com aqueles que não tiveram a ventura, que tivemos, de ir ao banquete por sermos advogados prósperos, ministros de Estado, desembargadores, banqueiros, catedráticos, escritores famosos, embaixadores, donos de jornais, presidentes de Tribunais de Contas, como o Benedito Vaz Figueiredo em Mato Grosso e eu, aqui em Minas. Este sim, seria o coroamento das comemorações de nossas três décadas de formatura. De outro modo não vejo nenhum sentido na comemoração e na frase "Lembraí-vos da turma de 1937", imagem que agrada bem pouco à maioria de nossa turma e a muito poucos brasileiros".

Este foi o lamento de Vivaldi, um dos vitoriosos daquela ilustre galeria de homens íntegros, excepcionais brasileiros que colaram grau na emérita Faculdade do Catete no ano da graça de 1937 na Cidade Maravilhosa.

Voltemos ao moço Vivaldi, recém-formado.

Em Minas, a advocacia sempre andou de mãos dadas com a política. Quantas páginas primorosas em seu dramatismo sobre essa ligação de vida e de morte nos deixaram romancistas notáveis, como Mário Palmério de *Chapadão do Bugre* e *Vila dos Confins*, Geraldo França de Lima de *Serras Azuis*, Benedito Valadares de *Esperidião* e pelo menos um da terra de Vivaldi, Átila Brandão, com seu livro de contos *Histórias do Campo Largo!*

O jovem Vivaldi foi tocado pelo sonho de assentar banca e fazer o nome para abrir-lhe o ingresso na vida pública. Mas desde que tal desejo se realizasse na sua Minas. O sonho durou poucos meses apenas. Essa ligação de vida e de morte escreveu uma página dolorosa na sua família e marcou profundamente, para sempre, o coração do advogado. Um primo

querido foi covardemente assassinado em São Francisco do Glória, burgo da infância de Vivaldi, retratado no citado livro de memórias *O menino da Mata e seu cão Piloto*. O episódio de sangue deixaria marcas profundas na vida do jovem advogado. Por mais que ele e outros colegas representassem junto aos poderes públicos, o mandante e o sicário andavam à solta nas ruas de São Francisco do Glória, sob proteção da política local, humilhando a família Pio de Abreu-Moreira. Três anos depois, em 1940, exatamente quando Vivaldi estabelecia sua banca em Resplendor, ocorreu o desfecho da tragédia. Os irmãos da vítima, desprezados pela justiça, vilipendiados e ofendidos, tramaram a vingança. A Sicília reviveu no Glória. Um dos irmãos matou a tiros o mandante do crime. A honra da família enlutada fora lavada – a sangue. Muita gente na cidade aprovou a execução.

Mas Vivaldi, cultor da lei, jamais concordaria com este desfecho. E fechou a banca recém-inaugurada. É desse tempo – ele mesmo diria – a aparição de seus primeiros cabelos brancos e o início de sua calvície. Nem 30 anos tinha. Jamais voltaria a advogar criminalmente. Quando veio para Belo Horizonte, advogou apenas para a Associação Comercial, e por pouco tempo, porque o seu destino era mesmo o jornalismo e os livros.

Vivaldi instalou-se definitivamente na Capital de Minas, a chamado de seu amigo de infância, o advogado Luís Carlos de Portilho, já então com banca em Belo Horizonte e que se formara um ano antes, também no Rio, junto com outro colega de infância de ambos, Victor Nunes Leal, futuro chefe da Casa Civil na presidência de Juscelino Kubistchek e por este nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Vivaldi considerava Victor Nunes a mais luminosa inteligência jurídica de sua geração.

Ainda como advogado, há um episódio revelador do coração deste espírito invulgar cujo centenário celebramos, da sua integridade moral e da sua coragem intelectual.

O caso é que Vivaldi se encontrava como consultor jurídico da Associação Comercial quando ocorreu um dos mais importantes eventos daquela década na história de Minas e do Brasil. Refiro-me ao célebre *Manifesto dos Mineiros*, o primeiro grito nacional contra a ditadura Vargas. O célebre documento teve boa parte de sua gestação dentro da

Associação Comercial de Minas, pois diversos de seus signatários eram integrantes daquela entidade e amigos de Vivaldi.

Ressalte-se que, com a proibição da vida político-partidária no país – Congresso fechado, partidos políticos riscados do mapa, etc. – a Associação Comercial tornou-se em Belo Horizonte um substitutivo da Assembleia Legislativa. As sessões plenárias eram concorridas; os temas econômico-financeiros, abordados pelo viés da conjuntura política, isto é, da opressão e da falta de liberdades públicas então reinante.

O advogado e jornalista Vivaldi Moreira não figura entre os 93 signatários do histórico documento político. E ele veio a lamentar profundamente essa ausência. Retiramos de seu diário íntimo o que se segue. O Manifesto Mineiro é de 24 de outubro de 1943. Em seu diário, Vivaldi registrou, exatamente dois anos após, a 24 de outubro de 1945, portanto com o país já libertado da ditadura: “São 11 horas da noite. Retorno da cidade. Ouvi o alarido que faziam os políticos num restaurante do Edifício Mariana. É que os signatários do Manifesto aos mineiros comemoram, hoje, com um banquete, seu segundo aniversário de lançamento”.

E mais adiante ele registra: “É verdade que me absteve de incorporar o meu nome, sem nenhuma significação aliás, ao lado dos novos inconfidentes”. E ao explicar o motivo de sua ausência, surge então uma *persona* pouco conhecida de Vivaldi: a de “partisan”. Confessa o jornalista e advogado em seu diário: “Acreditava o rabiscador destas linhas que se não devia atacar o Grande Conspurcador a não ser pela frente, pela insurreição direta”. Vivaldi esmiúça essa posição extremista em duas páginas, para, mais adiante, concluir: “Disso tudo o que importa é que tenho a coragem de deixar aqui, neste diário, uma espécie de retratação, um pouco do meu arrependimento. Questão do modo de entender os métodos de combate. Reconheço hoje o meu erro”, admitiu o jornalista e advogado de 33 anos de idade.

Acontecesse de outro modo, teria sido Vivaldi o mais jovem entre os signatários do manifesto que teve o condão de arregimentar pela primeira vez as forças dispersas contra a ditadura. O lamento do moço foi sincero, como verdadeira foi sua coragem de dizê-lo em letra de forma,

pois dele Vivaldi deu publicidade num dos capítulos de seu livro *Glossário das Gerais*.

Assim Vivaldi Moreira a vida inteira: sincero e corajoso, na sua vida de advogado, de jornalista, na magistratura que veio a exercer no Tribunal de Contas, na conduta acadêmica, na vida pessoal.

Dele pode-se dizer: a advocacia militante perdeu um profissional ímpoluto e culto; o jornalismo e a cultura de Minas ganharam um de seus luminares da segunda metade do século passado. É o que ficará para a história.



## Da varanda

*Yeda Prates Bernis\**

Sempre aprendo lições com a natureza.

Ela é grande mestra.

Da varanda da fazenda, diviso um espetáculo de sons, cores e movimentos.

Ao longe, uma árvore exibe sua exuberante beleza, folhas em rendas, tronco robusto.

Vejo um pássaro pousado em um dos galhos. Trás em seu bico uns fiapos, que deposita ali, para iniciar sua construção de abrigo.

É um exercício de paciência e vontade que nos ensina a lutar com determinação pelo que almejamos construir em nossas vidas.

É um entra e sai sem cessar, sem esmorecimento, é seu objetivo de vida, o que faz, sem cansaço, sem desânimo, luta incansável.

É o João-de-Barro, prodígio de coragem e arquitetura em busca do cumprimento de seu destino.

Ao assistir a esta luta insana, lembro-me de Vivaldi Moreira. Uma grande identificação de ideais entre este pássaro e a luta de nosso Presidente Perpétuo.

O ideal norteou a vida deste homem.

Usou de todas as forças de seu ser, para concretizar seu sonho maior.

Não foi fácil sua tarefa, ao contrário. Desencantos, decepções, desapontamentos foram obstáculos encontrados no caminho.

\* Poetisa, autora de vários livros. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 6).

Foi afastando situações, atravessando barreiras, que nosso Mestre conseguiu edificar sua obra de imensa proporção cultural, construindo o que foi seu sonho de uma vida inteira.

E mais: foi um sonho de amplitude de visão que nos ofertou a todos os que comungam do interesse de cultura, inteligência e crescimento intelectual.

Vivaldi empregou toda a sua vida no exercício de edificação de algo que se tornou ponto de convergência da cultura mineira e brasileira.

Conseguiu com hercúleo esforço a aquisição para a Academia Mineira de Letras do Palacete Borges da Costa, primor de arquitetura neoclássica, na Rua da Bahia.

Não satisfeito com esta conquista, lutou e conseguiu construir o anexo, construção moderna, também de grande beleza, para expandir em larga escala, tudo que a cultura nos oferece, com constantes conferências de interesse geral.

Eis por que Vivaldi, com modéstia, simplicidade e devoção a seu ideal, é hoje o Presidente Perpétuo da Academia Mineira de Letras.



## Vivaldi – modelo de escritor

*Oiliam José\**

Em minha longa, mas comum vida acadêmica, tive a feliz oportunidade de ser Secretário Geral de nossa Academia.

Devo isso, principalmente, à generosidade de meus confrades, especialmente a Vivaldi Moreira, que dirigiu nossa Academia por cerca de 30 anos.

Por isso mesmo, pude vivenciar amplos conhecimentos da dimensão intelectual literária desses acadêmicos.

E, de modo especial, pude conhecer e louvar a magnífica e modelar riqueza da obra literária de Vivaldi Moreira.

Realmente, nesse conjunto literário e científico, manifestou-se um dos mais admiráveis escritores, tanto de Minas, como do Brasil. Vivaldi Moreira expressou uma cultura digna dos maiores louvores.

Ele brilhava pelo estilo modelar de seus numerosos e eruditos escritos tanto livros como publicações, que sempre representavam um fator de conhecimento literário.

Não se pode, também, esquecer que, no exercício da presidência de nossa instituição, ele ofereceu à Academia especiais fatores de magnífica natureza. Graças a isso temos, hoje, uma sede que representa prédio de admirado acolhimento. Também, à mesma autoria, devemos o Auditório, onde a Academia pode distribuir aos presentes riquíssimos conhecimentos

\* Professor, escritor, secretário honorário e decano da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 30).

literários. O Presidente Perpétuo Vivaldi Moreira viveu, assim, superando todas as dificuldades, até as maiores que surgiam na direção da Casa.

Quer isso dizer que ele contribuiu modelarmente para o crescente êxito literário vivenciado aqui. Mesmo quando alcançado pela moléstia não se omitiu no desempenho da presidência desta Casa. Ele merece ser lembrado saudosa e integralmente, pois Vivaldi Moreira viveu em plenitude para a modelar convivência de todos nós.



## Ressonâncias de um clássico

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos\*

Dotado de “humour”, Vivaldi Moreira exercitava essa qualidade com graça especial, o que não lhe alterava o perfil à primeira vista circunspeto de um intelectual talhado à moda clássica. Era o que queria ser: um clássico. E edificou-se como tal. Admirava os grandes ibéricos, de Vieira a Lope de Vega, dos quais partia para os franceses, em busca de Michel de Montaigne e de Foustel de Coulanges.

Teresa de Ávila o comovia, Machado de Assis era o demiurgo. Lia-os todos, anotando nas páginas dos volumes avidamente devorados, as quais recheava com recortes de jornais e revistas, além de pequenos cartões e lembretes. Aquele era o seu mundo, antigo como a cidade de Foustel, contudo novo como o orbe de Montaigne. Os modernos o aborreciam, as vanguardas o irritavam, e ele se divertia e se fartava na biblioteca repleta de clássicos.

No capítulo terceiro dos *Ensaio*s, Montaigne desvela sua intimidade: “Em casa, desvio-me um pouco mais frequentemente para minha biblioteca, de onde, com uma só mão, comando minha residência. Estou acima da entrada e descortino, abaixo de mim, o jardim, o galinheiro, o pátio e a maior parte dos cômodos de minha casa. Ali folheio, a tal hora, um livro, a tal hora, outro, sem ordem e sem objetivo, por trechos disparatados. Ora devaneio, ora registro e dito, caminhando, meus sonhos que aqui estão” (*tradução de Rosa Freire d’Aguiar*). É Vivaldi Moreira

\* Jornalista, escritor, prefeito de Ouro Preto. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 3).

que visualizo nesse trecho, a ler e escrever na biblioteca no fundo do pátio da casa da rua Professor Morais. O leitor tornado livro, um livro raro.

Homem das letras, teve que lidar também com as de câmbio. Foi alçado à chefia do gabinete de Magalhães Pinto, na Secretaria da Fazenda, quando Milton Campos governou Minas. O governo udenista era formado por gente de sua devoção. Os pessedistas, porém, não careceram dessa admiração, tanto Vivaldi se forjou na escola impoluta dos brigadeiristas quanto se doutorou nas artes da conciliação dos discípulos de Valadares.

Levado à corte de contas do Estado, presidiu-a com notável desempenho, marca que também deixou gravada na Imprensa Oficial.

A sagacidade política de Vivaldi Moreira dominou as eleições acadêmicas, de tal sorte que as conduziu invariavelmente à vitória de seus objetivos adrede definidos, ao largo de qualquer tentativa de surpresa. Consolidou a Academia e aprimorou-a na forma de um Senado não apenas literário, ao soletrar simultaneamente o alfabeto da mineiridade.

A composição de um diário lhe permitiu longa reflexão sobre as inquietações que animavam seu espírito e os desafios do tempo. Pensar, ler e escrever eram atos vitais, jamais suspensos, senão continuamente articulados numa sucessão dinâmica. Nem mesmo nos momentos em que se poderia permitir férias do “cogito”, obteve trégua do labor intelectual.

A Academia Mineira foi sua grande obra. Fascinado pela Casa de Alphonsus, procurou-a com fervor e passou a consagrar-lhe as energias requeridas pelo sodalício para vencer as dificuldades da sobrevivência institucional. Os esforços empreendidos, dia e noite, resultaram na instalação da Academia no palacete Borges da Costa e na construção do anexo desenhado por Gustavo Penna, que abriga o auditório que lhe tomou o nome.

Sonhou com a Casa de Machado de Assis como justa extensão do lar mineiro. Acabou maior do que o Petit Trianon ao dar a Juscelino Kubitschek a eleição que lhe fora tomada na Academia Brasileira. A homenagem ao estadista que tanto fizera pela cultura do país foi atitude de coragem, naquele período de exceção e arbítrio, revelando a sua inquebrantável resistência à injustiça.

Miguel de Unamuno, outra de suas preferências, ao arrolar um elenco de pensadores, disse: “Ha habido entre los hombres de carne y hueso ejemplares típicos de esos que tienen el sentimiento trágico de la vida. Ahora recuerdo a Marco Aurelio, San Agustín, Pascal, Rousseau, René, Obermann, Thomson, Leopardi, Vigny, Lenau, Kleist, Amiel, Quental, Kierkegaard, hombres cargados de sabiduría más bien que de ciencia”.

Nosso Vivaldi terá sido um seguidor dessa grei, ciente de que filosofar, querer convencer-se, querer violentar a própria natureza humana, segundo o autor espanhol, “suele ser el verdadero punto de partida íntimo de no pocas filosofías”. Tinha o sentimento trágico da vida, mas soube conservá-lo à luz solar, com a alegria de viver em plenitude. Empenhou-se em conhecer e sua sabedoria produziu o rico legado do qual a Academia Mineira se fez guardiã.



## Saudades de Vivaldi

Fábio Lucas\*

Acompanhei de perto a ascensão de Vivaldi Wenceslau Moreira no quadro político-literário. Bacharel em Direito pela Universidade do Brasil (1937), tentou aprofundar-se nas Humanidades, com a tese *Sociologia da Crise*. Ensaísta, ofereceu-nos a primeira coletânea com *A Fruta de Mársias* (1960) e, a seguir, *Navegação de Cabotagem* (1963). Teve grande atração pelo memorialismo, ao qual dedicou grande parcela da sua escrita. *O menino da Mata e seu cão Piloto* (1981) marca os seus primeiros passos de investigação e relato saudosista da experiência humana.

Secretário da Academia Mineira de Letras tornou-se, por algum tempo, fiel escudeiro do presidente Martins de Oliveira. Participante dos cânones acadêmicos, habilidoso e comunicativo, tornou-se presidente da Academia em 1975. Dinâmico, logrou instalá-la na sede atual, tendo conseguido edificar o salão moderno, em bela concepção arquitetônica.

Os membros da AML, em face da sua tenacidade e devoção, decidiram conferir-lhe o título de Presidente Perpétuo.

No ano do centenário do nascimento, toda a intelectualidade mineira rende seu preito de admiração a Vivaldi Moreira, grande conhecedor da História e da Cultura mineira, estimulador das vocações literárias a quem, homenageando, endereçamos o profundo sentimento de nossas saudades.

---

\* Escritor, crítico literário. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 22).

## Vivaldi Moreira e Ortega y Gasset

*Bonifácio de Andrada\**

Encontramos na figura de Vivaldi Moreira não apenas o grande organizador da Academia Mineira de Letras, mas ainda um pensador social, um intérprete da Sociologia que merece superior atenção. O seu livro *Conceito Sociológico* da obra de José Ortega y Gasset, publicado em 1951 como tema de concurso para a docência universitária, focaliza temas da mais alta validade no que diz respeito à Sociologia Moderna. O trabalho vai se fundamentar na interpretação do notável pensador espanhol, mas voltado para o problema da crise do nosso tempo, da sociedade em que vivemos e revela, ao longo das páginas, a sua ampla cultura para a investigação sociológica e filosófica. O trabalho voltado para Ortega y Gasset percorre outros sociólogos, pois menciona, com ênfase, Karl Mannheim, depois de passar pelas ideias dos clássicos gregos, mostrando as influências permanentes destes. Nas obras de Ortega y Gasset, sobretudo a *Rebelião das massas* publicada em 1930, e ainda as *Meditações de Quixote* em 1914, a primeira produção do grande pensador ibérico, além de *El tema de nuestro tiempo*, localizamos manifestações relativas ao problema das massas e aos conceitos básicos da vida social, com significativas observações de penetrante importância.

Todavia, Vivaldi Moreira se vale também, nas preliminares da sua obra, da presença indiscutível de Augusto Comte, que elabora as premissas

---

\* Advogado, professor, deputado federal. Ocupa a cadeira n° 15

da Sociologia como ápice do pensamento científico, quando faz a sistematização das várias ciências que menciona.

Vivaldi identifica, neste cenário científico, que Ortega y Gasset é mais um filósofo social, um pensador social, do que propriamente um sociólogo, o que comprova pelas diversas citações de suas ideias, revelando, porém, que ele consegue captar os dados da crise da nossa época de forma notável, indicando que a rebelião das massas representa o aparecimento de novos agentes da vida social que começam a alterar e mudar os diversos patamares da estrutura de nosso tempo. Descreve que esta crise não é plenamente de nosso tempo, pois busca suas raízes em épocas antigas que se encontram inclusive na Revolução Industrial, e sobretudo na Revolução Francesa, com o surgimento das modernas doutrinas a respeito do fenômeno social.

É interessante verificar que na obra de Vivaldi Moreira várias teses de Ortega y Gasset se identificam não apenas com o prestígio do livro *A rebelião das massas*, mas ainda há pesquisas em outros trabalhos que absorvem questões do progresso humano. Ortega, segundo o autor, nos leva à alternativa de sermos conduzidos no nosso tempo a uma situação de catástrofe ou de alcançar elevado desenvolvimento.

Vivaldi, citando Mannheim, fala do choque de conflitos e das atitudes de nossa época que fomentam crises generalizadas. Assinala ainda, segundo aquele pensador alemão, que tudo decorre de certas concepções que dominam o mundo atualmente, ou seja, o pensamento cristão, o pensamento liberal, o socialista, o marxista, e também o fascista. O estudo sobre as massas, segundo Vivaldi, revela esses conflitos que abrem à sociedade caminhos outros, permitindo que as camadas consideradas afastadas do mundo social, afastadas das elites e das classes dirigentes, adquiram elementos de liderança, trazendo fortemente consigo uma influência para mudanças bruscas, para modificações profundas e até mesmo para alterações de valores e atitudes nos meios sociais. Apoiar Ortega y Gasset quando este conclui que o indivíduo do nosso tempo está condicionado a sistemas que se sobrepõem à sociedade, e assim se inserem em novos modos de vida que, infiltrados no cenário atual, facilitam a rebelião das massas, criando

outros fatores nas estruturas sociais, a ponto de enfraquecer o prestígio das autoridades e dos governos.

Em capítulo especial, Vivaldi Moreira demonstra que Ortega y Gasset na realidade influenciou muito no pensamento das décadas de 20 e de 30, mas teve de exilar-se na Argentina quando da Revolução Espanhola, e logo depois em Portugal, para retornar a Madri só em 1948, percorrendo um roteiro de afastamento das crises que abalaram o seu país.

São clássicas as definições de Ortega y Gasset, aliás de fundo filosófico, como aquela básica em que fala "Eu sou eu e minhas circunstâncias", evidenciando que o "eu" individual se submete às realidades que rodeiam a existência do indivíduo, aquelas situações que compõem o quadro em que o indivíduo vive, alvo fundamental para compreender de fato o que ele é, quer dizer, a essência do seu próprio ser.

Também do pensador espanhol é aquela análise de que a vida humana nada mais é que colisões e conflitos, onde há uma forte procura de soluções voltadas para o futuro. De acordo com ele, o futuro é mais importante que o passado e o presente. O sentido de busca do porvir, de movimentação para o futuro é expresso no seu pensamento, o que Vivaldi Moreira focaliza com ênfase.

Em uma das conversas que tive com Vivaldi, nos seus últimos anos de vida, trouxe-me ele algumas observações, que julgo de muita coerência em relação ao nosso tempo, quando citou os avanços tecnológicos como introdutores de crescentes dimensões para uma visão nova da sociedade, com base na rebelião das massas. Hoje percebo que essas observações de Vivaldi Moreira têm toda razão, porque, na realidade, as tecnologias que vêm avançando no nosso tempo, sobretudo na área das informações, da Internet, da computação, envolvem algo que merece meditações especiais e significativas. Atualmente o domínio dos meios de comunicação permite que outros comportamentos das massas tendam a promover mudanças de atitudes dentro da sociedade, surgindo dessas técnicas de comunicação, às vezes desconhecidas, os inovadores produtos informativos como saites, blogues, tuíte. Essas aberturas comunicativas diversificadas para o homem atual provocam-lhe maior facilidade no

sentido de levar as ideias, opiniões e críticas aos cenários que escolher; constitui isso uma mudança realmente revolucionária, porque tais tecnologias não existiam há cinquenta anos. No passado, tal processo ocorria em parte subordinado a grupos menores de pessoas, que, na verdade, dominavam cem por cento as comunicações, ao contrário do que hoje ocorre com as redes informativas de ordem pessoal. As novas técnicas da Internet criam outro complexo de informações, constituindo inovadores meios de emissão e recepção de notícias, totalmente diferentes do que existia no passado. Verifica-se, portanto, a preocupação que Vivaldi Moreira tinha com as ideias de Ortega y Gasset e de outros pensadores, que o seu livro focaliza com inteligência. De fato, a leitura nos conduz à ideia de que a crise na sociedade continua se alargando, e que dia a dia buscará exigentes soluções para as demandas dos indivíduos.

Vivaldi Moreira, depois de percorrer o pensamento de vários sociólogos e cientistas sociais do nosso tempo, como Vilfredo Pareto com a sua teoria da circulação das elites, e figuras como Talcott Parsons, Marx, Heidegger, Husserl, Max Weber, revela também a crise atual da sociologia e implicitamente mostra a força da filosofia social. Nesse estudo, Vivaldi faz observação de expressivo interesse, quando diz que a história se revela como uma crise de várias fases e de mudanças decisivas. Para Vivaldi o indivíduo, citando Ortega y Gasset, é uma experiência histórica, ou repetições físicas que o ritmo dos acontecimentos precipita, atropelando o curso natural da vida. Apoia essa assertiva com o pensamento de Francisco Ayala, outro pensador espanhol. E quando Vivaldi Moreira focaliza as realidades hodiernas, mostra que Ortega em sua obra dá ênfase aos aspectos históricos, e faz uma distinção bem significativa ao demonstrar que, no tempo, a vida é temporária, diferente da vida histórica que todo homem tem ao seu redor, sob condicionamentos que lhe dão sentido especial dentro da própria evolução humana.

Focaliza ainda a questão das gerações em Ortega e indica que, segundo ele, estas são diferenciadas umas das outras, e até sustenta que uma geração se mede por cerca de quinze a vinte anos em relação à outra.

Mas não podemos deixar de dizer que o posicionamento de Ortega y Gasset, mencionado por Vivaldi, é sempre uma reação ao racionalismo, embora em desacordo com o que ouviu na universidade alemã onde estudou, em Marburgo, sob o domínio das teses de Kant. Para Ortega não se pode entender a razão sem a vida. A razão é um instrumento do viver, é um instrumento da vida. A vida é que permite o conhecimento e o desdobramento do pensamento racional. O conceito de vida em Ortega, como mostra Vivaldi Moreira, constitui a base da sua compreensão e da sua concepção filosófica e sociológica. Como anteriormente registramos, nos seus primeiros tempos Ortega define o "eu" como sendo o "eu e suas circunstâncias", e nisto a atitude de oposição ao racionalismo, pois as circunstâncias é que realmente permitem a explicação e a definição do homem dentro do cenário do universo. Há, assim, em Ortega um vitalismo bem diferente daquele que conhecemos em Henri Bergson, porque é um vitalismo, um utilizador da razão, sem falar em intuição como aquele filósofo francês.

É interessante que Ortega mostra que a vida nos seus primeiros momentos, como experiência, permitirá o aparecimento dos instrumentos racionais para se compreender a realidade e desenvolver-se, pois que o homem é um ser que através da vida cresce, se movimenta e enfrenta os desafios para alcançar o futuro. Para Ortega o futuro é o mais significativo na linha da existência e a sua visão, portanto, nos dá assim uma análise diferente dos filósofos tradicionais, pois que toda a sua filosofia, como já disse, se radica no conceito da vida e nela é que está a base capaz de compreensão do mundo e da própria realidade social.

É interessante a história de Ortega y Gasset, porque embora tendo nascido na Espanha como representante autêntico da intelectualidade ibérica, teve que largar a sua terra logo após a guerra civil. Voltando à sua pátria em 1948, não se afasta das preocupações intelectuais, promove estudos e cria o "Instituto de Humanidade", que se torna centro de sugestões filosóficas de alta repercussão na Espanha, influenciando em outros países. É interessante verificar em Ortega, como observa Vivaldi Moreira, o quanto se interessava pela sua nação, pela Espanha, nos seus raciocínios, e, sobretudo nas suas obras e nos seus escritos, porque não só publicou

livros, porém teve intensa participação no jornalismo e nas redes de discussões dentro de sua comunidade, em Madri.

A obra de Vivaldi Moreira tem muita atualidade, embora escrita na década de 50. Como pensador de alto quilate, focaliza temas valorosos e colabora com a divulgação das teses que Ortega defendeu, sobretudo no referente à rebelião das massas, à importância da defesa dos valores cristãos e dos princípios mais relevantes para se alcançar o equilíbrio que a democracia pode oferecer.



## Vivaldi Moreira e a paixão pelos sebos

Danilo Gomes\*

*“Buquinemos, amiga, neste sebo.”*

(Carlos Drummond de Andrade, *Viola de Bolso*)

A paixão pelos livros madrugou no Menino da Mata com seu cão Piloto, desde a Fazenda do Tanque, em São Francisco do Glória, então distrito de Carangola, MG. Menino e moço, homem feito e já casado com D. Brante, e depois já dobrado o Cabo dos Oitenta Anos, Vivaldi Wenceslau Moreira (1912-2001) dedicou sua vida à família, aos amigos, ao trabalho, aos livros e à Academia Mineira de Letras, cujos membros o aclamaram, merecidamente, Presidente Perpétuo.

Em meio a diversificada colaboração acadêmica pretendo focalizar o Dr. Vivaldi Moreira apaixonado pelos livros e, em especial, pelos livros velhos, encontráveis em sebos, alfarrabistas e antiquários daqui e d'além mar:

Conheci o Dr. Vivaldi nos idos de 1962, na Livraria Itatiaia Editora, na Rua da Bahia, Belo Horizonte. A Itatiaia, sob a direção do poeta Édison Moreira e do editor Pedro Paulo Moreira, (ambos irmãos do saudoso acadêmico) era ponto de encontro de escritores, jornalistas, profissionais liberais, poetas, boêmios, historiadores, políticos, artistas

\* Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 1).

plásticos, professores de Direito, Medicina e outros ramos, pessoal ligado ao teatro e cinema, notórios frequentadores de colunas sociais. Jovens, maduros e idosos ali “batiam ponto”: muitos “batiam ponto” também na famosa Gruta MetrÓpole, do Jéferson Pinto.

Os irmãos Édison, Pedro Paulo e Vivaldi pontificavam na ilustre e buliçosa livraria, que não poderia se livrar das escaramuças ideológicas de antes e depois de 1964. Burburinho dos clientes, lançamentos de livros, galeria de arte lá nos fundos, grandes amizades de livro e copo, alegres manhãs de sábado.

Mas onde anda o Vivaldi, amante público e notório dos sebos? Ora, num deles, uai! Quando não está em casa, no trabalho ou na Itatiaia para dois dedos de prosa com os amigos, Vivaldi deve estar lá na livraria-sebo do Amadeu Rossi Cocco, na Rua Tamoios, a percorrer estantes em busca de edições antigas e raras, tesouros escondidos sob a pátina da leve poeira. Ele e Amadeu eram muito amigos. (Mas quem não gostava do Amadeu, o deão dos alfarrabistas mineiros, quiçá brasileiros, meu saudoso contrerrâneo marianense, que viveria mais de 90 anos?).

Vivaldi Moreira passou a vida correndo atrás de preciosidades bibliográficas, impressões esgotadas, edições “princeps”, como um monge medieval na vasta biblioteca do mosteiro ou um sábio árabe nas bibliotecas de Damasco e Istambul ou um pesquisador atento da Biblioteca de Alexandria do tempo dos Ptolomeus e do belo, majestoso Farol.

Com seu instinto aguçado para a relíquia encoberta, com sua cultura humanística alicerçada nos clássicos, em Unamuno e no essencial Montaigne, o Dr. Vivaldi Moreira não escondia a satisfação mais profunda, lustral, quando encontrava a “pérola” procurada com afinco, no paradisíaco cipoal da livralhada.

Em suas viagens, nosso saudoso escritor não perdia tempo no seu afã “sebístico”. Em São Paulo vasculhava, como um Sherlock Holmes, as prateleiras de sebos famosos, como o Brandão, o Ornabi, o Calil, o Learte (do seu amigo escritor Carlos Heitor Castello Branco) e outros.

No Rio, como um Indiana Jones, percorria sebos fantásticos: a Livraria Kosmos, a Elizart, a Winston, o Velho Livreiro, a Antiquário, a Império, a Livraria Camões, a Livraria Brasileira e tantos outros, na Rua

da Carioca, na Regente Feijó, na Buenos Aires, na Miguel Couto, além da célebre Livraria São José, do seu bom amigo, o legendário Carlos Ribeiro, que se intitulava “o mercador de livros”.

Percorrer os sebos era o seu capitoso prazer solitário.

Ler, escrever, buquinar em busca de eldorados gráficos: tal foi o nobre destino de Vivaldi Moreira. E seu legado, além dos notáveis livros que ele próprio escreveu.

Em viagens pela Europa, às vezes em companhia do colega bibliófilo Dr. Fausto Alvim (pai do poeta e embaixador Francisco Alvim, o Chico Alvim de poemas antológicos), Vivaldi Moreira não tinha sossego. Saía a buquinar pela parisiense Rive Gauche, pelas ruas e ladeiras de Lisboa, pelas vias da Roma Eterna (um *Guia de Roma* foi escrito e publicado pelo seu filho José Maria Moreira) e por onde mais andou neste mundo: Ceca, Meca e olivais de Santarém, Oropa, França e Bahia...

Buquinar: eis um verbo que ele declinou por toda a sua fecunda vida de apaixonado pelos sebos.

Quando o pobre e vetusto livro chegava do sebo em pandarecos, “em petição de miséria”, coitado, recebia do Dr. Vivaldi “tratamento hospitalar” condigno: direto para a restauração! Nosso saudoso autor montou, na Academia Mineira de Letras, uma oficina de recuperação dos volumes maltratados pelos homens e pelo tempo. Ele os restaurava pessoalmente, com um prazer de monge beneditino bibliotecário. Muitas vezes, nessa labuta, contava com o valioso adjutório da Imprensa Oficial, do Bené (da Rua Alpes), de D. Lívia Paulini e de D. Terezinha Santos, enquanto Marília Moura Guilherme lia para ele o livro que ele estava lendo em casa, à noite – ele não podia mesmo perder tempo, ciente de que, como escreveu o poeta latino, “foge o tempo irreparável”.

Quando o Dr. Vivaldi Moreira vinha a Brasília, ele e D. Brante hospedavam-se na casa do filho escritor e jornalista Pedro Rogério, a esposa Yara e o filho José Maria. Sexta-feira, à noite, Dr. Vivaldi me telefonava, combinando a hora em que eu o pegaria no dia seguinte, no meu velho Monza preto, para a habitual peregrinação pelos sebos da cidade que seu bom amigo Juscelino Kubitschek havia fundado. Por volta de 9 da manhã de sábado, lá estava eu, na casa do Pedro Rogério, o nosso

Pedrim. O Dr. Vivaldi já estava a postos, de terno, gravata e o elegante chapéu de feltro, pronto para a corrida aos livros velhos. E rumávamos para o objeto de nossa comum paixão: os sebos!

Devido à exiguidade de tempo, percorríamos apenas dois. Um, era o Sebinho de Livros, da saudosa D. Eura César de Oliveira e sua nora Cida Caldas, formada em Letras; o outro era a Livraria Pindorama, de propriedade do mineiro Décio Murilo Drummond. Naqueles dois ambientes de livros velhos a mancheias, o veterano bibliófilo das Minas Gerais entrava em estado de bem-aventurança: um caçador de tesouros de Literatura, História, Filosofia, Sociologia, Direito, Folclore, Mitologia, espírito enciclopédico que era. Às vezes me chamava, para proclamar um achado, comentar uma edição que o encantara contar um caso ou outro, com aquele senso de humor que o caracterizava. Que boas gargalhadas na medida certa!

Sabia negociar com D. Eura e com o Décio: falavam a linguagem dos alfarrabistas. Nosso autor saía dessas andanças vitorioso, como Cid, El Campeador... Feliz da vida, com grandes pacotes de livros, com seu chapéu de feltro e sem jamais perder a britânica elegância.

A década de 1990 findava. A vida do nosso escritor ia também chegando ao inexorável encontro com a Velha Dama...

Grande parte de seus livros ele doou para formar bibliotecas na sua natal São Francisco do Glória, em Muriaé e outras cidades. Grande parte de seu acervo seria doado por ele à Academia Mineira de Letras. Foi um colecionador e um generoso doador, um verdadeiro mecenas.

A paixão de Vivaldi Moreira pelos livros encontra parêntese em nomes ilustres, como José Mindlin, Brito Broca, Rubens Borba de Moraes, Plínio Doyle (o dos memoráveis sabadoyles, no Rio), Octávio Tarquínio de Souza e sua mulher Lúcia Miguel Pereira, Amílcar Martins, Eduardo Frieiro, Wilton Cardoso, Lauro Pacheco de Medeiros, Ayres da Matta Machado Filho, Mário Casasanta, Manuel Casasanta, Mário Mendes Campos, Hélio Gravatá, Euclides Marques Andrade, Edson Nery da Fonseca e outros, entre os quais presto aqui também minha homenagem ao modesto, discreto e já falecido Manuel Esteves, o esquecido autor do delicioso livro *O Ex-Libris*, mineiro de Grão Mogol.

Os bibliófilos formam hoje, na era da internet e da Apple, uma confraria mais vasta do que se imagina. Neste tempo de videolivro e outras novidades e ingresias eletrônicas, os adeptos dos sebos (mesmo virtuais) e os bibliófilos continuam atuantes. O objeto livro de papel parece-me que não morrerá jamais ou tão cedo, apesar de toda a tecnologia desembestada que a todos atropela e espanta pela velocidade, embora se lhe reconheça o lado positivo. Não sejamos radicais: os radicais tangem o fanatismo, livrai-nos deles, Senhor!

Há alguns anos, o mineiro José Salles Neto fundou, aqui em Brasília, a Confraria dos Bibliófilos, que publica belas edições ilustradas de livros clássicos e até já fora de mercado, esgotados. O Dr. Vivaldi Moreira por certo aplaudiria a iniciativa e entraria no seletto círculo de devotos laicos.

Nós, os aficionados dos sebos, nos recusamos a desaparecer da face da Terra. Queremos continuar desfrutando do prazer solitário da leitura dos livros de feição gutenberguiana.

Sempre haverá, resplendendo, a presença icônica e tutelar, a lição magna, o exemplo imortal de um escritor e bibliófilo como Vivaldi Moreira. Hoje e para sempre.

O Salmo 103 dá um tom poético à morte. Quase lírico, arcádico, virgiliano. Salmodiemos, irmãos, como numa capela solitária, como na Serra da Piedade, como no Caraça, como no mosteiro dos beneditinos nas proximidades de Belo Horizonte:

*“A vida do homem é como a relva, como a flor do campo. Apenas roça-lhe um vento, e já não existe.”*

Mas eis que o espírito é imortal, sempre em evolução, amparado e iluminado pelo Espírito Santo Paráclito, que sopra sobre as águas.

Vivaldi Moreira sobreviveu ao vento frio da morte e nos transmite sua luz perene, imortalmente.



## Um autêntico humanista

*Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho\**

Vivaldi Moreira foi um autêntico humanista, muito influenciando a cultura mineira. A imortalidade de que goza nas províncias das Letras correspondeu a seus atos magníficos a favor da literatura de nossa terra.

A dedicação à Academia Mineira de Letras, à qual consagrou boa parte de sua vida, mormente na presidência deste silogeu da intelectualidade brasileira, foi tão absorvente que sua existência se confundiu com esta notável Instituição.

Seu espírito voltado para o cultivo das humanidades acendeu nele o esforço para as grandes batalhas da ideia no jornalismo, tendo elaborado e publicado milhares de artigos, mostrando-se um escritor primoroso.

Isto o levou a editar vários livros e se tornar cofundador da Livraria Itatiaia.

A ele se deve, outrossim, a organização da Biblioteca da AML.

Por tudo isto reuniu em torno de si uma plêiade de homens ilustres que, por sua sabedoria transcendente, se mostraram um brasão das tradições literárias de Minas Gerais, acadêmicos respeitáveis, rasgando caminhos para intelectuais de todo o país.

Vivaldi Moreira foi um indefesso cultor dos livros e, por isto, se tornou admirável como um polígrafo digno de encômios, patenteando o amor à leitura das obras clássicas, hoje em dia tão menoscabadas.

---

\* Sacerdote e escritor, da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 12).

Dentre seus 20 livros se destacaram *Glossário das Gerais e Milton Campos, Política e Letras*, obra reeditada pelo Senado Federal por ocasião do centenário deste inesquecível político.

O saudoso acadêmico se mostrou um sábio leitor, não demonstrando nunca uma vertigem compulsiva por mais que desejasse percorrer, sobretudo, também os *best-sellers* que iam surgindo. Sempre foi visto às voltas com algum livro. Esta era sua vocação inata e é a vocação que faz a individualidade, destaca os méritos, amplia e duplica as percepções, oferecendo uma vivência profícua, por apresentar uma visão ampla do cosmos e dos seres humanos.

Sem se deixar ensandecer diante das estantes, leu com discernimento milhares de boas produções, nunca sendo um literalista banal, mas penetrando fundo nas mensagens recolhidas com precisão.

Procurava na literatura não suas características prosaicas, mas era seu *nutò continuo* reconhecê-las e compreender o que elas significam. Daí o motivo pelo qual nunca foi superficial e dispersivo. Ele possuía uma sedução profunda pelos livros, mas intentava captar a essência da comunicação de cada autor. Não esperava nunca uma resposta definitiva para suas reflexões, sabedor que é insaciável o espírito humano na busca de suas indagações. Ele sabia explorar as múltiplas relações que se entrecruzam nas páginas que lia e apreciava.

As bibliotecas nunca foram para ele um mero repositório de curiosidades e, por isto mesmo, fez sempre uma triagem perfeita dos volumes recebidos pela AML, nos quais os consulentes têm deparado os segredos de um sólido conhecimento. Ele considerava a biblioteca como um templo sagrado onde os livros devem ser tratados como essências cristalinas e preciosas.

Vivaldi Moreira não queria apenas ostentar coleções renomadas ou obras raras, mas que os livros fossem sempre objetos do desejo de se crescer no saber.

Eis por que doou para a Academia sua biblioteca particular com cerca de vinte mil volumes (1). Esta biblioteca prima antes de tudo pela qualidade mais do que pela notável quantidade de livros. Estes, no seu conceito, deveriam favorecer sempre determinados objetivos culturais.

Grande era sempre o seu júbilo ao receber preciosos volumes ofertados, enriquecendo o acervo bibliográfico da AML. O acadêmico Dom Oscar de Oliveira, por exemplo, foi um dos que muito contribuíram para esta Biblioteca, inclusive entregando pessoalmente a Vivaldi Moreira a valiosa obra de Egidio Forcellini intitulada *Totius Latinitatis Lexicon*, que especialmente trouxera de Roma.

A radiante obra literária de Vivaldi Moreira foi se transformando em pura glória, por ter sido ele um grande arquiteto da expressão verbal, um admirável artista da palavra. Sua escrita e sua fala eram altíloquas, tersas, harmoniosas, lustrosas.

Fez-se orago e mentor não só dos inúmeros acadêmicos da AML, mas também de centenas de cultores da Língua Pátria, os quais não se vergam ao sopro da anarquia gramatical que tantas vezes tenta deslustrar a “última flor do Lácio, inculta e bela”.

Muito admiradas foram a pureza e a beleza de seu estilo. Sua linguagem era simples, fluente, precisa, iluminada por uma maravilhosa riqueza verbal.

Ele soube mostrar nos seus escritos e no seu amor à literatura que a glória da arte literária está no fato de ser ela antes de tudo e sobretudo uma vestidura na luta pela grandeza da pátria. Para ele, esta arte foi diuturnamente o sinal esplendido do pensamento, a forma lúcida da ideia.

Foi, na realidade, um escritor adamantino, literato de rijeza e lume na frase, salientando-se os fogos do seu pensamento repleto de sabedoria, alicerçado na sua profunda formação filosófica. Eis as palavras de um grande amigo seu, o escritor e político Pedro Maciel Vidigal, que assim se expressou: “Jornalista, ensaísta, historiador, memorialista e conferencista, Vivaldi Moreira, na História da cultura mineira, conquistou merecido lugar de destaque, que é motivo de orgulho para ele e para todos os seus amigos, admiradores e contemporâneos, entre os quais eu estou” (2)

Adite-se que as convicções políticas de Vivaldi Moreira resumaram, realmente, vigorosas nos seus artigos que trasladaram exuberantíssimas mensagens de probidade e de sumo respeito pela coisa pública. Jamais transigiu com sua consciência dada ao rigor de suas atitudes e de sua

austeridade ética. O sentimento da moralidade e a paixão da justiça predominaram absolutamente neste homem sério e sincero. Ele jamais condescendeu com as incoerências dos maus políticos, os quais flagelava implacavelmente, exaltando, por outro lado, os bons homens públicos com os quais sempre procurou conviver. Seus escritos traduziram ininterruptamente o ideal da verdadeira democracia, da qual era indefesso defensor, incansável trovador.

Foi seu entranhado amor à AML, com a qual se identificou, que fez com que ele conseguisse para a mesma uma sede condigna de tão importante entidade. Ele sabia transmudar ideias em fatos concretos.

Vivaldi Moreira, autêntico humanista, patenteou assim, admiravelmente, como a formação do espírito humano pela cultura literária é importante para a autorrealização e para rasgar horizontes fulgurantes para a sociedade.



<sup>1</sup> Cf Efemérides da Academia Mineira de Letras, organização dos acadêmicos Oiliam José e Martins de Oliveira, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1999, p. 237.

<sup>2</sup> VIDIGAL, Pedro Maciel, *No horizonte da imortalidade*, Belo Horizonte. Editora *O Lutador*. 2001, p. 249.

## Lembranças de Vivaldi

*Elizabeth Rennó\**

Na preservação de sua autonomia e identidade e compartilhando os valores mais profundos de missão educativa, encontram-se as Academias de Letras, cujos estatutos posicionam os deveres inerentes.

Nos jardins de *Academus*, no Louvre, nas agremiações culturais de pequenas cidades e nas Academias de Letras, sempre se tentou estabelecer o clima de harmonia intelectual que só se conquista pela palavra.

Os valores de um passado cultural se presentificam na vivência do espírito acadêmico, pelas manifestações literárias, na conquista de uma consciente modernidade sem apelos ou política, que as façam sóbrias e louvadas.

Da primeira pedra colocada, ergueu-se o conjunto primoroso de uma Academia de Letras para a edificação da Palavra. De seu nascimento em Juiz de Fora, a 25 de dezembro de 1909, por iniciativa de Machado Sobrinho, a Academia Mineira de Letras, em sua trajetória cultural e humanística, tem sido palco de acontecimentos atuantes nas áreas das letras e das artes.

Vários e ilustres intelectuais participaram desse crescimento, destacando-se, entre muitos que dignificaram o *corpus* da instituição, Martins de Oliveira, Álvaro da Silveira, Carlos Góes e uma série de diretorias a se sucederem diligentes na administração técnica, administrativa e cultural, continuação de uma realidade na afirmação de sua identidade e cidadania.

\* Mestre em Literatura Brasileira, escritora, presidente da Academia Municipalista de Letras. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 21).

Lembremos Vivaldi Moreira, o Presidente Perpétuo, que dirigiu a entidade no período de 1975 a 1998. Ele possuía verdadeira paixão por esta Academia, a lhe correr nas veias, e muito lutou para que da pedrinha inicial surgisse o penedo da literariedade e grandeza, que ostenta hoje.

A marca de sua atuação continuou sob a direção de Murilo Badaró, Miguel Augusto Gonçalves de Souza e Orlando Vaz Filho, atual presidente, que se empenharam na preservação das conquistas alcançadas, ampliando a área de atividades culturais.

Uma academia repetitiva em suas reuniões apresentadas como mero desfile de textos, não encarna aquela totalidade de que fala Henry James: um ser vivo e contínuo e uno e como um corpo, seus elementos devem funcionar em integração.

Vivaldi Moreira, escritor, ensaísta, memorialista, é figura obrigatória quando entra em julgamento a Cultura, a de Minas principalmente, onde organizou uma biblioteca de livros e de homens, que se tornam seres-depoimentos subjacentes à produção e à vivência próprias e inerentes ao conjunto que representam.

Como agente propulsionado pela energia que internalizou, abrange este universo de autores e obras, participando de sua criação, que continua a se propagar, como reflexo cultural de orientação e afeto.

Nas tardes festivas, no Auditório Vivaldi Moreira, o Presidente Perpétuo da Academia Mineira de Letras, cuja paixão era o Belo, o belo da literatura, o belo da poesia, o belo de teor místico, o belo da amizade, está presente.

A lembrança de sua voz e de sua figura está inserida nesse espaço edificado com trabalho e perseverança. Ali, tudo fala dele: cada porção de mármore, os vidros a circundarem o edifício, a placa com seu nome, a mesa imponente, a graça e a beleza de um jardim que se transfigura e reflete a imagem de um cultor das letras.

Esse espírito privilegiado adotava como norma o que Omar Khayam pregava em suas *Quadras*:

*Que a tua sabedoria não seja humilhação para o teu próximo. Guarda domínio sobre ti mesmo e nunca te abandones à cólera. Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere. Não firas ninguém.*

Para Vivaldi Moreira, mestre do saber e da humildade, é preciso coragem para escrever, o que, às vezes, pode faltar para enfrentar o futuro e desafiar a posteridade.

Cumprimentando a Academia Feminina Mineira de Letras, assim afirmou em certa ocasião:

*Com a Academia Feminina Mineira de Letras muito aprendemos e temos trilhado o caminho da Literatura de maneira harmoniosa e amiga, desde o dia em que convidei as Acadêmicas para se fixarem no prédio da Academia Mineira de Letras, estabelecida como a sede da cultura mineira.*

Procuremos seguir o seu conselho ao compreender que a busca do saber e da experiência pelo trabalho de equipe, desinteressado de honrarias ou vaidade, é dom e esforço para se obter a realização pretendida através do apostolado das Letras.

Para Salomão, a Sabedoria é um tesouro inexaurível e aquele que a sabe usar, como um dom que lhe é dado, estreita sua amizade com Deus, seu guia e orientador, e recebe a instrução desta artesã de todas as artes.

Vivaldi Moreira criou a Universidade Livre, da qual sentia imenso orgulho.

Lembro-me da sua incansável busca para conseguir palestrantes, que sempre se apresentavam prestimosos com palestras dignificantes. Algumas vezes, improvisava sessões com comentários de livros ou leitura de poemas, das quais participei. Não se deixava a quinta-feira sem sua sessão literária. Era presença obrigatória e imprescindível em todas as aulas, como ele as denominava. Apesar do esforço que se torna necessário

para sua organização e dos imprevistos que se têm de contornar, é para mim grande honra continuar esta missão.

Como autor de memórias, Vivaldi Moreira evoca, a partir de fatos, parte de sua vivência presentificada. Revive o seu eu interior, objetivando-o, e passa a criar vida como pessoa independente. Rememorando passagens e personagens reais, olha para um passado percorrido na cosmo-representação de um mundo histórico e definido.

Na decodificação da mensagem humanística, o autor conta a sua história e a dos outros, como testemunha do relato, indicando a seus leitores atos conscientes, reprovando ou acatando o ocorrido.

Lembra-se que o texto memorialista aborda também a ficção, pelos sentimentos despertados ou pela imaginação criadora.

Vivaldi Moreira, observador minucioso da política, da literatura e dos acontecimentos que viveu é um narrador onisciente e não disfarça o passado ou a verdade sob o manto da fantasia.

Na multiplicidade dos signos, impõe fisionomia própria na busca da identidade da natureza humana. Apresenta o mundo como um texto a ser decifrado pela História com seus monumentos físicos, humanos e poéticos.

A poesia povoa a sua criação literária, na complexidade de ser a grande metáfora, explorada pela sua linguagem, por vezes lírica e subjetiva.

A representação do mundo como texto faz com que se intercalem as imagens, sejam as dos signos das palavras ou das que retratam os objetos, como obras de arte visual ou pictórica.

A História passa a ser um texto produtor de textos, de que participam todas as classes sociais.

Na era da modernidade, as mudanças são tão rápidas que o futuro se converte em passado. O poeta ou o escritor já não é o autor: é o reflexo das diversas vozes que se convergem para o texto; é a voz da linguagem, é a voz de ninguém, é a voz de todos.

No Eclesiástico, nas palavras de Jesus, filho de Eleazar, filho de Sirac, encontramos:

*Um amigo fiel é um refúgio poderoso,  
e quem o encontra achou um tesouro.  
Amigo leal não tem preço,  
e nada se iguala ao seu valor.  
Bálsamo vital é o amigo fiel;  
Os que temem a Deus são constantes na sua amizade,  
Porque qual é ele, tal é também o seu amigo.*

É o amigo Vivaldi Moreira, que relembro nestas palavras, escritor de linguagem castiça, poeta das metáforas humanas, humanista, memorialista, construtor de monumentos físicos e culturais, crítico sagaz e ferino, afetuoso e terno com sua família e amigos, administrador e político, mestre da Cultura e incentivador dos novos escritores.

Seguindo suas diretrizes, nós das Academias de Letras, plantemos a semente da confiança no futuro brasileiro, pela nossa contribuição, como artífices do fazer literário, na divulgação de páginas de conteúdo formativo para que luzes se façam realidade em escuridão vivencial.

Que se possa valorizar o Bom e o Belo do nosso contexto e que o acréscimo lhe seja dado pela participação, pelo desejo de implantar à nossa volta, no nosso meio, as verdades eternas e o agir certo, como propósito continuador da valia do caráter inquebrantável da montanha que nos acompanha.



## Vivaldi, menino da mata, e seu cão Loide

Fábio Proença Doyle\*

Vivaldi Moreira era um ser humano admirável. O adjetivo não é apenas um elogio formal. Expressa o conceito que sempre fiz dele, e não apenas eu, acredito que todos os que tiveram a felicidade de conhecê-lo, e de com ele conviver, pensam da mesma forma.

Era um homem excepcionalmente culto. Um escritor talentoso, um orador primoroso, um intelectual do mais alto nível. Um cidadão inatacável em sua postura, em todas as muitas e importantes atividades que exerceu, na vida particular e na vida pública.

Mas Vivaldi, permito-me destacar, era acima de tudo um homem extremamente bom, cordial, sensível, amigo leal e sincero, justo e humano.

Sua obra literária já foi analisada com competência por escritores e críticos não apenas da nossa Minas Gerais, mas de todo o país. Seu nome é conhecido nacionalmente, e sua eleição para a Academia Brasileira de Letras já estava acertada, quando o destino o levou.

Fui sempre seu amigo. E admirador. Já escrevi sobre ele algumas vezes. Agora, nas vésperas do centenário de seu nascimento, fui convidado a dar mais um depoimento para a *Revista* da nossa Academia, abordando,

---

\* Jornalista, escritor, 1º secretário da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 10).

diz o convite, “a figura, a produção literária e a preciosa contribuição do saudoso homenageado para a cultura mineira”.

Não sou crítico literário, apenas e meramente um escrevinhador veterano, que há mais de 40 anos publica seus artigos e ensaios na imprensa. Vivaldi, para mim, era tudo aquilo que relatei aí em cima. De sua obra, duas dezenas de livros editados, o que ressalta, além do estilo, da qualidade do texto, é o tom ameno, cordial, afetuoso com que ele fala de pessoas e de acontecimentos. Vivaldi, no meu modo de ver, era antes de tudo, nos seus escritos, um memorialista. Dos melhores, mais completos, mais detalhistas, que nossa literatura já produziu. Um Pedro Nava, do mesmo nível, do mesmo padrão, mas acentadamente mais doce do que o grande escritor mineiro, que foi também uma de suas admirações.

Para definir e entender bem o que o ser humano-literário Vivaldi Moreira foi, aconselho a quem não leu, que leia o, no meu juízo, seu melhor livro: *O menino da Mata e seu cão Piloto*. Nele, nas suas páginas, surge nítido o Vivaldi que eu conheci, sensível, emotivo, humano, bom. Eu me incorporei ao que ele descreve nas páginas do volume, que guardo, com os demais de sua autoria, em minha biblioteca. Certamente pela afinidade que descobri entre nós dois, ambos profundamente ligados aos que reconhecemos como os nossos maiores amigos. O dele, o Loide, que o acompanhou na infância e na adolescência lá em sua Fazenda do Tanque, em São Francisco do Glória. O que me fez lembrar a Diana, de minha infância, do Rin-tin-tin e da Lady, da infância de meus filhos, e do Bê e do Du, os *yorkshires* que alegrem e fazem companhia a minha neta Fabiana, e também, a mim.

A história do Loide de Vivaldi, que inspirou o título do livro *O menino da Mata e seu cão Piloto*, com origem remota na fábula conhecida que sua mãe lhe contava na infância, está na primeira parte do volume. É das mais bonitas, mostrando a sensibilidade do autor. “É um prazer falar aos outros dos tempos felizes, dos tempos em que éramos felizes e ignorávamos nossa felicidade”. Como se vê, o memorialista surge permanentemente na obra do mestre admirado. “Aqui se narram as aventuras inocentes de um menino cheio de sonhos”. Um menino e seu

cão Piloto, na verdade, seu cão Lóide. “Um cachorro exemplar pela inteligência e fidelidade”. A história de Piloto, contada por sua mãe, o comovia “até às lágrimas”, confessa Vivaldi, que recorda a velha fábula do menino abandonado pelos irmãos mais velhos dentro da mata, e do cachorro que surgiu e que o acompanhou na solidão até encontrar a casa de uma velha senhora, que descobriria ser sua avó. Emocionado, ele rememora detalhes da história, como a mudança da sorte do garoto, que se faz homem próspero, que ajuda os irmãos, que não se livraram da pobreza, oferecendo-lhes a bondade em lugar da maldade, o perdão substituindo a vingança.

Vivaldi Moreira revela que a história, contada e repetida por sua mãe, ensinou-lhe “o valor da lealdade, da benignidade, da clemência, da brandura, da mansidão”. E este, já disse, foi o seu comportamento vida afora. O carinho que nutria pelo seu cão Loide, “amigo de minha infância”, acompanhou-o sempre. Leva-o a citar Victor Hugo: “O cão é a virtude que, não podendo fazer-se homem, se fez animal”.

Loide morreu quando Vivaldi, já rapaz, estava no Rio, estudando Direito. “Fiquei vários dias traumatizado”. E revela, com mágoa evidente, a causa: seus pais e irmãos haviam se mudado da Fazenda do Tanque para Manhumirim. Loide, disseram-lhe, não quis acompanhá-los. Escondeu-se na velha casa. “Por certo, a tristeza, a solidão, uma palavra tão bela, a saudade, o matou. Escolheu o estoicismo para morrer, forma de protesto contra aqueles que tanto amava e que, por displicência, deixaram-no para trás”. Emocionado, escreve: “O Loide permanece como símbolo, imagem inapagável na lembrança dos que restam, indelével em sua bela compostura de amigo”.

O desabafo revela o ser humano, sentimental, carinhoso que era Vivaldi, querido por todos, pelos amigos, pelos colegas, pelos funcionários das instituições a que ele serviu. Mais querido, ainda, pelos que leram *O menino da Mata e seu cão Piloto*, e que dedicam aos pequenos seres indefesos – não falo dos lobos fantasiados de cachorros que agridem e atacam os passantes – o carinho que eles merecem e precisam, e que eles nos dão de graça.

Vale transcrever mais um trecho do livro, para mim, repito, sua obra maior e mais característica: "Passados tantos decênios de sua morte, quando ouço, desta mesa em que escrevo, o ladrar de cães, é ainda o uivo sentido do Loide que me chega aos ouvidos e me transporta à época mais feliz de minha existência".

Grande, Vivaldi!



## Vivaldi Moreira, o ás da palavra (em *Cobras e lagartos*)

*Carmen Schneider Guimarães\**

Permanece o homem por inteiro: corpo e alma, no festival das letras.

Justificam a presença perpétua do nobre escritor: a franqueza, o talento, o humor, a graça e a modéstia, por princípio, no seu labor literário.

A cultura desponta em traço jocoso, e a erudição, revestida de naturalidade expressiva, emerge espontaneamente de sua pena.

Preferiu sempre, Vivaldi Moreira, dizer, com a palavra incisiva, forte, o veredicto do pensamento maiúsculo, e arbitrava grafar a ideia de criação própria, com fecundidade do raciocínio.

Persistiu companheira a translucidez da memória, embora as decimais do tempo, vividas a longos sorvos de fé artística, estabelecessem seus espaços na contagem implacável do existir.

Houve, com certeza, o último rebento literário, mas laço unificado ao cotidiano perfaz-se no *Cobras e lagartos*.

O livro traz apreciação bem ordenada de Angelo Osvaldo de Araújo Santos, que o analisa e enaltece.

Muito há que se deduzir e interpretar do título. Seria o modo de referir ao dizer folclórico?

\* Escritora, da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 5).

Na coletânea de artigos, composições, redações de imprensa, discursos, ensaios, resenhas – disfarçados em prosa de tempos indeterminados – jazem confundidos, naquele universo titular dos répteis – *Cobras e lagartos* – escolhido aleatoriamente, segundo o autor, ou a determinar agudez de intenção, na sua costureira crítica em disfarce.

Ali ainda residem análises, considerações, pareceres bem cuidados no cultivo intelectual. Diversificação camuflada para evitar o fastio do leitor, maneira como operam os escritores por excelência. Engodo esse de especial estilo, nas referências a um cotidiano jornalístico urbano e suburbano, campestre ou litorâneo, montanhês ou tramontano, ditado pela ótica de lince daquele que trouxe o saudoso menino da mata em seu peito.

Com a tarimba e a perspicácia do escriba, já naqueles dias fortemente computadorizados (nota-se um pecadilho de orgulho na revelação, até mesmo quando se queixa da subtração criminosa de seu texto na tela do aparelho), crepitam histórias de sabedoria do mago ou bruxo escritor, exaladas do cofre do saber. Nós as recolhemos com avidez. Sabe-se lá quando iremos reencontrá-las à flor de outros caminhos?

Desvenda Vivaldi Moreira, laboriosamente, a incógnita das questões humanas no contexto literário, com a verve de alma arguta, na profundidade de seu entendimento e saber. Dá sequência uniforme e tranquila a diários, crônicas do entorno cotidiano, ou mesmo havidas à distância, notícias de política e religião. O ato de escrever torna-se atividade e ofício, dentro das considerações do escritor. Ao mesmo tempo, oferece o mestre um dossiê amparado nas sólidas leituras, em ampla bibliografia, devoradas sofregamente.

Notícias de outro cidadão, com as prerrogativas e qualificações do Presidente Perpétuo da Academia Mineira de Letras, rareiam no circuito literário, em épocas de escassez de ídolos. Topar-se com um indivíduo de tamanho empenho nas letras, ao captar e transmitir ciência, advinda de leituras diárias, muitas havidas e ouvidas na plenitude de um estado intelectual quase metafísico, torna-se incomum.

A “Sedução de Brilhar” jamais o afetaria, como vem descrito em uma de suas confissões. Ao contrário, armazena e produz conhecimento

profundo, e pretende que outros o possuam, na batalha diária a favor da magnitude das verdades grafadas.

E na leitura do seu livro, chegamos a vê-lo postado longe do temido sósia espectral Doppel, e aconchegado merecidamente nos braços do opositor Anjo da Guarda, que sempre o protegeu, desde aquele 28 de setembro de 1912, na cidade de Tombos, na Zona da Mata (MG), de onde partiu *O Menino da Mata e seu cão Piloto* para ser o guerreiro das boas ações e o Ás da Palavra, nas Minas Gerais.



## Faltou alguém na casa de Machado

*Manoel Hygino dos Santos\**

A primeira ideia que me surgiu, quando convidado – ou intimado – a redigir um texto sobre Vivaldi Moreira para a presente edição, foi usar sempre os verbos no tempo presente. Porque, em se tratando da *Revista da Academia Mineira de Letras*, ele retrataria as atividades de um sodalício que teve no saudoso acadêmico um de seus expoentes maiores, em que não há pretérito. Não por outra razão, foi eleito, com gáudio, presidente perpétuo da Casa de Alphonsus, que passou a ser também do mineiro que veio de Tombos.

Ilustres acadêmicos se manifestam neste número, como não poderia deixar de ser. A totalidade é de aplauso, respeito e reverência pela personalidade de quem, ao longo de um século, deles se tornou credor. Mantém-se, assim, na admiração dos seus confrades de antes e de agora, e de tantas outras pessoas que com ele conviveram nas letras e no ofício intelectual.

Vindo ao mundo em 1912, na velha paróquia de Nossa Senhora dos Tombos do Carangola, lugar que só se tornou município e vila com o atual nome por lei de 7 de setembro 1923, exatamente quando Vivaldi Moreira comemorava seu décimo primeiro aniversário.

Foi uma época de revoltas e mudanças. Santos Dumont começa a provar que o mais pesado que o ar poderia voar e ser dirigido. Dois anos

---

\* Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 23).

antes, no Rio de Janeiro, ocorrera a Revolta da Chibata, em que os marinheiros exigiam, entre outras reivindicações, a abolição dos castigos corporais. Elege-se presidente da República o marechal Hermes e, em 1911, dá-se o confronto armado entre as oligarquias cearenses e o governo brasileiro, aparecendo a figura de Padre Cícero como líder.

Em 1914, Wenceslau Brás se elege, derrotando Rui Barbosa. O senador baiano afirmava, em dezembro daquele ano marcante na vida das nações: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

Nesse clima, chegou Vivaldi Moreira à adolescência.

Era a turbulência do tempo dos tenentes, que marcou época na história brasileira. 1922 foi o ano dos Dezoito do Forte, episódio emblemático na rebelião dos que, na caserna, sentiam de perto a necessidade imperiosa de transformações profundas na vida nacional. Em São Paulo, ocorria a Semana de Arte Moderna.

Não foram tempos fáceis, e o menino que viera da Mata percebeu, bem cedo ainda, que teria de multiplicar-se para levar à frente sonhos, planos e projetos. Belo Horizonte era uma cidade ainda em construção, a formação profissional não dispunha de uma rede acadêmica, mas de estabelecimentos isolados. Somente em 1927, o presidente de Minas, Antônio Carlos, criaria a Universidade de Minas Gerais, ideal alentado longamente pela sociedade.

Os estudos de Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro, na Faculdade de Direito da Universidade de Brasil, foram influenciados pelos acontecimentos que efervesciam à época de Vivaldi Moreira. Aconteceram a Revolução Constitucionalista de 1932, a Intentona Comunista três anos depois, a tentativa de ocupar o Palácio das Laranjeiras, onde se achava Getúlio, pretendendo os integralistas chegar ao poder. As aventuras da Coluna Prestes estavam próximas, e a Primeira Grande Guerra afligia intensamente a economia mundial. A propaganda do regime mantido na Rússia por Stalin ganhava adeptos e espaços. Na Alemanha, Hitler conquistava prestígio e, na Itália, Mussolini.

Em meio à avalanche de ideias e de debates, o estudante de Direito da UnB se dedicava à imprensa. Lia, lia muito, tanto quanto o tempo o permitia sem interferir negativamente nos estudos. Formado, sentiu que poderia buscar definitivos rumos, voltando a Minas, nunca esquecida. Mas permaneceu fiel aos livros, consultando mapas, meditando longamente sobre todos os temas, um exercício que ampliava seu espírito. Dividia com Bossuet o pensamento de que a meditação é o olho da alma; buscava a razão, farol que ilumina as trevas em que a humanidade se mergulha.

A incessante procura persistiu e, quando não mais conseguia ler, aproximando-se o caso, contratou uma leitora. Era a ponte para chegar a velhos volumes, e assistir ao surgimento dos novos autores. E anotava tudo que fosse possível, como nos tempos de jornal na capital da República. Redigira mais de quinze mil páginas, que trariam “algo de útil ao estudioso do conturbado período da história em nosso Estado e nosso país”.

Começou um “diário”, como era comum então, mas interrompeu. Por que parou? “Um pouco por cansaço, outra parte por descrença. Tudo repetição na vida... E este montão de páginas que ninguém talvez irá ler?”

Intelectual e católico, foi ele. Repetia com João Paulo II que “o Homem é aquele que procura a verdade”. Pensava também: “Verdade e Liberdade, ou caminham juntas ou juntas miseravelmente perecem”.

Sempre curioso na infância em Tombos, junto às tias, filhas de viúva pobre, costureiras; abelhudo, acompanhava a conversa, e aprendia. Via tudo, lia nos livros, revistas e jornais, nos panfletos, depois no computador. Desde o berço se manteve atualizado. Cultivou estreitos contatos, quando não amizade, com alguns dos mais importantes vultos de seu tempo em todas as áreas: política, direito, magistério, magistratura, atividades empresariais, clero, imprensa, artes em geral. Para ele, o jornalista despreparado era um monstro que envergonhava a classe e a nação.

Jamais quis política: “Não entro nem atravesso o Triângulo das Bermudas da vida política, pois este território nunca foi de meu agrado”. Com veemência, desaprovava os que vivem à tripa forra, sustentados pelos cofres da nação.

Refletia sobre as transformações por que passara desde o tempo de menino no interior da Mata mineira, na fazenda do Tanque. Quando fundou a Biblioteca Pedro José Moreira, em São Francisco do Glória, ofereceu-lhe obras de Unamuno, o sábio com que se identificava quase umbilicalmente. “Só o espírito tem força de perenidade”, comentou, ao referir-se ao imperador romano Marco Aurélio, do segundo século da era cristã. “O espírito é uma tocha que projeta luz através dos tempos”.

Humanista do mais alto nível, Vivaldi extraiu preciosas lições, que transmitiu à sociedade por todos os meios de que dispunha. Venceu dificuldades e o fez bravamente, com a tenacidade própria dos fortes. Sua atuação na Academia Mineira de Letras foi notável, não constituindo mero encômio o título de Presidente Perpétuo, pois a ele fez jus.

Sua obra é um relicário de ensinamentos e reflexões, com os quais o leitor só tem a ganhar. Foi um pensador, que construiu sua história ao custo de dedicação e fiel obediência a princípios e projetos mantidos com obstinação. Exemplo foi a mudança da primeira sede da Academia, na Carijós, para a Rua da Bahia, no Palacete Borges da Costa, e o auditório junto ao mesmo, projeto do arquiteto Gustavo Penna. Tudo conquistou com muito sacrifício, espírito de luta, pondo como peso e garantia, sua vida, seu passado e seu prestígio. Venceu.

Na inauguração do auditório da AML, em 1994, Vivaldi Moreira já confessava a angústia em que se debatia para concretizar seus projetos. Dizia mais: “Não posso nem devo historiar a dolorosa *via crucis* ou maratona percorrida.” Naquela ocasião, sentenciava: “O dinheiro aqui despendido não foi em vão e nem será atirado pela janela ou malbaratado em pândegas de delicioso solipsismo. Estamos atentos à marcha do mundo e sempre postos para cultivar o passado no respeito pelos clássicos que ensinaram a pensar e clarificar as ideias, e prontos para receber os favônios da verdadeira modernidade – da modernidade que representa a sintonia da alma e do corpo da pátria”.

Este o espírito de quem viveu sem passar e que se encontra nítido em pensamentos e sentimentos. Só lamento que, em tão longa e bela existência, não tivesse transposto os umbrais da Academia Brasileira de Letras, como de mérito e justiça.

O Brasil perdeu.

## Uma estrela que não se apaga

*José Bento Teixeira de Salles\**

A Academia Mineira de Letras é uma instituição que há de permanecer no tempo. Apesar disso, a verdade é que, com o falecimento de seu presidente Vivaldi Moreira, foi como se arrancassem um pedaço da estrutura do sodalício, de tal forma com ele se identificava, de corpo e alma, o seu benemérito dirigente.

Com efeito, a atuante presença de Vivaldi Moreira representou um marco na história da Academia, com especial realce para a aquisição da sede e a construção do anexo, por ele empreendidas com sangue, suor e lágrimas. A batalha em que se empenhou então teve qualquer coisa de quixotesco, tais as dificuldades vencidas, até que se tornasse realidade o seu grande sonho.

Guardadas as proporções e diferenças existentes, Vivaldi Moreira à frente da AML muito se assemelhou ao presidente Austregésilo de Ataíde na direção da Academia Brasileira.

É certo que imprimiu em sua gestão um cunho personalista, de tal forma foi absorvente em suas funções. Esta característica, porém, não se fundamentava na ambição de mando autoritário, mas no propósito de servir, entregando-se todo, com desprendimento, à nobre causa acadêmica. Para tanto, não lhe faltaram dedicação e competência.

A ele se deve a atual estrutura física da Academia, sem a qual muito dificilmente se executaria um programa mínimo de trabalho.

\* Jornalista, escritor, da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 28).

Por outro lado, o funcionamento da Universidade Livre, com palestras, aulas e conferências ministradas às quintas-feiras, tem levado à sede da entidade muitas das mais expressivas figuras do pensamento mineiro, abordando diversificados aspectos da realidade nacional.

Mas não é apenas a Academia que sofre com o seu falecimento. A própria cultura mineira e especificamente a literatura lamentam o desaparecimento do ilustre escritor.

Vivaldi Moreira iniciou sua carreira literária em 1951 – lá se foram 60 anos – com o ensaio *Sociologia da crise* que, no julgamento de Francisco Ayala, *es una prueba evidente de largo saber sociológico y tiene la dignidad de una tesis académica*.

A partir de então, uma série de temas passou sob o crivo exigente de Vivaldi Moreira, desde a crônica leve e saborosa, até o ensaio erudito e profundo.

Em sua profícua atividade fora da área literária, Vivaldi foi chefe de gabinete do Secretário da Fazenda no governo Magalhães Pinto e ministro do Tribunal de Contas do Estado, emprestando também competente assessoria a importantes setores da vida empresarial mineira, tendo sido ainda colaborador do *Diário da Tarde* e do *Estado de Minas*. De sua vasta produção literária, além de dezenas de discursos, estudos e separatas, é de justiça assinalar que publicou 20 livros, entre os quais se destacaram *Sociologia da crise* (já mencionado), *A Fruta de Mársias*; *Navegação de Cabotagem*; *Figuras, Tempos, Formas*; *Milton Campos, Política e Letras*; *O menino da Mata e seu cão Piloto*; *Perfis contemporâneos e outros escritos*; *Memorial a destempo*; *Glossário das Gerais*; *Cobras e lagartos*.

Não bastasse esta herança intelectual que ele deixou aos mineiros, e confesso que teria razões pessoais para realçar a dimensão de seus trabalhos e de sua figura humana. É que durante alguns anos com ele convivi intensamente, quando da publicação de *Minas em Foco*, mensário “sanfonado” que ele dirigiu na década de 50, com abnegação e amor.

Redigia-se o jornal no escritório do próprio Vivaldi – em ambiente familiar e austero, mas aconchegante e amigo – ilustrado por estupenda biblioteca por ele doada, mais tarde, à Academia.

Pude então avaliar, de perto, a ampla cultura universal daquele estudioso obstinado e a seriedade intelectual com que se aprofundava em todos os assuntos para os quais era atraído.

Por isso mesmo, é justo reconhecer que no firmamento cultural de Minas o presidente perpétuo da Academia Mineira de Letras constitui uma estrela que não se apagou, porque permanece para sempre em nossa lembrança e nossa saudade.



## Vivaldi Moreira no universo dos livros\*

Leticia Malard\*\*

Há pouco tempo vi a foto de um vestido da nova coleção do estilista mineiro Ronaldo Fraga, cuja estampa eram livros e mais livros, de todos os tamanhos, formas e cores. Originalíssimo, como tudo que Ronaldo cria. Aquela roupa se tornou de imediato o meu sonho de consumo, mesmo sem saber se tinha condições para adquiri-la. E... no meio daquele sonho acordado, pensei em Vivaldi. O ouvinte se pergunta o que tinha a ver aquele vestido-livraria-biblioteca com o Presidente Perpétuo eleito da Academia Mineira de Letras. Tudo a ver. Homem circunspecto, discretíssimo no vestir, certamente não usaria uma camisa estampada de livros por todos os lados. Uma gravata, talvez. Mas um *robe de chambre* – que dizia usar flanando por sua adorada biblioteca – sem dúvida alguma ia ser uma ótima pedida. Afinal, um traje assim desenhado seria um símbolo de sua paixão pelos livros.

Durante seus quase 90 anos de existência, Vivaldi dedicou-se à leitura e à escrita com uma intensidade pouco divisada no panorama intelectual brasileiro. Segundo o filho Pedro Rogério – que lhe sucedeu

---

\* Aula ministrada no curso “Universidade Livre” da Academia Mineira de Letras, em 30 de agosto de 2012. Corresponde, com pequenas modificações, ao Capítulo 3 – “Voo de pássaro por sobre as obras” – do livro de MALARD, Leticia. *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*. Belo Horizonte: Itatiaia / Imprensa Oficial, 2012.

\*\* Escritora, professora emérita da UFMG.

nesta Academia – aos 88 anos o pai calculava ter lido cerca de dez mil livros, ou seja, um a cada três dias! Mas a biblioteca dele chegou a vinte mil volumes antes de ser doada, ainda em vida, a esta casa de cultura. Os livros que não lera guardavam um rastro de sua passagem por eles, ainda que rápida: um papelzinho ou um recorte de jornal entre páginas, um indício qualquer da presença de seu olhar por ali.

Foi um devorador de livros desde a infância. Antes de aprender a ler e escrever, ouvia com encantamento os contos de fadas lidos pela mãe. Nos últimos anos de vida, para poupar a visão saboreava pelo ouvido, em perfeita sinestesia, as páginas lidas por Marília Moura Guilherme, sua leitora pela manhã e secretária da Academia à tarde. Um fato curioso é que, enquanto ouvia a leitura, ele tinha o hábito de encadernar livros.

Na crônica “Dia feriado”, do livro *Cobras & lagartos*, redigida aos 86 anos, diz que havia mais de dez que não lia um livro inteiro sozinho. E acrescenta: “A vista me foge com rapidez, e eu necessito dela para as tarefas menores [...] que só eu posso desempenhá-las”. Continua: “Há pouco, porém, lágrimas surgiram, inesperadamente, de vinte em vinte minutos, e os médicos não me dizem a origem do mal.” Certamente o affligia o medo de ficar cego, tal como se deu com outro apaixonado pela leitura – o argentino Jorge Luís Borges – a quem tanto admirava. Seria um enorme desacerto a mais nos últimos anos de uma existência vivida para os livros.

Essa paixão pela leitura correspondeu à paixão pela escrita – dezenas de textos sobre variados assuntos, que caminham principalmente da Sociologia à Literatura, passando pelo Direito, pela Educação, pela Política, pela Economia, pela História e pelo Memorialismo de diversas fases da vida, bem como pelas marcantes impressões de viagens. Afinal, Vivaldi exerceu o jornalismo, a assessoria política, a advocacia e a magistratura, militou na crônica e no ensaio, foi professor, memorialista e turista cultural, proferiu aulas, palestras, conferências, saudações, discursos, decisões jurídicas e praticou outras espécies textuais. Escreveu seu primeiro artigo aos dezessete anos, em 1929. O último livro saiu em 2000, aos 88 anos.

Assim, a obra de Vivaldi – sem falar nos inúmeros cadernos de um diário inédito – é imensa. Deixou 19 livros, um deles em coautoria, e inúmeras publicações com menos de 50 páginas. Muitos de seus escritos estampados em periódicos foram reunidos em volumes. Entre esses, não se encontra *Literatura stricto sensu* – exceto uma versão do conto folclórico “O macaco sabido”, na revista infantil *Era uma vez...* O principal objetivo desta aula é fazer um *tour* por esse conjunto de textos, a fim de apresentar um panorama informativo sobre todos os livros e algumas plaquetes do autor.

O primeiro trabalho de Vivaldi em livro é *Conceitos sociológicos da obra de José Ortega y Gasset ou A Sociologia como ciência da crise*, 1951. Trata-se de uma alentada tese para provimento da cadeira de Sociologia da atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – FAFICH. Nesse primeiro trabalho – elaborado às pressas, confessou Vivaldi – busca demonstrar como a obra do pensador espanhol sempre esteve associada à ideia de crise. Isso porque Gasset viveu uma realidade social sob o signo da crise, que ele soube captar admiravelmente em suas páginas. A tônica da tese acadêmica é uma pesquisa de conceitos sociológicos na obra gassetiana, especialmente n’ *A rebelião das massas*. O concurso acabou não sendo realizado e a tese saiu como livro no mesmo ano, com outros textos anexados, sob o título de *Sociologia da crise*.

Em 1960 Vivaldi publicava *A fruta de Mársias*. O título remete à lenda mitológica da competição musical entre o deus Apolo, tocador de lira, e o sátiro Mársias, tocador de flauta, cuja forma arcaica é “fruta”, arcaísmo que o autor fez questão de manter. Apolo venceu a disputa e castigou Mársias pela ousadia de entrar num concurso com a divindade mais venerada, depois de Zeus: esfolou-o vivo e pendurou seu corpo em uma árvore.

O título da coletânea simboliza a possibilidade de ensaístas melhores, mais experientes ou impiedosos castigarem o insolente “sem originalidade e sem belezas estruturais de composição”, como afirma o autor na página inicial do livro. Ou, por outra, esfolá-lo vivo, para usar uma expressão metafórica da época, sinônima de “submetê-lo a pesadas

críticas ou constrangimentos”. Ainda no terreno da metáfora, Vivaldi reconhece que a sinceridade e a emoção desses seus textos os tornarão eternos, tal como a música da flauta da figura mitológica grega.

A autocrítica, por um lado, e o anseio de eternidade através da produção textual, por outro, manifestados nas primeiras páginas desse livro, serão a marca registrada da obra futura de Vivaldi. Se, por um lado, ele costumava criticar-se, não raro desqualificando por modéstia seus escritos, por outro lado tinha o cuidado e o empenho de reunir em livro o material que publicava na imprensa. O desejo de permanecer no mundo, de ultrapassar a finitude da vida estruturava sua personalidade. É o que afirma no segundo texto de *A frauta de Mársias*, pensando no conselho do filho de sete anos – o de escrever livros ao invés de só artigos:

“Penetrando no conselho de meu filho, creio que insinuava com ele o desejo de ver meu pensamento prolongado através do tempo. Artigos são como as folhas das árvores. Caem logo. O livro não. Ninguém guarda um jornal – é a sua experiência – mas nas minhas estantes veem-se muitos livros.”

Três anos depois, 1963, publica *Navegação de cabotagem* – outro título metafórico. Segundo o autor, o livro é constituído de “impressões, cogitações, variações em torno de ideias, sempre com o intuito de esclarecer pensamentos, difundir o que nos prendeu a atenção e fixar um ponto de vista pessoal”. Daí o título, uma vez que a navegação de cabotagem é aquela em que se viaja bordejando de porto em porto num único país. Porém, na opinião desse navegante da escrita, a diversidade de acontecimentos e paisagens – diga-se “assuntos” – torna a viagem menos cansativa. Uma curiosidade: em 1992, o romancista Jorge Amado, colega de Vivaldi na Faculdade de Direito, publica livro de memórias com o mesmo título. Vivaldi não gostou da coincidência, conta seu filho Pedro Rogério Moreira.

A quarta obra é *Uma passagem para Meípe*, 1964, ano em que Vivaldi foi nomeado Ministro do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais. São páginas relacionadas sobretudo ao Rotary Club, do qual foi secretário e cujo Boletim redigia. Meípe (não confundir com Meapé, praia capixaba) é um lugar inventado em 1918 pela filhinha do escritor

francês André Maurois, país em que, segundo a menina, os professores não ensinam e as crianças não são obrigadas a se dirigir aos mais velhos com civilidade. Era tudo o que a garotinha almejava em suas fantasias infantis de despreensão, em seus ingênuos quatro anos de idade: uma terra imaginária, de sonho, de realização de desejos.

Maurois se apropriou do nome, desenvolveu a história e publicou-a. Vivaldi, leitor de Maurois, utiliza a denominação e as características daquele país num discurso em celebração do 58º aniversário do Rotary Internacional, buscando similitudes retóricas entre Meípe e Rotary. Deu ao discurso o título de “Uma passagem para Meípe” – “passagem” na acepção de “bilhete de viagem” – e adotou-o para título do livro.

O Rotary, um clube de serviço, foi fundado em Chicago no início do século XX, com o objetivo de angariar recursos e utilizar habilidades de seus membros para atender às comunidades necessitadas. Nesse discurso (e em muitos textos do livro) Vivaldi ressalta a convivência entre os rotarianos como um meio de amenizar a própria angústia e solidarizar-se com o Outro, de modo discreto, sem alarde, sem o intuito de “aparecer”. Meípe é, em resumo, o país do sonho, é Rotary – conclui o autor.

Em 1965 edita-se *A Ordem da Coitadeza*, um texto que foge ao padrão dos publicados por Vivaldi. O título evoca as condecorações, “ordem” aí significando “insígnia instituída para recompensar o mérito de alguém”. “Coitadeza” remete à situação de coitados, em acepção humorística. O discurso foi escrito para celebrações de família, revelando toda a emoção e momentos da alegre convivência junto àquele patriarca que residia na Rua Professor Moraes 600, no Bairro dos Funcionários, onde viveu praticamente toda a sua vida adulta. E que ia com frequência ao Rio de Janeiro, em que moravam diversos familiares. A Ordem da Coitadeza era, enfim, uma brincadeira, em que a sogra de Vivaldi e matriarca da grei, dona Luzia Brandão Couto, condecorava o parente mais coitado naquele período. Por ocasião dessas festas em família, o patriarca costumava participar de representações teatrais cômicas.

O livro intitulado *Figuras, tempos, formas* aparece em 1966. O autor dava continuidade a seu projeto inicial, o de pôr em livro tudo

aquilo que saía na imprensa ou ele apresentava em eventos, ou ainda registros que se encontravam em seu famoso diário íntimo, do qual ia selecionando, a conta-gotas, pequenos trechos para divulgar em um e outro livro.

Dois anos mais tarde, 1968, novo livro, chamado *Daqui e daí*. São vinte e sete textos: aulas, artigos, conferências e discursos – muitos deles sob encomenda. Além disso, alguns escritos de livre escolha, “exercícios de admiração”, conforme declara no Prefácio. Assim, além de discorrer sobre escritores e personalidades como Eça de Queirós, Albert Camus, Lin-Yutang, Isadora Duncan e Fernão Lopes, Vivaldi também escreve a respeito de Democracia, Espírito Francês, definições de “Cultura”, comparação entre gerações, e tantos outros temas.

A obra seguinte, em 1972, chama-se *Milton Campos* e é uma coletânea de artigos sobre o ex-governador de Minas Gerais, com destaque para ações de seu governo (1947-1951), do qual Vivaldi participou como chefe de gabinete do Secretário das Finanças José de Magalhães Pinto. Foi reeditado em 2000, com o subtítulo “Quatro anos de imprensa em favor da causa democrática”, e com Apresentação de Antônio Carlos Magalhães, então presidente do Senado.

Esses artigos foram publicados na imprensa durante o mandato do governador Milton Campos e exaltam suas qualidades democráticas, sua luta contra o Estado Novo getulista enquanto um dos signatários do *Manifesto dos Mineiros* de 1943, que exigia o fim da ditadura de Vargas e o restabelecimento de um governo liberal. No volume republicado pelo Senado, por ocasião do centenário daquele homem público, também encontram-se pronunciamentos da autoria de outros políticos admiradores de Milton Soares Campos.

Aí Vivaldi exalta sobretudo a figura do homem probo, modesto, livre, simples, discreto, inteligente, culto, antifascista – primeiro governador de Minas após a restauração da ordem democrática no país. Descreve caminhos percorridos na campanha eleitoral, os bastidores do poder, visitas do governador a cidades do estado, obras realizadas, réplicas aos opositores, dificuldades políticas enfrentadas. Além de ser reconhecido a Milton Campos, por meio de quem iniciou a vida pública, Vivaldi o tem como uma espécie de guru político e modelo de homem virtuoso de

muitos de seus contemporâneos. Na “Explicação” que inicia o volume, afirma Vivaldi:

“Este é um depoimento da minha geração. Da geração que aprendeu na conduta cívica de Milton Campos o significado autêntico de vocábulos tão malbaratados como *democracia, liberdade, liberalismo* e outros do jargão usado àquele tempo e, posteriormente, em escala eleitoral.” (p. 13).

No ano seguinte, 1973, publica *Volta a Meipe*, dando prosseguimento à temática rotariana, nos mesmos termos de *Uma passagem para Meipe*. Saudando a obra, Mário Matos destaca que, em muitos pontos, ela é “a doutrina rotária que visa a consolidar a alegria da vida pela paz entre os homens.” A admiração de Vivaldi por aquele clube está registrada em livros posteriores também. No *Memorial a destempo*, em 12-XI-1975 confessa: “Das associações, das agências de que participo, uma só me comunica esse refrigério na alma e me fornece alento para prosseguir na crença do advento da harmonia universal. Essa associação é o *Rotary*.”

Em 1981 vem a lume o primeiro livro memorialístico do nascido em Tombos – *O menino da Mata e seu cão Piloto*. Pode-se afirmar que este livro introduz nova faceta na obra vivaldiana e seguramente é seu livro mais conhecido. A novidade é dar-se início ao memorialismo de corpo inteiro, começando pelos episódios fundamentais de sua vida de criança e adolescente no interior e, narrando-os, recuperar também um passado histórico-sociológico da região em causa.

A obra nos atinge em cheio, desperta nossa emoção porque todos tivemos uma infância e uma adolescência cujos episódios podem dialogar com os narrados por Vivaldi. Ou, citando Márcio Garcia Vilela, responsável pelas orelhas do livro: “Ninguém resiste, assim, lendo-lhe as memórias, o mergulho no tempo, adentrando-se no recôndito de suas próprias evocações.”

Outra opinião importante sobre a história desse menino da Zona da Mata é a de Tristão de Athayde, com certeza o crítico literário brasileiro de maior peso da geração do autor. No *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro, escreveu:

“Na realidade, é um livro profundamente clássico, como o estilo barroco das igrejas mineiras. Raramente, nossa história cultural nos deu um autorretrato tão fiel do que deve ser uma elite ligada às massas populares. A sapiência dos cultos unida à sabedoria espontânea dos incultos. Tanto no pensamento como no estilo.”

Em 1982 aparece *Perfis contemporâneos e outros escritos*, que reúne textos publicados entre 1940 e 1947 no *Boletim* da Associação Comercial e na *Revista Comercial de Minas Gerais*. Naqueles sete anos, Vivaldi era advogado do gabinete jurídico da entidade e jornalista. São textos escritos durante a Segunda Guerra Mundial, em que o Brasil também se viu envolvido. Daí não espantar que o livro também reflita o ambiente de época. Seus assuntos são condizentes com os objetivos e o público-alvo do *Boletim* e da *Revista*, ambos voltados para a área do comércio e da indústria mineiros: cooperativismo, relações entre patrões e operários, inflação, lei antitrustes, responsabilidade das classes produtoras são alguns deles.

Os perfis correspondem aos de personalidades ligadas ao mundo financeiro, empresarial e comercial das Minas, figuras que deixaram marcas em nossa história econômica e política: José de Magalhães Pinto (banqueiro e, mais tarde, governador do Estado de 1961 a 1966), Juventino Dias Teixeira (fundador da Companhia de Cimento Portland Cauê), Newton de Paiva Ferreira (grande comerciante, depois educador), Américo René Giannetti (empresário, secretário de Agricultura, depois prefeito da capital de 1951 a 1954), Benjamim Guimarães (industrial, proprietário da mina de ouro da Passagem de Mariana) e vários outros. Dessa forma, Vivaldi nos revela um panorama de Minas durante cerca de uma década, na área do Comércio e da Indústria, seus respectivos líderes e os problemas socioeconômicos mais aflitivos do período.

De 1982 é também o livro técnico *Doutrina e decisões: no Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*, tribunal onde o autor exerceu as funções de auditor, conselheiro, ministro e presidente. Trata-se de uma obra em coautoria com outros membros do Conselho: José de Faria Tavares, Aloysio Alves da Costa e Luiz Domingos da Silva. São textos de caráter jurídico, relativos a julgamentos daquele órgão.

No ano de 1986 o escritor publica três livros: *Memorial a destempo*, *O velocino de ouro* e *Personagens & situações*. No primeiro, dá continuação às suas memórias, exclusivamente sob a forma de diário, abrangendo o período que vai de 28 de julho de 1975 a 20 de março de 1977. Depois de explicar que era quartanista de Direito (1936) quando iniciou seu Diário – que sofreu interrupções mas que, em 1985, já contava com um número imenso de cadernos – Vivaldi justifica a escolha do período para publicação: foi um dos mais penosos de sua vida. Perdera dois entes queridos e passava por outros sofrimentos.

Justifica também o título, já que “a destempo” significa “fora do tempo, inoportunamente”: “[...] extraí de modo intempestivo, sem início, nem fim, um bloco cronológico de uma sequência que meu desejo recôndito aspira a dar conhecimento dele, desde as origens, para justificar uma caminhada no planeta.” (p. 16).

Por outro lado, *O velocino de ouro* é uma coletânea de dez ensaios, o último dando título ao livro. Neste, datado de outubro de 1976, o autor fala do tempo de catástrofes, de massacres em países nos diferentes continentes, do poderio nuclear mundial e, permeando o ensaio-título, da importância da “sabedoria paradoxal” do Direito para alertar a humanidade contra a indiferença dos atos de barbárie que assolam o universo. Vivaldi apela novamente para a mitologia grega.

Vale a pena lembrar a narrativa mítica: o velocino de ouro era a lã de ouro de um carneiro, que estava em poder do rei Etes, da Cólquida (atual República da Geórgia), a qual Jasão, para conseguir o trono perdido, precisava encontrar. O herói construiu a nau mais poderosa até então, deu-lhe o nome de Argos, juntou cinquenta homens – os argonautas – e se aventuraram na procura. Após muitas provas e proações, apropriaram-se do tesouro, com a ajuda de Medeia, filha do rei, que se apaixonara por Jasão. Em homenagem a este, o carneiro da lã foi transformado na constelação Áries.

Entendemos que, no mencionado ensaio, a metáfora do velocino de ouro corresponde ao agenciamento da ciência do Direito como uma conquista do espírito para resolver as questões graves que assolam a humanidade. Nos demais ensaios, entre os quais destacamos “Sobre o

Matrimônio”, “O Dia da Criança” e “Os roteiros de Tiradentes” – não da cidade, mas do herói – compartilhamos da opinião de Oscar Dias Corrêa, na contracapa: sua obra é uma articulação entre a ânsia do universal e a consciência da origem.

Sobre a obra seguinte, *Personagens & situações*, afirmou Carlos Drummond de Andrade: “Seu livro, na linha saborosa de reflexão e análise dos anteriores, deixa ressonâncias de leitura. Você é dos últimos escritores brasileiros que sabem escrever.” Vivaldi Moreira anuncia na nota introdutória o conteúdo do livro: “[...] vai de Polybio a Barrès, de Benedetto Croce a Alphonse Daudet, em que se fala de Leis e Direito e tantas outras incursões no Siglo de Oro espanhol e tentativas de interpretação da realidade presente [...]”

A seguir, 1987, sai *O círculo dos eleitos*. Vivaldi salta da mitologia grega para a cristã em seus títulos. Aqui evocando, metaforicamente, tanto várias passagens bíblicas – onde os eleitos são os que, separados dos condenados, terão o reino dos céus – quanto a *Divina comédia*, de Dante, em que o paraíso é dividido em céus. No centro do terceiro, Deus é representado por uma rosa branca, tendo almas a seu redor e espíritos bons – **eleitos**, bem-aventurados, santos e anjos. (O destaque em negrito é do autor)

Ao contrário da época infeliz e sofredora em que preparou o *Memorial a destempo*, agora Vivaldi se revela “em momentos de feliz realização íntima”, em instantes eleitos de suas recordações. Daí o leitor encontrar no livro uma imensa variedade de temas e assuntos, autônomos, emaranhados, de ideias que até se chocam – conforme reconheceu o próprio autor – mas escritos com muita emoção aliada ao ingênuo e puro prazer.

Entre tantas possibilidades analisadas para o título, Vivaldi Moreira escolheu um que lembrasse o tom religioso que marca os títulos de alguns de seus escritos neste livro, ainda que o conteúdo de diversos destes nem sempre traga a marca da religiosidade: “Confissão”, “Que é um consagrado”, “Livro de horas”, “O dicionário de milagres”, “O meu Bernanos”. Este último foi um dos maiores escritores católicos da França, e viveu algum tempo no Brasil.

Em 1989 surge *Correções a fazer & preços a praticar*. Constitui-se basicamente de 93 textos curtos, numerados e sem títulos, publicados no periódico mensal criado pelo próprio Vivaldi, *Minas em Foco*, de junho de 1953 a fevereiro de 1961. O lema da publicação era “Máximo de objetividade num mínimo de espaço”. O jornal era confeccionado na própria residência do jornalista, auxiliado pelo amigo José Bento Teixeira de Sallés e com a ajuda de membros da família. Formatava-se em quatorze seções, com predomínio da área de Economia e Finanças, de onde se pode dizer que o título foi inspirado. Cada seção do *Minas em Foco* ocupava uma página, com notícias sobre a área seguidas de algum comentário.

Drummond, no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, comparece novamente escrevendo sobre Vivaldi, daquela vez para elogiar o jornal e seu conteúdo, em longa crônica, onde afirma:

“Vivaldi faz considerações construtivas, declara-se otimista sem passividade, acha que JK [Juscelino Kubitschek] deve supervisionar todo santo dia seus imediatos, nos setores de operação mais ligados ao desenvolvimento; do contrário... Muitas coisas diz o homem, em poucas palavras, [...]; resta a esperança de que alguém o ouça, mesmo de longe [...]”

Em 1991 é publicado o *Glossário das Gerais*. O livro dá continuação a uma das temáticas preferidas por Vivaldi Moreira, ou seja, a evocação de personalidades – no geral mineiras – de destaque nos mais diversos ramos do conhecimento e atividades. Neste livro estão presentes importantes cérebros das Minas de seu tempo, além de outros elementos da terra mineira, constituindo-se em verdadeiro dicionário de temas e expoentes de nosso estado.

Através desse livro ficamos sabendo também de lances da vida “secreta” de vários mineiros notáveis, transmitidos em conversas com o autor: Frieiro, pobre e autodidata, também leitor compulsivo, ao oito anos ia furtar, numa taberna, jornais velhos para ler, enquanto seus amiguinhos surrupiavam amendoim. O banqueiro Nelson Faria ganhou, sob pseudônimos, vários prêmios literários, mas nunca foi recebê-los devido ao pudor de identificar-se. Bias Fortes, governador de Minas de 1956 a 1961, ao ter de substituir secretários de estado com quem queria ir até o

fim do mandato, mas precisava atender a partidos da base aliada, desabafou: “É duro a gente governar. Há momentos em que eu preferia estar na minha fazenda. Os partidos são verdadeiros açougues.”

Em 1994 uma plaquete é publicada com o nome de *Memória de uma luta*, uma pequena história da Academia Mineira de Letras, da restauração de sua nova sede, na Rua da Bahia, e da inauguração de seu auditório, naquele ano. Aí existem textos de Vivaldi Moreira e de autoridades participantes nos eventos. Sua luta ingente e vitoriosa fora conseguir nova sede para a instituição e o respectivo restauro – a mansão da família Borges da Costa na referida rua – bem como a construção de um auditório em anexo.

1996 é o ano em que aparece o *Viagens*. É uma obra reveladora do Vivaldi *flâneur* por quatro países. Segundo a “Abertura” do livro, este abrange as viagens de 1950 – Argentina e Uruguai; 1971 – Portugal; 1994 – Espanha. Vivaldi fez outras viagens, mas o livro se limita a essas, talvez porque delas tenha registrado em anotações os mais relevantes episódios, já imaginando publicá-los. De início se confessa um viajante *sui generis*: enquanto, via de regra, as pessoas saem para distrair-se, ele encara as dificuldades inerentes a um viajante tendo em vista somente o aprendizado.

Na parte relativa à Espanha, Vivaldi ressalta suas duas grandes paixões: uma religiosa – Teresa de Ávila, e uma intelectual – Miguel de Unamuno. Sobre a primeira, afirma, em visita a Ávila: “A existência dessa privilegiada alma de Deus tem sido, desde a mocidade, meu guia permanente e vem suprimindo as enormes deficiências de seu devotado servidor. (p. 214-15)”. O filho Pedro Rogério, no discurso de posse na Academia Mineira de Letras, informa que seu pai esteve em todos os lugares cultuados pelos teresianos e que manteve no quarto uma estampa da santa, para abençoá-lo até o último suspiro.

Visitando a Universidade de Salamanca, evoca o basco Miguel de Unamuno, seu ex-reitor, nela confinado pelo ditador Franco, e se emociona dentro da sala em que o filósofo ministrava suas aulas. Aí Vivaldi Moreira lembra o discurso do mestre (que ele sabia de cor) contra um general franquista que pedia a morte de bascos e catalães, em outubro de 1936.

Às vésperas do século XXI, Vivaldi, às portas dos 88 anos, publica *Cobras & lagartos*. O ano era 2000. A escolha do título é tratada com humor. Vivaldi lembra o caso do escritor que foi indagar de um amigo sobre qual título deveria dar a um livro. O amigo lhe perguntou se a obra falava de tambores ou trombetas. A resposta foi negativa. O amigo então sugeriu “Nem tambores nem trombetas”, e o livro foi bem sucedido. Vivaldi aproveitou a piada: como seu novo livro não ia falar de cobras nem de lagartos, quer no denotativo quer no metafórico, ficou com esse nome. Trata-se de mais uma reunião de ensaios publicados em vários órgãos da imprensa, em diferentes épocas e sobre os mais variados assuntos: literatura, leitura e escrita, principalmente.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Secretário de Cultura do Estado de Minas Gerais à época da publicação, nas orelhas do livro e sob o título de “Cartas de um mestre da palavra”, caracterizou magistralmente o trabalho intelectual de Vivaldi: “Para o nosso autor, a felicidade é escrever, incessantemente, é tecer com a palavra a veste da vida, nela buscar o sentido do mundo e, através dela, atingir o que transcende e escapa.”

Também de 2000 é o último livro de Vivaldi – *Novo glossário das Gerais* – mantendo o mesmo esquema do *Glossário* anterior, sobre o qual já falamos.

Esperamos ter apresentado um panorama das obras completas e publicadas de Vivaldi. Neste ponto final, convém insistir na informação de que ele não nos deixou nenhuma obra de poesia nem de ficção, apesar de ter registrado no *Memorial a destempo*, dia 26-I-1976:

“Irreprimível desejo de dar início a um romance, espécie de narração cerebral, autobiográfico e ecumênico, misto de história, ensaio, experimentação [...] Enfim sairia a *História de uma paixão brasileira*. Livro cheio de sugestões e experiências, estou certo.”

Contudo, parece que o romance nunca foi escrito.

A herança cultural desse fiel apaixonado pelos livros e pela escrita é uma das mais consistentes que Minas Gerais recebeu como prêmio no século XX.

## Breve retrospecto de uma existência destinada à cultura

*José Maria Couto Moreira\**

Cem anos nos separam da origem de Vivaldi, aquela verdadeira usina humana que cessou sua produção há pouco mais de uma década. Esta falta, ainda muito sentida, um tanto mitigada pelo que se pode chamar de o cheiro do tempo, aquela fuligem depositada em seus escritos, nos livros que guarneciam suas estantes e em suas imagens colhidas pela objetiva de circunstâncias, todas estas nos franqueiam uma ilusão de sua presença carnal, até mesmo lembrança dos momentos de seus episódicos delírios culturais. Considero estas as forças que impulsionaram aqueles que durante este ano despenderam momentos preciosos ao retirarem amor de seus corações e palavras de seus estoques culturais para reviver e fazer refulgir a figura sempre presente de Vivaldi, assim consolidando e agigantando com tais manifestações de solidariedade a instituição cultural máxima do Estado a que ele já chamava de “Senado Mineiro”.

E é por isso que a família deste monge das letras agradece aos nomes exponenciais em nossos meios culturais que exaltaram carinhosamente aspectos que muito prezamos daquele humanista,

---

\* Conferência proferida na AML, no dia 23 de agosto de 2012, dentro das comemorações do centenário de Vivaldi Moreira.

Procurador do Estado, filho de Vivaldi Moreira.

pensador e escritor. E é nesta sua, talvez, primeira Casa, neste chão que encanta, como a ela se referiu o saudosíssimo Dom João Resende Costa, é que seus ilustres companheiros das letras se reúnem para lembrar Vivaldi Moreira e renovar o compromisso jurado de cultuar a língua de Camões e de Machado como veículo preponderante para o curso de nossa civilização.

A força que impulsiona o cérebro e aguça a curiosidade de quem lê nosso pranteado ausente, é o que o torna recordado pelos homens da cultura e da informação porque esse mineiro, tal como o gênio italiano que lhe emprestou o nome, nas quatro estações de sua vida, da primavera ao inverno, trazia aos que o procuravam uma versão nova por sua visão filosófica do tema sobre o qual discorria, confortando o leitor com conclusões anatolianas.

O nosso homenageado, embora autor de dezenas de livros, não se encerrou em vida em uma torre de papel, aquela representação engenhosa e elegante de Eduardo Frieiro quando aludia aos verdadeiros escritores de sua época. Nem, ainda, obedeceu à lei de André Gide quando, em correspondência a Valéry, dizia que na vida só deviam fazer livros, pois todo o resto lhe era enfadonho. Na verdade, Vivaldi palmilhou também outros caminhos das atividades mundanas, tanto assim que cuidou de encerrar nesta Torre de Pedra seus parceiros de vida cultural, depois de guardar no vizinho Palacete Borges da Costa a história e a rica tradição desta instituição hoje centenária, que entoou para as alterosas um permanente cântico de amor às letras e à criação literária. Para as páginas esquecidas de *Minas em Foco*, aquele periódico mensal que satisfazia os leitores de Minas e do Brasil, em uma época em que as comunicações ainda não conheciam o milagre da via magnética, e eram, na concepção de seu criador, a sua mais apreciada criatura, invoco aqui o testemunho do jornalista José Bento Teixeira de Salles, que partilhou com Vivaldi da redação daquele boletim. Também ali nosso homenageado timbrava, entre notícias e informações econômicas, políticas e sociais, em louvar o ato ético e golpear tudo aquilo que não se alinhava ao verdadeiro interesse público. *Minas em Foco* foi o grande vertedouro pelo qual se manifestava Vivaldi, em páginas que estimulavam as ações de Estado que se

direcionassem para nosso desenvolvimento e bem-estar, louvando seus patronos, enquanto outras se pautavam por acerbas críticas quando dos ainda incipientes negócios escusos ou mesmo duvidosos atribuídos a personagens de então se davam notícia na República. Tenho a impressão mesmo de que naquele folhetim está a síntese do pensamento político, cultural e econômico de meu pai. Exaltava Vivaldi que, como o jornalismo era das atividades intelectuais que exercia com muito amor, como minudentemente revelou meu irmão Pedro Rogério, por situar-se como a mais próxima de suas inclinações, traduzia também a sua necessidade de dispor de uma chaminé para liberar a sua fumaça cívica. Por isto é que, carente eu de experiência crítica, não menciono as demais obras que também lhe valeram o epitáfio composto em vida: sou imortal pelos livros que deixo. Foi nas páginas de *Minas em Foco*, com certeza, que, em pílulas mensais, distribuía seu juízo, por vezes acérrimo, sobre os fatos e os homens. Esta inclinação quixotiana de Vivaldi, que o acompanhou por toda a vida, é característica de sua índole, e lhe valeu de Victor Nunes Leal, aquele grande brasileiro, o epigrama de que os escritos de Vivaldi Moreira contemporâneo, com páginas doces, outras ácidas, mais compunham um memorial do céu e do inferno. Este periódico de meu pai, para quem não se lembra, dobrado primeiramente em duas partes no sentido longitudinal e depois com dobras sucessivas, a que o imortal Drummond chamou de "sanfoninha do Vivaldi" em primoroso artigo publicado no *Correio da Manhã*, aproxima-se de um diário, pois nele é que desaguava sua indignação de brasileiro em face de cenários que estivessem mais para dúvidas do que para as certezas.

É que Vivaldi, além de seus deveres com a família e a cultura mineira, foi um homem que, por toda a vida, em sua alma e por suas mãos, carregou pesadas responsabilidades públicas, tanto quando investido nelas ou mesmo como simples homem de nossa sociedade. Era assim que ele dividia sua vida. Por sua atuação no Tribunal de Contas do Estado, incluem-se nas efemérides daquela corte seu voto, quando presidia os destinos do tribunal, decisivo para a implantação da Fiat Automóveis, ao tempo em que governava Minas o eminente homem público Rondon Pacheco, aquele proeminente varão de Plutarco, responsável daí então

pela transformação de Minas em pólo industrial e manufatureiro. O voto de Vivaldi Moreira naquele colegiado, já o mencionou meu irmão Pedro Rogério, proferido quase como protesto a seus contrários e na conta de desempate, consolidou naquela Casa a convicção de que o interesse de Minas sempre esteve acima de paixões partidárias. Este matiz de Vivaldi se repete em todas as estações de sua viagem terrena, e mostra sua luta e lealdade cívica com a energia e os arremessos sempre atirados a um acontecimento ou a um personagem em que suas certezas estivessem ameaçadas. Assim procedeu desde a aquisição de seu grau na emblemática turma de 37 da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, no Rio, até seu último dia, em que madrugou lendo Henri de Gourmont, despedindo-se de todos pelo meio-dia daquele aziago janeiro de 2001.

Em Vivaldi Moreira, enfim, estava presente o guerreiro incansável na luta contra provérbio do cruel irlandês que semeava o dito que o isentava de fazer algo para a posteridade, pois que a posteridade nunca fizera coisa alguma por ele.

Enquanto sociólogo, leitor e discípulo de deterministas históricos, Vivaldi Moreira era muito mais devoto e aliado de Nossa Senhora da Conceição, dita sua madrinha, a quem, esta sim, subordinava sua estrita obediência e fé. Era em seu colo que derramava seus pedidos, constantes, e fatigáveis para quem não fosse vassalo da Senhora da Conceição. Para realizar seu sonho de atribuir à Academia, que já se disse sua primeira Casa, um conjunto arquitetural próprio e digno de sua tradição e de seu corpo social, representativo do que foi e continua sendo o mais qualificado colégio de intelectuais das letras e das ciências, era o cantinho daquela Santa seu destino indesejável. O que fez Vivaldi atrever-se a quixotear soluções e recursos foi o amparo da sua amada e santa Fada Madrinha, que invocava às vezes publicamente. Desafiava poderosos, precipitava acontecimentos em favor da entidade cultural que presidia, enfrentava instituições, não sem antes persignar-se em nome Dela, e por vezes o dizia ao eventual mecenas quanto às bênçãos que lhe poderiam advir. Acredito mesmo que por amor a esta instituição, em momentos cruciais de sua edificação, prometera, aos doadores, sempre invocando a Santa Senhora da Conceição, indulgências e reconhecimento dos céus. Vivaldi

adicionava à sua devoção, para invocá-la a título de reforço para suas investidas, aquela Santa de Ávila, também doutora da Igreja, *inquieta e andariega*, só fazendo crescer a fé e a grande estima teresiana a todos a quem se dirigia.

Os elogios que se endereçam a meu pai pelo seu centenário, e feitos por uma série dos mais respeitáveis intelectuais de Minas, não creio que sejam falácias circunstanciais mas, sim, juízos emitidos por quem também preza as responsabilidades culturais.

Neste centenário, em que se realiza o encomiástico de Vivaldi, nos é oportuno agradecer a todos quantos se juntaram a ele e lhe asseguraram solidariedade e recursos para cumprimento de sua meta-síntese. Por isto é justo que agora se enalteça, primeiramente, a figura ímpar de Itamar Franco, que, sensível aos apelos, proporcionou ao então Presidente Perpétuo a alegria pela construção deste auditório. Para cingir a esta circunstância outro elogio póstumo merecido, lembremo-nos do provado amigo desta Casa, industrial de sucesso, o vice-presidente da República José Alencar, seu conterrâneo e fiel associado dos interesses da AML, por isso merecedor de nossa constante lembrança. Foi este grande mineiro presidente da Comissão de Construção e, enquanto empresário, auxiliou destacadamente a Vivaldi Moreira com sua experiência e sensibilidade. Pertence também a este rol de cooperadores desta Casa o insigne e muito querido governador Francelino Pereira, hoje dela integrante, para alegria e honra de seus pares.

Muito embora a "sanfoninha de Vivaldi" tenha se calado há mais de cinquenta anos, impressiona a quem relê aquelas páginas, por ele reeditadas em seu livro *Correções a Fazer e Preços a Praticar*, a renovação dos fenômenos sociais e econômicos com que agora nos defrontamos e os personagens que os ensaiam.

De minha convivência com meu pai e de minhas leituras, concluí que a história do Brasil está teoricamente dividida em quatro acontecimentos particularmente destacáveis. Nosso horizonte civilizatório descortina-se com o descobrimento, quando alcançada nossa terra por aquela intrépida marinhagem; a Independência é o segundo marco de importância para nossa história política, um tanto gerada pelos antecedentes

mineiros, por isso que a Abolição da Escravatura é uma consequência daquele momento glorioso, como são, também, a primeira Carta Constitucional, a Revolução de 30, e, mais tarde, a redemocratização de 46, o movimento armado de 64 e a chamada Nova República, que foram etapas relevantes de nossa história. O terceiro ato nestes momentos notáveis de nossa evolução e pilar de nosso atual estágio político foi a Proclamação da República e, em 1961, a inauguração de Brasília abre aos historiadores e a nosso país a cena efetiva do avanço político, social e econômico como último marco em nossa marcha desenvolvimentista, e por ele se projetou o nosso futuro.

Brasília é um capítulo à parte em nossa caminhada civilizatória e desenvolvimentista. O esforço de internacionalização do país e sua inserção no grupo dos países que hoje chamamos primeiro mundo começou com Brasília. A partir daí é que o projeto urbanístico e arquitetural de Brasília provocou a atenção e as sucessivas referências não obsequiosas, mas francas e verdadeiras, de personalidades mundiais, como foi a anunciada pelo grande Malraux, então ministro da Cultura de França, que, diante do Palácio do Planalto, proclamou que aquela edificação era verdadeiramente o primeiro palácio que se via após a Renascença.

Atenção, senhoras e senhores, agora dissemos Malraux. Surgiu Malraux. Então batem os sinos, e impõe-se uma pequena escala para fazer soar que paramos na estação Malraux! Para esta parada, sobre os trilhos da extensa composição cujo maquinista é francês, há que se dizer sobre ele e o comboio da Gália moderna. Para Vivaldi, Malraux representou para nossa civilização "o homem de ação, arrastado pela tentação irresistível de existir. Esta é uma reflexão exata, real, sobre um gênio contemporâneo, um Leonardo da Vinci do século XX."

Retomando nossa viagem, Vivaldi Moreira, por convicção cívica a Brasília, se referia pessoalmente quando não invocava o verbo autorizado de personalidades insuspeitáveis da República. Em março de 1956, para aquele futuro acontecimento do século, transcrevia *Minas em Foco* trecho do insuperável constitucionalista Carlos Maximiliano que comentava sobre nossa futura capital como derivada de inciso constitucional: "Também no Brasil a grande cidade que serve de capital ao país faz

*pressão sobre o Congresso por meio da imprensa, dos "meetings", dos aplausos das galerias, indo às vezes a população até às vaias, às ameaças e ao tumulto. Ora, os deputados e senadores representam a Nação; é possível que, traduzindo o pensamento conservador de seus eleitores, contrariem profundamente as aspirações e também os interesses dos habitantes da metrópole cosmopolita, grande porto de mar, de população adventícia, dominada no alto e nos bancos por estrangeiros e deles também composta a corte dos desocupados e desordeiros que constituem a clientela permanente de todos os agitadores. Isto tem feito mal enorme às finanças nacionais: impressiona-se o Congresso com a opinião da Capital, treme diante da imprensa, por sua vez também forçada a agradar às paixões dominantes para ter circulação remuneradora, e decreta, com frequência deplorável, medidas de favor a operários do Estado, obras adiáveis e dispendiosas, dia a dia onerando de compromissos o tesouro."*

A esta visão do eminente jurista acrescentava meu pai na edição do dito mensário de março de 1956: *Chegamos a uma conclusão fatal: é impossível governar mantendo a capital no Rio de Janeiro. E mais adiante completava: "Muitos ainda não penetraram na transcendência da revolução pacífica que o presidente Juscelino Kubitschek desencadeou no Brasil".*

Neste mesmo exemplar, há inserção de um nome extremamente ligado a Vivaldi Moreira, diria fraternalmente. Nós, filhos, acompanhamos a florescência daquela amizade sincera, só fundada na ideologia do bem e tão responsável pelos destinos de Vivaldi Moreira. A menção a José de Magalhães Pinto é oportuna, pois que as homenagens que Vivaldi devia ao grande homem público, e que nos foram legadas pelo patriarca, são intermináveis, razão por que, muito nos enternece a nós, da família, colocar o nome imaculado de Magalhães Pinto na ribalta de nossas constantes recordações. A propósito, dizia então o mensário, transcrevendo comentário da imprensa carioca: "O sr. Magalhães Pinto é um dos raros udenistas que se afastam do tipo do bacharel político; predominante no partido. Homem de notória probidade, sem alarde; de invulgar inteligência, sem exibição; intransigente no que é essencial e conciliador no que é acessório, sua projeção na política brasileira não fará senão crescer."

E para não dizer que não falei de flores, é mister lembrar aqui o nome consagrado pela fidelidade ao interesse público e ao amigo Vivaldi Moreira como foi o senador José Augusto, homem para quem o compromisso e a palavra pertenciam ao território da honra. Aliado intransigente da Academia e dos caprichos culturais de seu presidente, aquele saudoso homem público cumulava meu pai de constante provas não só de afeto, mas de amor. José Augusto, creiam, prodigalizava flores a quem também tanto o amava.

Permeavam a obra jornalística e cultural de meu pai passagens um tanto românticas, como era de seu temperamento, que, por vezes, apartava-se da razão para alçar-se a um plano utópico. De tal forma conduzia sua certeza de importância da Academia Mineira de Letras, principalmente em vista das prerrogativas intelectuais do corpo acadêmico, que celebrou ruidosamente com a família e os amigos a promessa de um governador de que doaria à AML o edifício de admirável arquitetura, lembra mesmo o Petit Trianon, que então, e até hoje, abriga os interesses da Secretaria de Estado de Agricultura.

Para continuar recordando *Minas em Foco*, periódico já mencionado onde Vivaldi concentrou as provas de importante doutrina de civismo e ética, transmitindo informações de toda espécie, e síntese de seu pensamento socioeconômico e de cidadania, prossigo percorrendo aquelas folhas, e delas, página a página, mês a mês, sinto que exalam a constante preocupação pela Minas de amanhã, pelo futuro que os brasileiros aguardariam, seus filhos e seus netos.

É importante definir, para um auditório não contemporâneo de Vivaldi Moreira, os fundamentos do mensário que, por oito anos, lhe consumia dias e energias.

Havia nosso personagem saído de uma aventura político-eleitoral ao lado daquele cônsul do civismo e da ética, o sumo-sacerdote da democracia, o verdadeiramente imortal Milton Campos. Não conseguiu Vivaldi Moreira obter os sufrágios que o levariam à tribuna de nossa Assembleia Legislativa, onde ansiava pregar a doutrina miltoniana e cerrar alianças em benefício das iniciativas que desaguassem na pacificação e no desenvolvimento de Minas.

Sobre Milton, eis o depoimento de Vivaldi, na edição de agosto de 1960: "*Em meio ao caos, um nome surge puro e incorruptível na sua fé republicana: o do senador Milton Campos. Esta não é uma definição partidária, pois não a esposamos nestas páginas. Fora e acima dos partidos, Milton Campos aparece na charneca de nossa vida pública como figura consular, de autêntico democrata, cuja coerência e firmeza nos ideais de liberdade e democracia o situam em plano à parte. Numa época de tantas contradições, seu nome é uma bandeira de tranquilidade, de decência, de alta devoção cívica.*"

Estas palavras, emitidas há cinquenta anos, confirmam a tese de Augusto Comte, que preconizava: "*Os mortos, cada vez mais, são os que devem governar os vivos*".

Diante, assim, de uma expectativa frustrada, e cercado por responsabilidades de família, idealizou meu pai o mensário *Minas em Foco*, cuja circulação foi assinalada, em todo seu período de impressão, pelos diversos segmentos que o liam, o que constituía retribuição animadora para o prosseguimento daquele esforço diário de recolha exaustiva de informações, afinal vencido pela tecnologia da simultaneidade entre os acontecimentos e sua publicidade. Lembro-me bem de suas alegrias ao receber da gráfica a tiragem que, a seguir, conjuntamente com a adesão quase febril de familiares, era imediatamente expedida. Lembro-me mais de seu justificado e incontido contentamento quando o correio lhe deixava, mensalmente, as manifestações entusiásticas e sempre animadoras de leitores como o presidente Kubitschek, que ora subscrevia acusando o recebimento, pessoalmente, sempre carregando elogios, ou por seu secretário particular o jornalista Sérvulo Tavares; de leitores como o bravo militar e insigne brasileiro marechal Mascarenhas de Moraes; de leitores como o embaixador em Belgrado e em Lisboa, o poeta e acadêmico Ribeiro Couto, ou de intelectuais a exemplo de Gabriel Passos e Gustavo Capanema, todos eles, assim como o leitor anônimo, relatavam, mês a mês, ora o prazer de percorrer aquelas folhas, ora enviando observações lúcidas e generosas.

Uma garantia oferecia *Minas em Foco*, o que ordenava a sua crescente tiragem: no rodapé do boletim anunciava meu pai como talvez

uma licenciosidade vocativa a expressão “Máximo de objetividade num mínimo de espaço”. Este selo é que atraía a leitura, já naqueles tempos em que as urgências se faziam sentir. A compensação particular do então editor do periódico se completava com as mensagens alentadoras que se originavam de todos os pontos do país, provando ele, expressamente, “*que há um território comum em que fazemos convergir nossas aspirações*”.

O tesouro inestimável que um intelectual ativo acumula e preserva ao longo de sua viagem terrena é algo de extraordinário. Por isso, queríamos que o destino final de todos eles não fosse como o apagar de uma chama. Sua falta, como a de qualquer expoente da cultura, é perda irreversível de que a sociedade se ressente. Por isto, é menos penoso, tanto para a família quanto para a ciência e as artes, que a humanidade retenha aquelas brasas, muitas ainda indormidas, que por certo irão abrir espaços para novas reflexões a desaguar em campos em que a humanidade ainda especula. É por isto que Eduardo Frieiro, aquele gigante da filologia e da erudição, repetiu em sua obra um pensamento que sintetiza bem esse fenômeno. Transcreveu aquele autor, em sua tão bela quanto curiosa obra literária, diálogo inapelável entre Valéry e André Gide, esses monumentos da intelectualidade mundial: o primeiro disse, em carta, a Gide, *que os livros eram santos*”, recebendo do segundo, em coro, “*que no mundo não deviam fazer outra coisa senão livros, pois todo o resto lhe parecia enfadonho*”. Noutra citação de Frieiro, agora acerca do mestre espanhol Menéndez y Pelayo, repetiu-a também Vivaldi, amante precoce do livro tal qual Pelayo, aquele que, aos oito anos, iniciou sua biblioteca, composta então de trinta clássicos, e no decorrer de sua existência acumulou títulos contando-os, afinal, em cinquenta mil, encerrando sua vida com a doação do precioso acervo à cidade de Santander, seu berço, não sem antes afirmar que adorava a Deus sobre todas as coisas, e ao livro como a si mesmo, adágio que meu pai chamou a si e se propôs cumprir, o que efetivamente veio a acontecer. Fez doação substancial, em vida, para esta Casa, a que seus herdeiros deram prosseguimento, recentemente, destinando dois mil volumes aproximadamente, além de outras remessas que se fizeram a amigos do livro.

Além de dezenas de obras publicadas, deixou-nos também Vivaldi Moreira um diário, suspenso pouco antes de sua ida. Este documento, ainda inédito, considero como um depoimento isento em que focaliza ideias e homens que compuseram, a seu tempo, o cenário político, econômico e social no Estado.

Homenagens assim, como esta da Universidade Livre, uma *longa manus* vibrante da Casa de Alphonsus, que a cada dia avulta como respeitável espaço da inteligência mineira, ora presidida pela atuante acadêmica, a professora Elizabeth Rennó, é que nos auxiliam a conviver com a ausência de Vivaldi Moreira. E citemos a participação, para nós enaltecida, da centenária Academia Mineira neste rondó por meu pai, que também lembra e perpetua em celebrações marcantes a figura de Vivaldi, que o presidente desta entidade lhe estende, o nobre acadêmico e advogado Orlando Vaz, quem, há quarenta anos, fora o anfitrião de meu pai em Paris junto à aquela santa e iluminada figura humana que foi Fausto Alvim, ao dirigir o jovem Orlando Vaz a Casa do Brasil na Cidade Luz.

A leitura constante de Unamuno, a começar pela invencível criação que aquele mestre inseparável de meu pai tituló como *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, conhecida por Vivaldi aos vinte e cinco anos, tranquiliza a família quanto à expectativa que meu pai intimamente guardava do seu fim. Além de consolar-se com sua Santa Madrinha, com quem iria se encontrar, como já me referi, era no baú de Unamuno que buscava também refrigério para sua alma. Esta obra transcendental, infundiu em Vivaldi a teoria ou mesmo a convicção do prolongamento da vida após a desencarnação, o que o fez, quem sabe, sorrir para aquela sempre inoportuna indesejada das gentes.

Por fim, o resumo da vida de meu pai, permitam-me condensá-la em manifestação que ressaiu da pena sempre inspirada do imenso Afonso Arinos em dedicatória generosa, gratulatória, por certo, quando veio à luz aquela sublime e deslumbrante enciclopédia de amor a Roma. E permita-me ainda esta digna e ilustre assembleia transcrevê-la em homenagem ao gênio literário que foi Afonso Arinos, aquele singular brasileiro, e com ele encerro esta vassalagem de saudade que presto a meu pai; assim

escreveu Afonso na dedicatória que acompanha a remessa de *Amor a Roma*, datada de 23 de fevereiro de 1983: *A Vivaldi Moreira, ao amigo, ao escritor, ao mineiro, ramalhete de primores.*



## O menino\*

*Cely Vilhena Falabella\*\**

Quem era esse Menino  
que habitava essas paredes  
essas escadas subindo  
como se fosse rezar  
nos altares da nobreza  
nos patamares da História  
nos cânones dos monges  
de priscas eras infindas?

Era dele esta Casa  
só dele de que eu saiba

O Solar

O solar que era só dele  
só de seus passos que um dia  
abriram as portas fechadas  
as portas de raras texturas  
madeiras de lei e de altares  
que longo tempo trancadas  
abriram-se à vida e à beleza

\* Poema extraído do livro *A casa do menino*, publicado em 2006.  
\*\* Escritora, professora, presidenta emérita da Academia Feminina Mineira de Letras - AFEMIL.

E as portas cantaram hosanas  
 ao abrirem-se de par em par  
 para que o Menino passasse  
 por seus átrios  
 por seus paços  
 por sua beleza primeva  
 de ser a Casa ou um claustro  
 solar de antanhos começos  
 onde adentrasse a alegria  
 e as janelas se abrissem

à hora solar matutina  
 até que as luzes da noite  
 adivinhassem o sentido  
 de ser a Casa escolhida  
 para viver toda a vida  
 o eterno e casto Menino



## Meu primeiro encontro com Vivaldi Moreira

*Cunha de Leiradella\**

Meu primeiro encontro com Vivaldi Moreira aconteceu por acaso. Mas me marcou. Não apenas por me ter resolvido um problema, mas também pela sua urbanidade, generosidade, franqueza e saber. Qualidades raras, apenas privilégio dos espíritos de boa ténpera. Daí, a minha admiração por aquele homem de cultura.

Terminava o ano de 1991 e eu fazia pesquisa para um romance histórico (que não terminei até hoje) passado na terra onde nasci: Póvoa de Lanhoso, norte de Portugal. Fazia anos que a história daquela D. Inês Sanches, queimada viva no castelo de Lanhoso por seu marido D. Rodrigo Gonçalves de Pereira, nos idos do século XII, me cutucava o juízo e, tinha hora, até o sono me tirava.

Anos antes, convidado pela Secretaria de Estado da Emigração para participar do encontro *Portugueses no Mundo – Uma Cultura a Preservar* (realizado na cidade do Porto de 25 a 27 de março de 1983), depois do rega-bofe fui descansar os últimos dias da mordomia na casa onde nasci. Mas o descanso foi de pouca dura. Ao xeretar o arquivo paroquial da minha freguesia, São Paio de Brunhais, encontrei um papel amarelado pelo tempo, manuscrito, sem mais nenhuma referência a não ser que tinha sido transcrito do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, onde pude ler

\* Escritor, reside em Póvoa de Lanhoso (norte de Portugal).

(mantenho a grafia): *Este dom Rodrigo Gonçalves foi casado com dona Enês Sanchez. Ela estando no castelo de Lanhoso, fez maldade com ufrade de Boiro, e dom Rodrigo Gonçalves foi destocerto. E chegou i e cerrou as portas do castelo, e queimou ela e o frade e homees e molheres e bestas e cães e gatos e galinhas e todas cousas vivas, e queimou a camara e panos de vistir e camas, e nom leixou cousa movil. E alguus lhe perguntarom porque queimara os homees e as molheres, e el respondeu que aquela maldade havia XVII dias que se fazia e que nom podia seer que tanto durasse, que el es nom entendessem alguma cousa em que posessem sospeita, a qual sospeita eles deverom descobrir. Depois, foi este dom Rodrigo Gonçalves casado com dona Sancha Anriquiz de Porto Carreiro, filha de dom Anrique Fernandez, o Magro.*

Aquele churrasco do século XII deu-me que pensar. E por várias razões. A primeira, porque a fogueira tinha ardido a menos de dez quilômetros da minha casa e nem os bombeiros nem eu tínhamos sabido do braseiro. A segunda, pela astronômica velocidade da evolução dos costumes: se no século XII se queimavam as mulheres em fogo vivo, no século XX apenas se fritavam em fogo lento. E a terceira, quem seria essa talentosa Inês Sanches que soube dar a volta a um frade beneditino do Mosteiro de Bouro, e da qual o pudendo Conde D. Pedro, filho natural del-rey D. Dinis, nada mais dizia?

Tinha a viagem de volta já marcada e não tive tempo de procurar o tal *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* nas livrarias. Não faz mal, no Brasil deve ter, pensei.

Já em Belo Horizonte, me lembrei da Livraria Camões, depositária dos poucos livros portugueses que amerissavam ou aterrissavam no Rio de Janeiro naquela época. E telefonei ao José Estrela, meu amigo dos idos cariocas e responsável pela importação, e ele me disse que não tinha o livro, e, se ele não tinha, nenhuma livraria do Rio teria. Mas, sim, havia algumas edições, a melhor de todas, a edição crítica do José Mattoso, só que estava fora do mercado. Tinha sido impressa para o 2º centenário da Academia de Ciências de Lisboa, fazia alguns anos. E mais não me disse o Estrela.

Cada dia mais curioso, corri livrarias e bibliotecas de Belo Horizonte, catando o livro das linhagens, na edição crítica do José Mattoso, o mais conceituado medievalista português de então. Nada. Nem edição crítica nem descritiva. Nas livrarias, ninguém sabia o que era. Nas bibliotecas, na UFMG e na Luiz de Bessa me disseram saber da existência do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, sim senhor, só que... Nas outras, igual às livrarias. Ninguém fazia ideia que trem seria aquele livro.

Valeu-me Alaíde Lisboa, a quem tinha sido apresentado, se a memória me não falha, pela Branca Maria de Paula na mostra do livro *Da alfabetização ao gosto pela leitura*, da própria Alaíde. Fale com o Vivaldi Moreira. Talvez ele até tenha na biblioteca da Academia. Muito obrigado, D. Alaíde. E lá vou eu que nem o Rómulo Paes, minha vida é esta, subir Bahia, descer Floresta.

Subi Bahia mas não desci Floresta, Vivaldi Moreira me recebeu com uma fidalguia que me espantou. Me lembrou o Marquês de Marialva da *Última corrida de touros em Salvaterra*. Sei que os portugueses gostam de vinho, mas em Minas toma-se café. Faz muito que perdi o gosto, Dr. Vivaldi. Tou no Brasil faz mais de trinta anos. E gostou? De Belo Horizonte, Dr. Vivaldi. Pra ser o paraíso só falta nevar na serra do Curral. E a conversa alongou-se. Escritores portugueses, José Saramago, de quem ele muito gostava, escritores brasileiros, Oswaldo França Júnior, de quem eu gostava e era amigo, falecido fazia pouco mais de dois anos. E que o traz aqui? Um livro, Dr. Vivaldi. Só um? Um, específico. Alguma raridade? Não, propriamente, embora eu o procure faz meses. Se me disser o título, quem sabe? *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, edição crítica do José Mattoso, Dr. Vivaldi. Só? E abriu aquele sorriso de quem sabe, e eu suspenso. É fácil. Procure o Dr. António de Sousa Mota, presidente do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, e lá o encontra.

Vivaldi Moreira era assim.

## EXCERTOS BIBLIOGRÁFICOS

*Vivaldi Moreira deixou publicados 21 livros de ensaios e memórias. Reproduzimos, a seguir, trechos de quatro deles em que o escritor mineiro transborda a sua preocupação fundamental com o ser humano.*

*No primeiro, revela toda a sensibilidade da criança que foi; no segundo as angústias do escritor; nos dois últimos, a crítica lúcida e inteligente de autores esquecidos do público leitor e da burguesia conservadora.*

### Meu amigo Lóide\*

Os elementos afluem à mente e só me lembram um menino e um cão. Com estas duas imagens na memória, desenvolvo a elaboração das demais. A tudo isso presidindo minha Mãe, figura central das lembranças ao lado de meu Pai. Duas almas tão diversas na aparência e tão ajustadas no essencial que se conjugaram para a criação do Menino da Mata. O seu Cão Piloto, como o da fábula lida repetidas vezes, foi o *Lóide*, um cachorro exemplar pela inteligência e fidelidade. Minha Mãe nos lia a história num livro de contos infantis. Suponho que os de minha geração para trás todos a conhecem. Eram sete os irmãos de Guilherme, o mais moço, filhos de um lenhador chamado Antônio, já viúvo. Enquanto o pai rachava lenha, uma árvore tombou sobre ele e logo sobreveio a morte. O caçula ficou ao desamparo, entregue aos cuidados dos maiores, já robustos e capazes de sobreviver. Incomodava-os a sobrecarga de Guilherme, que, entre muitas outras peripécias, receavam denunciá-lo se ele as estrepolias dos irmãos mais velhos caçando os veados do rei. Concertaram entre si, após discutir várias hipóteses, deixá-lo perdido na floresta, a três dias de viagem, em vez de matá-lo simplesmente. E assim foi feito. O pobrezinho, vencido pelo cansaço, dormiu. Os irmãos, vendo-o tranquilamente adormecido, escafederam-se. O menino, perdido no bosque e receando

---

\* Extraído do livro *O menino da Mata e seu cão Piloto*, de 1981.

passar a noite naquela solidão, ouve o estrépito de patas como as de uma fera. Correu, caiu e desmaiou. Quando acordou, viu que estava a seu lado o fiel *Piloto*. Acontecem sucessivos e singelos episódios até atingir a casa de uma velha, desprezada há decênios pelo pai de Guilherme que lhe narra a história, e se reconhecem avó e neto. As cenas de regozijo me comoviam até as lágrimas. Lida e relida por minha Mãe, com voz pausada, prosseguindo a narrativa dos irmãos mais velhos, anos decorridos, a baterem-lhe à porta, rotos e famintos e receberem os favores do caçula, outrora exposto aos azares da sorte e agora homem bem afazendado, apontou-me um caminho. A lição moral da maldade recompensada com a bondade, da vingança proscrita e substituída pela doçura e pelo perdão foi o que formou o sedimento de minha alma. Essa história ensinou-me o valor da lealdade, da benignidade, da clemência, da brandura e mansidão que eu via retratadas em meu Pai e, ao mesmo tempo, a bravura, o denodo, a coragem, a inconformidade com as circunstâncias adversas que formaram o tutano de minha Mãe. É ali estava o *Piloto*, reproduzido no *Lóide* fiel e leal como o cão do menino perdido no bosque, o *Lóide* que nos vigiava a todos, tomando conta de Ana Maria, a irmã mais nova, então deitada no berço. Estranho algum podia aproximar-se enquanto minha Mãe cuidava dos afazeres da casa. O porco, abatido para o suprimento doméstico, era fiscalizado com olhos vivos de lince, as entranhas escancaradas e apetitosas ao paladar canino, mas vigiado com os cuidados de um Cérbero para que nenhum outro animal voraz se aproximasse.

O *Lóide* era filho da *Campina*, e cadela meio-sangue galgo, veloz como um foguete, e que nos acompanhava nas excursões pelos arredores. O pai era o *Perigoso*, cão lebruno, quase pelo de rato, bravio como lobo, de origem *basset*, mestiçado com *bulldog*, amigo nosso de investir em quem tentasse colocar-se em nosso caminho. Ambos provinham da fazenda do Dr. Rodrigues Caldas, que viajava pela Europa e abastecia a Fazenda do Tanque de cães com *pedigree*. Com esses animais fomos criados e, com eles caçávamos preás nos brejos da Fazenda. O *Lóide*, resumo dos dois, bom epítome de várias raças mescladas, foi um dos amigos de minha infância. Viveu por mais de quinze anos. Sua história é

também alegre e triste. Esteve presa à nossa vida, minha e de meus irmãos. Da fazenda do Tanque, onde nasceu, até que nos mudássemos para Manhumirim, em 1932, ele nos acompanhou. Não presenciei sua morte, porque já estava fora de casa, na Faculdade de Direito, no Rio. Quando me relataram os pormenores, fiquei vários dias traumatizado. O cão não nos acompanhou na mudança, permanecendo em nossa casa, em São Francisco do Glória, até que a morte o colhesse. Não foi maldade, foi displicência. Meu Pai mandou buscá-lo várias vezes, mas tantas ele fugia às malhas do portador. Até que ali chegasse a dolorosa notícia do fim. Por certo, a tristeza, a solidão, numa palavra tão bela, foi a saudade que o matou. Disseram-me, por carta, que o luto invadiu nossa casa. As lástimas e as recriminações atravancaram as almas dos culpados e o ponto negro ficou. Tacitamente, convencionou-se não tocar mais no assunto. Quando regresssei numa férias, o caso, recontado por insistência minha, provocou lágrimas, censuras e acusações. O tempo amortece as mágoas, mas não as elimina. E o *Lóide* permanece como símbolo, imagem inapagável na lembrança dos que restam, indelével em sua bela compostura de amigo, como nos versos de Guilherme Braga, que eu recitava de cor, pelo constante manuseio da "Leitura manuscrita", de B.P.R., livro da escola primária:

#### A cismar

*Naquela ingratidão, que tanto me recorda,  
Do pescoço do cão desamarrando a corda,  
Em voz alta eu bradei: "Bem o dizias tu,  
Ó poeta imortal: "Le chien c'est la vertu  
Que ne pouvant se faire homme se fait bête".*

O poeta imortal, mais tarde eu iria saber, era Victor Hugo, e sua frase em francês, intercalada num poema em nossa língua, retrata exatamente o *Lóide*: o cão é a virtude que, não podendo fazer-se homem, se fez animal.

Passados tantos decênios de sua morte, quando ouço, desta mesa em que escrevo, o ladrar de cães, ainda é o uivo do *Lóide* que me chega aos ouvidos e me transporta à época mais feliz de minha existência”.

### Agruras do acadêmico, angústias do escritor\*

23 de maio de 1976 – Abro o jornal e vejo grande notícia dos “setenta” de Vovô Felício. Vovô é Vicente Guimarães, velho escritor para a infância, companheiro de imprensa em meus primeiros anos de BH. Mudou-se para o Rio em 1948, levado por J. Guimarães Menegale. Fazia, aqui, a revista infantil *Era uma vez...*, na qual colaborei com um conto folclórico com que meu Pai sempre nos encantava: “O macaco sabido”. Vicente é doido para ingressar na Academia. Sempre que vem a BH me fala nisso. Mas é que eu não tenho, sozinho, forças para pôr Vicente na Academia. Agora, por exemplo, há correntes poderosas que desejam Afonso Arinos, Juscelino Kubitschek à frente, aliado a Paulo Pinheiro Chagas. Os dois podem não arrastar muitos votos, mas criam problemas. E me vão abalar a liderança. Penso em escalonar a entrada e colocar, também, Vicente, se Deus me permitir que eu sobreviva a muitos outros. Faria questão, antes, que ingressasse, em primeiro lugar, Dario de Almeida Magalhães. Em seguida, um elemento do *Estado de Minas*, jornal de maior prestígio em Minas, e a escolha seria feita de comum acordo com a direção do jornal.

Depois desses, sim, gostaria de Vicente Guimarães. Já tenho falado a muitos que meu desejo é fazer da Academia um Senado Mineiro. Um órgão de prestígio no Estado e fora dele. Gostaria de incluir um membro do Tribunal de Justiça, talvez Pedro Braga ou Hélio Costa. Outro do Supremo, o Carlos Fulgêncio da Cunha Peixoto. São nomes que honrariam a entidade e honram Minas. Não podemos ficar sem imprensa como estamos atualmente. Há uma certa má vontade contra nós, e ontem,

\* Texto extraído do livro *Memorial a destempo*, páginas de diário, de 1986.

conversei com Camilo Teixeira da Costa num almoço, em Betim, no sítio de José Ramos. Falei-lhe da importância da Academia e ele ficou muito impressionado. Pedi-lhe que comunicasse aos companheiros. Era assunto para decidirem entre eles. A princípio, levou susto, mas, depois foi se acostumando à ideia. Meus argumentos foram longos e bem fundamentados. Primeiro, expliquei o que significamos lá fora. Depois, a ideia de cada órgão de importância vir a participar da Academia. E que seu jornal não podia faltar. Tínhamos, agora, a candidatura Afonso Arinos. Depois, talvez, a do jornal. Graças a Deus, a Casa está completa, mas até eu posso ir desta para a outra, sem expedir aviso prévio. Todavia, há muito velho na Academia e quando vier a derrubada, “será para valer”, como foi em 1974. Muita gente com mais de 80 anos e bem doente. Podem durar ainda ou sobreviver. Mas teremos de estar preparados para a eventualidade e não enfrentar surpresas. Meu calendário sucessório está pronto. Corro os olhos pela lista e vejo tantos amigos queridos que, presos em casa, não podem mais nem ir às sessões. E o Cardeal Motta, lá em Aparecida? E o Almeida Magalhães, lá em Mococa? Além disso, Dom Antônio Moraes, Eduardo Frieiro, Cônego Sequeira, todos perrengues. Se não houver preparo anterior, teremos aborrecimentos e eu, principalmente, não desejo ser ferido em minha autoridade, fazendo a balança pender para um dos lados. Basta a candidatura Sylvio Miraglia, que suscitou controvérsias e comprometeu o Candinho em sua bondade. Precisamos de um elemento de Juiz de Fora. Este é candidato de Melo Cançado, que não anda bem de saúde, também. Dirigir uma instituição como a Academia não é fácil. Há escolhas que honram deveras e outras obedecem a injunções. Temos que ali colocar Tancredo Neves, que é candidato. Brante, minha mulher, fala sempre em José Faria Tavares, espírito brilhante, criador de casos, quando as coisas não se resolvem como ele quer. Assim é a Academia. Preciso conversar sério com mais três companheiros e estabelecermos uma lista prioritária. Quero conversar com Oscar Corrêa, Victor Nunes e Hilton Rocha. Levantei-me, hoje, com essa preocupação e quando li a notícia do aniversário de Vovô Felício, estas linhas começaram a fluir de minha mão. Todavia, não são estas as reflexões que desejaria colocar aqui, hoje. Quero escrever acerca do

exercício do pensamento, e da escrita como resultado. Repensar umas palavras que li, há dias, num pequeno ensaio de Otto Maria Carpeaux. Ando sem tempo para me deter ou me encontrar comigo mesmo. Nesta minha eucaristia, nesta missa, que é este diário, o que desejo inquirir com calma não vem. Ou vem e volta, enquanto perco (e perco ou ganho) tempo ocupando-me de outras tarefas. Agora, por exemplo, devo visitar Mário Mendes Campos e telefonar a Melo Caçado. E a outros companheiros. Estas notas vão ficando para trás. Desejo escrever cartas a amigos, ou a pessoas que as merecem. Mas o tema não me sai da mente: a escrita como maneira de existir, modo existencial. Literatura é rebeldia. Nenhum acomodado escreve. Só escrevem os inquietos. Os inconformados com a existência e de como ela transcorre. Mesmo os analfabetos, os que se não podem exprimir graficamente, exercitam o inconformismo através da ironia, da sátira, na palestra oral. Finalmente, o escritor é um sujeito incômodo. Daí a alternativa das sociedades: ou suprime a criatividade, ou então recebe uma tempestade de agressões ao *establishment*. Literatura é revolta em si, revolta permanente. Daí sua função profilática: a literatura não permite a estagnação da sociedade. Ela vem para criar problemas, e não para solucioná-los. Intranquiliza, alarma os bem estabelecidos. Não deixa as águas paradas. O escritor é um modificador por natureza. Os países infelizes, as sociedades doentes, são os que geram os mais arrebatados escritores. Voltaire se insurge contra a exploração de uma sociedade estratificada, em que a nobreza explora como estado natural, como coisa normal, os párias, os servos da gleba, os deserdados da fortuna. Este tema merece desenvolvimento e ainda hei de voltar a ele com mais calma. Ainda há pouco, folheando um volume que adquiri agora no Rio, *Esquisse d'un tableau des apports de la France a la civilisation*, de Louis-Philippe May, verifico o montante dessa contribuição inavaliável daquele país admirável ao mundo. Não é só no domínio espiritual, da liberdade do homem, mas na emancipação material, na subjugação das forças cegas da natureza. É um livro cheio de sugestões em suas setecentas páginas. É uma espécie de memo. Todos sabemos da riqueza e generosidade da França, mas ter isso reunido é como possuir uma síntese à mão".

### Uma defesa\*

Nunca fui bom advogado. Durante o pouco tempo em que militei na profissão, senti logo minha inapetência para o *barreau* e fui tratando de dar o fora. Não que eu perdesse as questões a mim confiadas. Até que não. Conteí minhas vitórias, ainda naquelas em que, antes de propor a demanda, entrava em acordo com a parte adversa. É o que experimento neste instante, quando penso dedicar estas linhas à defesa de um escritor injuriado, abandonado, afrontado, desprezado pela crítica oficial. E, não obstante, querido, lido, amado pelo público. Vamos aos fatos.

José María Vargas Vila (1860-1933), natural da Colômbia, foi um escritor caudaloso. Homem de barricada, desassombrado, romântico de temperamento e de pena também. Bastante lido até os anos 40, depois caiu em pleno olvido, em virtude da campanha insidiosa de silêncio que sempre o assediou. Eu o li muito e até deplorei em meu *O Menino da Mata* a influência pessimista que dele recolhi. Mas quanto a isto a culpa não é dele. Acontece que seu nome agora me vem à lembrança pelo romance *La simiente*, cujo exemplar se acha em minha mesa. Meu irmão Edison acaba de adquirir uma grande biblioteca e entre o acervo vieram algumas obras do enxundioso autor. Sabendo que ainda possuo a maior parte da obra de Vargas Vila, doou-me o volume que não tinha mais, embora lido por mim ali por 1933. Que mal há nisso? O Marques Rebello, que não era lá grande coisa também, certa vez, aqui, numa estação de TV, fez uma de suas irreverências ao responder a um entrevistador, com certeza oriundo de uma dessas cidades do interior onde ainda se lia o colombiano: — “Que me diz o senhor de Vargas Vila?” Respondeu o sarcasta: — “Oh, rapaz, há quanto tempo não ouço o nome desse cavalheiro...” É assim que se destroem e se constroem as reputações literárias. Ouve-se falar mal e não se tem o cuidado de examinar, e a onda prossegue. A onda do contra muito mais do que a do a favor. Com o caluniado Vargas Vila deu-se isto. Por quê? Esta nota pretende

\* Extraído do livro *O círculo dos eleitos*, de 1987.

desafrontá-lo. Porque era palavroso, eloquente? Não é defeito. Victor Hugo o foi no mais alto estilo e aí está venerado por muitos. Vargas Vila foi um lutador tenaz e um trabalhador incansável das letras. Não merece o esquecimento e muito menos essa espécie de desprezo por sua obra, que é infinitamente superior à de muitos bobos que hoje lhe atiram calhaus que deviam guardar para si próprios. O que me surpreende em Vargas Vila é sua mania de separar o sujeito do verbo por vírgula. É maneira de ser original, mas e contra a lógica do discurso. Que ele só usasse o ponto-e-vírgula fora do lugar. Não podemos esperar que a canoa suba a correnteza. A excentricidade não pode chegar ao cúmulo de virar os sinais contrários e dizer que o trem corre rumo certo. Pus-me logo a ler ou reler o prefácio de *La simiente* e observei, tirante os reparos feitos, os valores literários da composição e, sobretudo, o ímpeto de revolta, de inconformidade com a injustiça, seu timbre de homem identificado com a justiça ideal – esse anelo dos homens de bem. Então, tudo isso não conta? Não torna um homem superior, acima da média geral, essa infatigável batalha contra o mal, contra o obscurantismo, contra o torpe caciquismo, essa ânsia de dignidade, esse empenho constante contra as potestades dominadoras cevadas no gozo de espezinhar o semelhante, esmagar o humilde? Na mocidade, li-o bastante e, talvez, em meu inconformismo nunca domado, guarde dele alguma influência, é claro, pois todos os autores que frequentamos nessa quadra ficam gravados em nosso espírito. A verdade é que os títulos de seus livros parecem toques de tambor ou clarinadas anunciando auroras. Há libelo mais irretorquível do que este enunciado: *Ante los Bárbaros, Gestos de Vida, Sombras de Águilas?* Ou ternas e comovidas: *El Sendero de las Almas, Archipiélago Sonoro, El Final de um Sueño, De los Viñedos de la Eternidad?* E neste envoltório de um título reside um mundo de emoção, de cultura, de erudição, de revolta, de vida. É evidente que os escritores passam. Passam Anatole France, D'Annunzio, Bourget, até o recente Mauriac, e já vai Proust pelo mesmo caminho do Lethes... O que mais me consterna é a ausência de um trabalhador cheio de qualidades como Vargas Vila nas recensões críticas dos próprios espanhóis ou sul-americanos seus contemporâneos. No entanto, sua popularidade era enorme entre os

leitores, principalmente após o lançamento de sua revista mensal *Némesis*, inteiramente redigida por ele, na Europa ou nos Estados Unidos, e na qual atacava sem contemplação os governos títeres da América Espanhola. Só o apostolado de esclarecimento, de bravura, de patriotismo, de fidelidade às ideias e amor às letras dão relevo à figura e nos conduzem ao respeito pelo homem admirável que foi, com todos os seus cacoes léxicos, seus traços infantis, seu estilo farfalhado, mas repleto de achados originais. Não se pode condenar sem ouvir o réu e não se pode proscriver um escritor sem lê-lo. É o que a defesa pede por Vargas Vila.

Viveu 73 anos esse colombiano verboso e resoluto. Não lhe conheço a biografia, mas somente ligeiros traços críticos no prestimoso manual de Anderson Imbert, que agora consulto, e diz que “foi excepcional, talvez pelas esquisitices literárias, vocabulário e sintaxe artificiais a serviço de um mórbido mau gosto”. É um juízo pessoal. A isto respondia o público, consumindo as tiragens espetaculares de suas obras pelo editor Ramón Sopeña, de Barcelona, já com o chamariz das capas atrativas, hoje tão em moda. Mais justo com ele foi o historiador do modernismo, Max Henríquez Ureña, embora acentuando seu implacável verbo contra os tiranos da América, a elegância no vitupério. Sabia enaltecer os que lutavam pelo ideal do bem, da dignidade e da beleza como o presidente Álvaro Obregón, do México, e o poeta Rubén Darío, a quem dedicou ensaios de comovido entusiasmo. Não obstante, Henríquez Ureña pôs em dúvida seu futuro literário. É claro que não ocupará o lugar privilegiado de um Rubén Darío, de um Alfonso Reyes, de um Juan Montalvo, este, um dos maiores prosadores pela riqueza musical e plástica da linguagem e tão pouco conhecido entre nós. Ainda assim, o nome de Vargas Vila não será riscado do mapa literário da América”.

### Retrato de Oscar Wilde\*

Um lugar-comum afirma que a medida mais certa de uma força é a resistência que ela é capaz de sobrepujar. A força do pensamento wildiano não foi ainda superada, porque ele jogou com aquele vitríolo sutil e sedutor, que é o paradoxo. Podem afirmar que seu esteticismo é puramente gratuito. Mas Gide, que foi seu amigo dileto, ainda escreve as mesmas coisas e já é chamado o "Goethe moderno"... O que Wilde foi, e ninguém lhe pode roubar ou negar a qualidade, é um excelente prosador da língua inglesa, cheio de colorido, de excepcionais virtualidades no tratamento dos temas e da textura vocabular. Daí a sua perene atualidade.

(...) A sociedade inglesa lhe era adversa e ele se desforrava dela ironizando-a, vergastando-a. Não é muitas vezes necessário ir-se aos extremos para combater um erro? Não faz mal lembramos aqui aquele postulado de Joaquim Nabuco: "A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possível fazê-las, e com eles é impossível governar". Daí o destino melancólico dos homens-aríetes. São somente utilizados para romper as muralhas. Depois, são encostados como instrumentos sem préstimo na cidade tranquila e laboriosa...

A princípio, Wilde é quase o anarquista que ruge contra a burguesia hipócrita e a nobreza dilapidada da Grã-Bretanha. É o homem que adora e exalta a vida de Benvenuto Cellini. Faz disso uma propensão dos gênios e pede para eles foro especial. Mais tarde D'Annunzio também iria falar num *bel delitto*. E em uma de suas obras-primas, *O Intruso*, descreveu patética e friamente um infanticídio calmamente matutado. E André Gide com a teoria do ato gratuito.

O que é realmente mais estranho na vida desse homem paradoxal é a certeza inabalável do seu fim. Ele predizia, desde as primeiras obras e nas palestras com os amigos, o seu futuro entrevisto pelo telescópio da genialidade. Esses homens, positivamente, possuem um sexto sentido que

\* Extraído de um ensaio de 1947, inserido no livro *Figuras, Tempos, Formas* (1.966).

os conduz tão certamente ao vaticínio pré-traçado por eles próprios. Wilde falou muitas vezes acerca do seu triste fim. Do fim que ele via claramente no futuro e não se atemorizava dele. Caminhava para ele com serenidade e consciência.

Ironizando os homens e seus costumes, sua bizarria não era mais que o excesso do corretivo aos costumes da época. Era ele nada mais que o espelho da sociedade britânica. Refletia na sua superfície a que ponto pode chegar o desenvolvimento daquela moral até, suas últimas consequências.

(...) Sua ascensão, porém, vai vertiginosamente de 1882 a 1893, ano em que começa seu escandaloso processo. O processo de Wilde é um desses equívocos corriqueiros da sociedade burguesa: a chaga está aberta mas nada de descobri-la, tampemo-la com panos caros enquanto o micróbio vai correndo. Erro judiciário ou a vingança da sociedade agastada contra o homem que a solapava? Não. Wilde só dizia a verdade acerca dos vícios que a corrompiam debaixo da tênue camada de hipocrisia e convenções. Ele já sabia que não seria perdoado. Em uma de suas obras disse: "A sociedade tudo perdoa, menos o gênio, o homem de talento". E o processo de Wilde não é mais do que a encarnação desta sua frase. Era ele considerado o cupim da sociedade corroendo-lhe as entranhas e deixando uma aparência de vitalidade, de segurança.

No curso do processo produziu frases e pensamentos em vez de defender. Fazia paradoxos. Não acreditava em toda aquela encenação medievalista para julgar a obra de um escritor de talento. E dizia: "A beleza é o símbolo dos símbolos. A beleza tudo revela porque nada exprime. Quando ela se nos mostra, revela-nos todo o ardor do Universo". Continua o enamorado de suas obras: "O sentimento de toda bela obra criada reside, pelos menos, tanto na alma que a contempla como na alma que a criou".

A finalidade, porém, da obra de Wilde não reside nos paradoxos que teceu, nem nas lantejoulas que ainda nos embevecem a cada passo. Está no grito de alarme que deu para afugentar o torpor a que ele julgava haver chegado a arte naquela doce era da paz vitoriana. Os grandes espíritos haviam desaparecido. Filho do esteticismo de Burne Jones e

Ruskin, com muita contribuição pessoal, retomou os temas da crítica e a elevou, oferecendo-lhe novos métodos de compreensão. Para os críticos deixou uma frase que vale por vários tomos de estética: "É muito difícil ser justo para com aquilo de que se gosta". Mas, apesar disto, ele interpretou as grandes correntes do momento com beleza. Ironizando os erros da sociedade corrompida e deles participando, Wilde foi fichado como revolucionário. E revolucionário na sua época – época de virgiliana paz espriada por cima de todas as instituições e de todas as concepções – era a pior espécie de gente. Vinha toldar a água tranquila, o quieto remanso do lago azul. Foi ele um revolucionário no estilo, nas ideias, no pensamento. Pensou renovar a sociedade por palavras: *words, words, words...* Mas como diz o mesmo Shakespeare no Hamlet, II, 4: "Words without thoughts never to heaven go..." Estas palavras sem pensamentos e que nunca chegam ao céu foram a perdição de Wilde. Por elas foi levado ao cárcere de Reading e morreu por muitos anos para o seu país, a pudica Albion...

(...) Só no fim da vida sentiu Wilde dois caminhos que se cruzavam à sua frente. Cumpria-lhe trilhar um deles. Já havia descrito o trágico de "Dorian Grey"; o ouro, a púrpura, a blasfêmia, a miséria e o esplendor de "Salomé"; as "Intenções", com seu veneno sutil, quando atinou que havia outros mundos, talvez mais profundos, mas que sua inteligência não havia ainda penetrado. Seguir a velha atitude passiva, da ironia corrosiva diante dos erros do mundo ou procuraria os ásperos caminhos da fé, que justifica pela lógica do sofrimento o nosso esforço em nos colocarmos diante de Deus? Escolheu o último.

(...) A verdade é que o cárcere lhe proporcionou um banho lustral na alma. Ao sair dali, ele não mais ousaria dizer como outrora: "Nenhuma incompatibilidade existe entre o crime e a cultura intelectual". Ele agora só se informava pela *Imitação de Cristo* ou pelos *Fioretti* de São Francisco de Assis. Eis a tragédia obscura de muitos destinos gloriosos. Há nas diversas etapas da vida do homem certos lapsos de tempo que simbolizam a clássica espada de Dâmocles, cuja existência percebemos, e que ali está para por à prova nossa paciência e resignação. Os torturados que o digam. Assim, a tragédia de Wilde teria de afastar dele seus amigos

burgueses e pacatos, aqueles que não conheciam a piedade e nem sabem da existência de um "foro de exceção" para certos temperamentos.

Outro aspecto a frisar-se nessa existência tumultuária e finalmente melancólica é a fuga do amigo. Os mais próximos, os mais ligados, são, o mais das vezes, os que primeiro se escafedem. Temem que, com sua proximidade, o público veja neles os mesmos defeitos do amigo decaído, e assim os pusilânimes se afastam, sem a piedade natural, mas vendo unicamente o decoro exterior, não são capazes de contribuir com a mais mínima parcela de bem pela sua só presença, a fim de captar um pouco de simpatia sobre o desgraçado. Deixam, seja lá quem for, à beira do abismo. E dessa forma, vimos repetidos, no caso de Wilde, com essa cansada monotonia, aquilo que sempre falta a quem tomba no campo: o amigo. Por isso é fama que um dia disse Sócrates a seus discípulos: – "Meus amigos, não existem amigos..."

É claro que Wilde sabia muito bem disso e é nesse ponto que devemos considerá-lo, conforme a nomenclatura franciscana, o nosso irmão Wilde. Quem não está sujeito, nesse torvelinho sombrio do corre-corre humano, a ver esgotarem-se-lhe as benesses da fortuna e consequentemente à fuga do amigo? Os falazes bens da vida, aquilo que ela nos oferece nos nossos momentos de plenitude, são como a fumaça que se evola rápido da madeira em combustão. Depressa se esvai no ar. E enquanto estamos na plenitude, não necessitamos de amigos: temos serviçais, porque são esses todos aqueles que nos rodeiam quando estamos repartindo o supérfluo. Mas a hora do amigo é a hora da angústia. A solidariedade, e não a compaixão é o verdadeiro sentimento do amigo. A solidariedade assiste com permanência e cala. A compaixão ajuda, exclama e passa. Os temperamentos sensíveis sabem muito bem distinguir uma da outra. Somente as compleições grosseiras podem confundir as sutilezas da amizade com as manifestações de compaixão. Nenhum homem digno aceita a compaixão. Recebe-a, mas armazena-a intacta no seu coração. A amizade é outra coisa: casa-se, irmana-se, funde-se e se dilui ao contacto cáldo de sentimentos análogos que ela vem despertar. Daí não haver sentimentos que se lhe comparem em profundidade e beleza e é por isso que os Evangelhos decantam a cada passo as suas

virtudes inconfundíveis. Mas, o amigo, essa *avis rara*, que tem falhado a muitos, falhou também a Wilde. A não ser André Gide e Frank Harris, nenhum outro amigo dos tempos áureos o veio confortar. André Gide insistiu para que o ilhado social, o pária da sociedade enchesse com sua prosa olímpica ou sua poesia marmórea as colunas do prestigioso *Mercure de France*. Mas ele recusou. E recusou em termos amargos, dizendo que a velha e conceituada revista era o centro da decadência literária. O amigo infeliz e desesperado tem direito a tudo. Preferiu, como uma sombra do passado, perambular maltratado por onde já passara ostentando o garbo de outras eras. Para que vaidade? Atingiu uma depuração total. A sociedade o havia proscrito. Os amigos eram poucos.

Eis o fim que alguns temem e que Wilde achou necessário como esplêndida apoteose. Foi o final de sua consagração – o desprezo dos amigos. Porque, já no fim de sua existência, ele mesmo escrevia: “O momento sublime para um homem – não me deixa a menor dúvida – é o em que, prostrado no pó, bate humildemente no peito e confessa todas as culpas de sua vida”.



## Manhã nas Tulherias

Vivaldi Moreira

*Ensaísta, memorialista, ficcionista, cronista, Vivaldi Moreira foi também poeta bissexto, conforme comprova o texto abaixo, cujo original, entre tantos outros, está de posse de sua filha Maria do Céu Couto Moreira.*

*Redigido quando de uma das viagens de Vivaldi à França, o poema brota com extrema espontaneidade, mostrando suaves conotações líricas com profundos sentimentos memorialísticos, em composições literárias que ressumbram simplicidade e leveza.*

*A nota do autor, ao pé do poema, melhor explica o momento, as inspirações e a significação da sua estrutura.*

Deixo a Rua de Rivoli.  
Os automóveis me atormentam  
Até atingir o passeio defronte.  
Mas as narinas dilatam  
Com o perfume silvestre  
Caindo das árvores como  
Bolas de fragrância.

Deus me mostra o Eden das delícias.  
 Atravesso as grades pelo imenso portão.  
 Meus pés deslizam sobre a areia.  
 Vejo pequenos lagos com crianças nas margens,  
 Soltando barquinhos de papel.  
 Berços de rodas e carrinhos tocados pelas amas  
 Levam-me até o lar,  
 Restituem-me vinte anos que se foram...  
 Minhas filhas pequeninas,  
 Levadas ao Parque Municipal,  
 Queriam sorvete e bolas de gás,  
 Que escapuliam no ar.  
 E suas fisionomias alegres  
 Ou assustadas como pássaros na armadilha.  
 As folhas do outono de Paris  
 São as notas do Banco de França,  
 Tão Belas com suas cores desmaiadas.  
 Junto-as, como nos meus oito anos,  
 Estou contando meus milhões  
 Com que posso adquirir aquele Rolls-Royce  
 Que despejou na entrada  
 Três crianças louras com a criada.  
 O banco em que me assento  
 Não é o Banco dos Champs-Élysées  
 Onde faço o câmbio.  
 Banco do Sonho, do poder ultraterreno,  
 Que vai imprimindo dinheiro a meu bel-prazer.  
 Pés abençoados que me levam às Tulherias.  
 Olhos abençoados que me trazem estas imagens.  
 Memória indelével que fixa quadros

Tão nítidos na minha pinacoteca escondida.  
 Brinquedos infantis do quase sexagenário,  
 Com as mãos pousadas nas cabeças infantis.  
 Deixo o coração ali, no azul,  
 Na tranquilidade da clorofila parisiense.  
 Como é difícil fechar o Banco do Sonho!

Quem quiser que o julgue. Mas saiu de um jato. Os elementos do sonho e da recordação estão todos nele. É a vez primeira que deixo aqui mesmo esses subprodutos da alma, essa secreção. Tenho grande vontade de cair em cima deste caderno e adormecer, pois só falta compor dormindo.

Raras vezes me tem sucedido isto. Às 16 horas, compus os períodos acima. Eu estava dormindo, realmente. Saí daqui da mesa, fui para a cama e dormi até agora, 18 horas.



**Rosas vermelhas para  
Soror Thérèse de l'Enfant-Jésus**

*Maria do Céu Couto Moreira\**

*À memória de meus venerados pais  
2012 – Ano do Centenário de Vivaldi Moreira*

Quem me dera ser poeta  
Para compor uma ode  
Em que pudesse fixar  
Com o afeto que tenho  
A formosura, a fragrância, os matizes  
Do ramalhete que trago comigo  
Desde a primeira vez em que vi a suavíssima  
Imagem de Thérèse Martin  
Afangando a Cruz – O Mestre – “O Bem Amado”  
Com as rosas do coração.

---

\* Advogada, filha de Vivaldi Moreira.

Com que ternura,  
 Veneração e abrasado amor  
 Adoro a Santa Face querida.  
 E nesta adoração me perco em doces devaneios,  
 Viajo aos páramos celestes  
 Em busca das moradas de luz,  
 De luas, estrelas e lírios.  
 Buscando consolo, talvez o lenitivo dos que  
 Vivem envoltos nas brumas da melancolia,  
 Cruel espinheiro que maltrata, dilacera e escurece a alma  
 E empalidece a vida dos filhos que já não têm seus pais na Terra.

Aos pés da Virgem do Sorriso,  
 Imaculada Conceição, Madrinha de meu pai,  
 Encontro abrigo, descanso, paz e bom amparo.  
 Sou um veleiro solitário no oceano da saudade,  
 Refém eterna das deliciosas lembranças,  
 Dos beijos de meu Pai e das bênçãos de minha Mãe.  
 Mas confiante alcanço as graças, as doçuras,  
 – centelhas de infinito,  
 Com que me presenteia sempre a Santíssima Mãe de Teresinha.

Como num decalque antigo,  
 Sobre uma mesa de carvalho secular  
 Repousam flores em festiva profusão  
 Cravos, jasmims, rosas e açucenas.  
 Assim como nas delicadas louças de Limoges  
 Ou ainda nos quadros de Matisse  
 Deposito agora o ramalhete no regaço de minha Santa querida.  
 As rosas rubras, enlaço-as todas elas,  
 Contemplo, choro e eternizo  
 A visão da beleza intensa das infinitas cores do vermelho.

## Uma vida em síntese

Nascido em Tombos, Minas Gerais, a 28 de setembro de 1912, o escritor Vivaldi Wenceslau Moreira é filho de Pedro José Moreira e Jacinta de Oliveira Moreira. Aprendeu as primeiras letras aos oito anos, no distrito de São Francisco do Glória, município de Carangola, na Fazenda do Tanque, de propriedade de sua avó paterna, com professor particular. No segundo mês de aula já lia o *Correio da Manhã* e se interessava por todos os assuntos, principalmente política exterior. Aos quinze anos iniciou os estudos secundários, em Muriaé, no Instituto Profissional, onde se preparou para o exame de admissão, que fez, a seguir, no Ginásio Municipal Carangolense, em Carangola. Nesse estabelecimento fez o curso ginásial até a 4ª série, quando se transferiu, por motivo de mudança de seus pais, para o Instituto Evangélico de Alto-Jequitibá, atual Presidente Soares, ali se bacharelando em Letras no ano de 1932. Ingressou, em 1933, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, bacharelando-se em 1937. Obteve sempre distinção com os professores Queirós Lima, Castro Rebello, Gilberto Amado e Sá Pereira, que lecionavam, respectivamente, Teoria do Estado, Direito Civil (Parte Geral), Direito Penal e Direito Civil (Direito das Coisas).

Durante o curso de Direito trabalhou na imprensa carioca, ao lado de Cândido Campos, primeiro no semanário *Informação Econômica e Financeira* e, depois, no diário *A Notícia*. Apareceram então seus primeiros ensaios, publicados em *Pan*, semanário de assuntos variados.

Em 1939 seguiu para o interior de Minas, indo advogar em Resplendor, onde serviu também como Secretário da Prefeitura local.

Em fins de 1940 transferiu-se para Belo Horizonte, a fim de secretariar a *Revista Comercial de Minas Gerais*, órgão da Associação Comercial de Minas, da qual, mais tarde, foi codiretor. Serviu, também, como consultor jurídico da Associação Comercial e diretor do *Boletim* da mesma entidade. Iniciou, ainda em 1940, colaboração assinada nos jornais da Capital, escrevendo em *O Diário* e no *Estado de Minas*.

Em 1946 e 1947 publicou o *Anuário Comercial e Industrial de Minas Gerais*, que constituiu sucesso pelo caráter prático das informações nele difundidas.

Com a queda da ditadura e a eleição de Milton Campos para o Governo de Minas, foi convidado para chefiar o Gabinete do Sr. Magalhães Pinto, Secretário das Finanças. Logo a seguir, iniciou a colaboração na *Folha de Minas*, escrevendo rodapés diários sobre vários temas, principalmente literários e sociológicos.

Da Secretaria das Finanças saiu para o Tribunal de Contas, sendo nomeado auditor em 1949 pelo governador Milton Campos e ministro em 1964, pelo governador Magalhães Pinto, ocupando sua presidência durante quatro anos, de 1967 a 1970 e de 1980 a 1982, quando se aposentou.

Exerceu também o cargo de diretor-geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas (1982-83), no Governo Francelino Pereira.

Colaborou dois anos consecutivos no Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, do Rio. Publicou inúmeros ensaios em revistas especializadas, sobre Ciências Sociais e Pedagógicas. Em 1951 publicou *Sociologia da crise*, ensaio expositivo e de interpretação da Sociologia como ciência da crise, merecendo análises minuciosas e aplausos de Fernando de Azevedo, Francisco Ayala e Ortega y Gasset, entre outros.

Leccionou Sociologia da Educação na Faculdade de Filosofia e Letras Santa Maria, núcleo gerador da atual Universidade Católica, e no Instituto de Educação.

Em 1953 fundou *Minas em Foco*, mensário sintético de notícias e orientação, que despertou os mais amplos louvores de todas as classes sociais por sua feição objetiva e imparcial, durante quase nove anos de sua publicação.

Foi Secretário-Executivo do Centro de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, ao lado de Mário Casasanta. Em seguida, ocupou, no Rio, o cargo de Chefe da Divisão de Publicações do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e de diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Foi membro da Comissão Central da Enciclopédia Brasileira.

Desempenhou, também, o cargo de Chefe do Gabinete do Secretário do Interior em 1959/60, junto ao Desembargador Martins de Oliveira.

Em 1959 foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, na Cadeira 38, vaga com o falecimento de Honório Armond, "Príncipe dos Poetas Mineiros", da qual foi Secretário de 1960 a 1969, quando foi eleito 1º vice-presidente. Em 1975 foi eleito presidente da Casa.

Em 1994, por voto unânime de seus pares, é eleito presidente-perpétuo da Academia Mineira de Letras. Vivaldi Moreira faleceu em Belo Horizonte no dia 26 de janeiro de 2001, em sua casa, na Rua Professor Moraes, em que residia desde 1947 e onde manteve uma biblioteca de vinte mil volumes, doados, ainda em vida, à Academia que ele tanto amou.

#### Bibliografia:

- *Sociologia da crise* - Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1951; *A Fruta de Mársias* - Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1960; *Navegação de cabotagem* - Editora Edart, 1963; *Uma Passagem para Meipe* - Editora da Casa da Amizade, Belo Horizonte, 1964; *Figuras, Tempos, Formas* - Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1966; *Daqui e Dalém* - Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1968; *Milton Campos, Política e Letras* - Editora Senado Federal, Brasília, 164 pp., 1972; *Volta a Meipe* - Editora Rotary Clube de Belo Horizonte, 1973; *O Menino da Mata e seu Cão Piloto* - Imprensa Oficial do Estado, Belo Horizonte, 1982; *Perfis Contemporâneos e Outros Escritos*; Associação Comercial de Minas, Belo Horizonte, 1982; *Doutrina e Decisões no Tribunal de Contas de Minas Gerais*, 1982; *Memorial a Destempo* - Imprensa Oficial,

Belo Horizonte, 1985; *Personalidades e situações* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1986; *O Velocino de ouro*, Brasília, 1986; *O Círculo dos eleitos* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1987; *Correções a fazer e preços a praticar* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1989; *Glossário das Gerais* – Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1991; *Viagens*, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1996; *Cobras e lagartos*, Imprensa Oficial, 2000; *Novo glossário das Gerais*, Imprensa Oficial, 2000.

(Dados biográficos fornecidos pelo acadêmico Pedro Rogério Couto Moreira)



## O letramento literário e a formação do escritor em *O menino da Mata e seu cão Piloto*\*

Samantha Guedes Barbosa\*\*

*Eu ia descortinando o mundo,  
trabalhando meu destino,  
fazendo de mim o andarilho  
apaixonado do mundo das ideias*

Vivaldi Moreira *O menino da Mata e seu cão Piloto*, p.60.

### 1 – Contextualização

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a leitura literária no livro *O menino da Mata e seu cão Piloto*, de Vivaldi Moreira<sup>1</sup>. O livro faz parte do *corpus* do projeto de pesquisa “De leitores a escritores: o letramento literário em obras memorialísticas brasileiras do século XX”, realizado no Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH. A formação do escritor é abordada a partir de suas leituras, sobretudo as

\* Resumo da monografia resultante da pesquisa feita em 2005.

\*\* Graduada em Letras no UNI-BH.

<sup>1</sup> Todas as referências à obra foram feitas a partir da seguinte edição: MOREIRA, Vivaldi. *O menino da Mata e seu cão Piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

literárias. É nessa perspectiva que se pode analisar o processo de criação de Vivaldi Moreira, bem como apontar e discutir, através de sua obra memorialística, o papel dos diferentes mediadores de leitura.

Como ponto de partida, é necessário falar sobre o autor e a escolha da obra. Personalidade cultural marcante não só em Minas, como no país, Vivaldi Wenceslau Moreira é pouco estudado no meio acadêmico. A sua trajetória de letramento literário é um exemplo a ser seguido. O indizível prazer do belo e do eterno se encontra em um acervo que traz o melhor da literatura brasileira e mundial. Grande amante da leitura, o escritor passou a vida recolhendo e escrevendo livros, sendo que 20 mil volumes foram doados e se encontram, desde meados dos anos 80, na Academia Mineira de Letras.

Nascido em uma família de origem rural mineira, desde a infância Vivaldi Moreira optou pelas letras. Segundo as palavras do menino, “queria era saber coisas”, “nada de ser doutor” (p.37). Parece que a criança previa para si o seu futuro: escritor, acadêmico, magistrado, advogado, professor e jornalista.

Ocupou lugares significativos no serviço público como Auditor, Ministro e mais tarde Presidente do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais. Membro da Academia Mineira de Letras, ocupava a cadeira número 38 e passou a presidente da instituição, em 1975. Em 1988, tornou-se presidente perpétuo por votação unânime de seus pares. Vivaldi Moreira faleceu em Belo Horizonte, em 26 de janeiro de 2001.

A escolha da obra *O menino da Mata e seu cão Piloto*, publicada em 1981, é fruto de uma descoberta. Ou seja, o título do livro é uma espécie de paráfrase de um conto infantil, que a mãe do autor, D. Tita, narrava constantemente aos filhos. A mesma história é mencionada por Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, também *corpus* deste projeto de pesquisa, analisado por outra acadêmica do Curso de Letras.

Dessa forma, depois de descobrir a obra memorialística de Vivaldi Moreira e perceber que a sua geração é próxima de Graciliano Ramos resolvemos, a partir de espaços geográficos e de contextos familiares e sociais diferentes, identificar as formas de letramento inicial de leitores que se tornaram, posteriormente, escritores. No entanto, estudar essa

narrativa significa não só voltarmos os olhos para um processo de letramento individual e refletir sobre o perfil de leitor de Vivaldi Moreira, mas percebermos uma edificante filosofia de vida e nos sentirmos atraídos pelo aspecto estético, ético e afetivo da obra.

## 2 – Em direção à formação do leitor e escritor

Nascido em Tombos (28 de setembro de 1912) e criado em São Francisco do Glória, ambos distritos de Carangola, o memorialista foi menino da Fazenda do Tanque, propriedade de sua avó materna, subdividida entre seus três filhos, entre eles o pai do autor, Pedro Moreira. Pode-se dizer que o gosto pela leitura nasceu da prática de ouvir histórias. Nesse caso, nada melhor do que Cecília Meireles para confirmar tal assertiva: “O gosto de ouvir histórias é como o gosto de ler” (MEIRELES, 1979:42). Considerando que um ato estimula o outro, Vivaldi Moreira, além de apreciar o conto infantil, sempre repetido por sua mãe, conservou esse hábito e teve depois por 17 anos uma leitora particular. Marília Moura Guilherme, bibliotecária formada na UFMG e funcionária da Academia Mineira de Letras, iniciou o seu trabalho como ledora, na biblioteca particular do escritor Vivaldi Moreira. Ele possuía uma relação de títulos que era apresentada, por mês, a Marília. A lista dos livros era organizada por data/ano. O critério para selecionar as leituras também era feito por autor. Assim aconteceu quando o escritor resolveu ler a obra inteira de Aquilino Ribeiro e do espanhol Azorín. Na época em que Marília começou a ler para o escritor, ele já era presidente da Academia Mineira de Letras, posição ocupada desde 1975. Ele tinha 72 anos e era aposentado do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais, onde trabalhou durante muitos anos. Segundo o próprio Vivaldi, era época de releitura. Marília leu para Vivaldi 1993 livros.

Na verdade, o escritor leu muito mais do que os números indicam, pois ainda tinha contato com os originais à noite, como era do seu agrado. Grande frequentador de sebos, sempre adquiria volumes de livros de acadêmicos, como também de outras obras.

As leituras em voz alta eram acompanhadas de comentários feitos por Vivaldi. Enquanto Marília lia, o escritor tinha uma atitude muito singular, encadernava livros, e nas lombadas registrava com a sua letra, em caneta de prata, as informações inerentes aos mesmos. Assim, Vivaldi Moreira externava o seu amor e zelo pelos livros, através do seu trabalho manual. Além disso, o escritor também tinha o hábito de recortar artigos e reportagens de jornais referentes ao assunto que estava lendo ou ao autor e colocava dentro dos livros. De acordo com Marília, graças a essa prática, pesquisadores já encontraram materiais muito úteis, que não estariam disponíveis se não fosse pela curiosidade e interesse do “menino da Mata”.

Algumas leituras literárias de Vivaldi Moreira são apresentadas, no capítulo de mesmo nome do livro, através de referências a outros cães importantes da literatura brasileira e universal: “a sofredora e resignada Baleia”, de Graciliano Ramos, em *Vidas secas*; Quincas Borba, do livro homônimo de Machado de Assis; Riguet, criado por Anatole France; Veltro, da *Divina comédia* e vários outros, alguns criados por seus confrades da Academia Mineira de Letras (p.25-26).

Os pais do escritor valorizavam a leitura e a formação escolar. O pai assinava os jornais cariocas *Correio da Manhã* e *O Jornal*, de Assis Chateaubriand; a mãe recebia a revista *Vida Doméstica*, com as novidades da cultura europeia; para o menino vinha *O Tico-Tico*. Tal revista divertiu e influenciou muitos escritores famosos. Atualmente, a sua reedição pode ser conferida em um álbum comemorativo, com *fac-símile* do número 1 cedida pelo bibliófilo José Mindlin, cujo hábito de leitura foi influenciado pela revista, de acordo com a *Entre Livros*, de 2005.

Os jornais eram lidos na íntegra, inclusive os anúncios (p.22). O *Correio da Manhã* foi considerado pelo memorialista como a sua grande universidade (p.35), pois ali o menino ampliava a sua visão de mundo com as notícias de grandes nomes da política internacional. Buscar a correspondência constituía ato prazeroso para o menino, que se orgulhava quando essa ultrapassava a de seu pai, retratado como “infatigável ledor”: “quando não estava ocupado, fazendo qualquer coisa, tinha, sempre um livro à mão” (p.38). Enquanto a mãe do menino se apegava às leituras

pragmáticas, Pedro Moreira tinha o seu conforto na ficção. Foram muitos romances lidos, dentre eles, várias vezes os quatro tomos de *Mil e uma Noites*, em bela edição. Era com a curiosidade sempre aguçada que Vivaldi ouvia com fascinação histórias verídicas e outras da Carochinha, contadas por seu pai, como a do *Macaco sabido*, a do *Doutor Grilo* e muitas outras. A primeira foi escrita e publicada pelo autor na revista infantil *Era uma vez*, em 1941 (p.172).

No aprendizado das primeiras letras, Vivaldi se encanta com o *Novo Terceiro Livro de Leitura*, de Hilário Ribeiro. No acervo pessoal do escritor, localizamos numa edição de 1905, esse livro tão estimado, no qual o “menino da Mata” descobriu o mundo, percorrendo os cinco continentes em companhia do Soldadinho de Chumbo (p.51). Considerado o seu livro predileto, Vivaldi Moreira faz muitos elogios às páginas ilustradas do *Novo Terceiro Livro de Leitura*, que segundo o autor, provavelmente também influenciou na vida de muitos da sua geração.

O gosto pelas palavras também aparece na infância do escritor: Vivaldi se encanta com os vocábulos “viandante e “noutes” (p.54). Aos poucos, ele fazia de sua vida uma caminhada apaixonada pelo mundo das ideias. A fantasia apresentada aos olhos continua com a leitura de Júlio Verne, deliciou-se depois com D. Quixote, “manancial de ensinamentos da relatividade humana”, aprofundou-se no conhecimento da complexa alma do homem, ao contato dos *Ensaio*s, de Montaigne. (p.57). O escritor ainda percorre avidamente as páginas de Karl Marx e de Bergson; aprende o tempo interior e a recriação do tempo perdido nas páginas de Proust; depara-se com as fronteiras da lucidez extrema e da loucura visionária, através de Nietzsche; abre os caminhos para as amplidões abissais, através de Martin Heidegger, após deparar-se com a sutileza do ser e do existir, ao ler Kierkegaard (p.58).

A feição enciclopédica de Vivaldi Moreira possui sua raiz no livro de Hilário Ribeiro. Matriz de todos os outros, foi na infância que o memorialista se viu tomado pela curiosidade de saber sempre mais.

O escritor guardou um caderno no qual anotava, desde 1933, os livros que lia. Tivemos acesso à lista, que anos depois, foi registrada no seu computador. Percorrer com vista as páginas desse caderno era motivo

de alegria, pois assim, Vivaldi revivia os momentos e as datas da leitura de cada período, ligando as emoções e as descobertas que fazia ao humilde livrinho de Hilário Ribeiro, que tantas perspectivas lhe abriu.

Vivaldi Moreira estreou em livro, no ano de 1951, com *Sociologia da crise* – Conceitos Sociológicos da obra de José Ortega y Gasset ou a Sociologia como ciência da crise. Essa foi a sua tese de concurso feita em 20 dias, para a cátedra de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. O trabalho recebeu louvores de Ortega y Gasset, Francisco Ayala, Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre, entre outros.

O autor de *O menino da Mata e seu cão Piloto* se manteve fiel quase sempre ao ensaio. O seu livro de memórias, embora pertença a outro gênero, guarda o mesmo caráter lícido e profundo do autor, cheio de conhecimentos. O escritor é detalhista em suas recordações, revelando em muitas partes o seu gosto pela reflexão. Vivaldi Moreira consegue transmitir com facilidade a cultura que sorveu e assimilou, transitando entre os saberes e expondo habilmente os seus conceitos sobre filosofia, política, sociologia, literatura, sempre mesclando erudição e simplicidade. Nota-se a preocupação e o cuidado com a língua portuguesa, resultando uma produção aprimorada do ponto de vista linguístico. Além de trechos bíblicos, epígrafes de escritores do convívio diário do memorialista perpassam a narrativa: Ésquilo, Tertuliano, Shakespeare, Renan, Baltasar Gracián, São Paulo, Göthe, Nietzsche, Alfredo Panzini, Ramón y Cajal, etc.

A diversidade de orientação, no que se refere às leituras, era vista na unidade de propósito. Ou seja, todos os livros buscavam clarear as indagações tão inerentes ao ser humano. Para isso, as obras de Tolstói, principalmente *Guerra e paz*, assim como o abismo da razão e a poesia da inocência em Dostoiévski contribuíram para a formação do escritor. Vivaldi também se abastecia continuamente em obras de Ortega y Gasset e se encantou com a síntese da aspiração de Alexis Carrel: “O homem é o meio do caminho entre o átomo e a estrela” (p.59).

Vivaldi Moreira, em uma entrevista ao jornal *Estado de Minas* (1981), conta como editou sozinho o *Minas em Foco*. Tratava-se de um

jornal resumido, o primeiro órgão sintético aparecido no Brasil. Foram 30.000 exemplares distribuídos gratuitamente pelo país inteiro, durante oito anos, despertando o interesse de muitos pela assinatura ou a continuação da remessa. O escritor agrada personalidades como Juscelino Kubitschek e chega a receber cartas lisonjeiras, como a do poeta Carlos Drummond de Andrade (MOREIRA, 1989:15).

Vivaldi ainda teve os seus ensaios publicados no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro; *O Estado de S. Paulo*; *Folha de Minas* e *Estado de Minas*.

Autor de 20 livros, Vivaldi Moreira pode ser considerado um herdeiro cultural, pois descendente de um comerciante leitor, ele herda de sua família e de seu círculo de amigos o interesse pelas letras. Concebendo desse modo o seu perfil de leitor, notamos o predomínio acentuado de obras literárias que comprovam o prazer da literatura, demonstrando assim a nítida existência do processo desse tipo de letramento na formação do escritor. É importante ainda lembrar o papel da literatura como ponta de eixo ideal para uma nova estrutura de ensino. A valorização do seu poder formador é defendida pelo sociólogo francês Edgar Morin da seguinte maneira:

“A literatura, o teatro e o cinema são escolas de vida para crianças e adolescentes, onde eles aprendem a se reconhecer a si mesmos. [...]”

“Escolas de complexidade humana, onde se descobrem a multiplicidade interior de cada ser e as transformações das personalidades envolvidas na torrente dos acontecimentos.” (COELHO, 2000, p.11).

Quero com isso dizer que Vivaldi Moreira, para quem o livro foi sempre a companhia mais fiel, merece a atenção de leitores e pesquisadores que procuram reunir, hoje, literatura e educação, buscando compreender a formação do leitor literário e suas relações com a formação do escritor. Da mesma forma, acredita-se que a riqueza da sua obra, bem como de seus diários, correspondências e juízos literários possa ser explorada, já que é fonte instigante para novos trabalhos sobre um escritor que fez da vida dos livros a origem de toda a sua aventura humana.

### 3 – Referências bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. “A Literatura: um “fio de Ariadne” no labirinto do ensino neste limiar de milênio?”. In: *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Nova consciência).

GUIMARÃES, Airton. “Vivaldi Moreira. Em tempo de menino da Mata com seu cão Piloto”. In: *Estado de Minas*, 11 de novembro de 1981.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979. (Novas buscas em educação).

MOREIRA, Vivaldi. *Correções a fazer e preços a praticar – Por que não reeditar o passado?*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1989.

MOREIRA, Vivaldi. *O menino da Mata e seu cão Piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

Revista *Entre livros*. Ano I, n.6. Revista de Literatura. São Paulo, outubro de 2005.



## A força do amor e da fé

Dom Walmor Oliveira de Azevedo\*

Amor e fé são caminhos para superar o vazio existencial, causa de tanto sofrimento e descompassos. O Evangelho ensina que quem busca viver: o amor, iluminado pela fé, encontra o verdadeiro sentido, aproximando-se de Deus. Os evangelistas São João e São Marcos ensinam de modo muito claro qual deve ser o lugar do amor e da fé no percurso trilhado pela humanidade.

A vida de toda pessoa gravita em torno do amor, razão mais profunda da vida humana. Nenhuma outra razão supera o amor, que é tudo e jamais acaba. O desafio que permanece é viver o amor como razão profunda. Uma razão que toca a alma e mobiliza os corações. É amargo viver sem amor. Sua ausência é a causa de tudo o que na vida se configura como seu oposto: ódios e vinganças, violências, indiferenças e disputas.

O amor é vivido na intimidade que constrói, dá consistência e sustenta. A comunhão trinitária, Pai, Filho e Espírito Santo, é vivida na intimidade. Jesus, enquanto Filho, vive voltado para o Pai, contempla o seu rosto amoroso e nele encontra a força do seu amor. Sua vida gravita em torno do Pai. Importa a sua obediência. Uma obediência que custa o sacrifício de uma grande oferta: sua própria vida.

O sustento dessa obediência é a intimidade com o Pai, que gera confiança profunda. Ainda que sejam grandes as exigências, e até

\* Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 11).

dolorosas, há razões para obedecer, gosto para a oferta e sentido para os sacrifícios. A intimidade faz ver para além das evidências. O sacrifício ganha razão de ser. A vida do outro, por quem se oferece a própria, faz sentido e se torna a única grande razão para se viver. Aqui está radicado o princípio de que o outro é sempre mais importante. Quando o Filho Amado, assumindo misteriosamente a condição humana, por sua amorosa encarnação, dá a conhecer o Pai, prova a razão profunda e a consequência de sua intimidade. Ao revelar o Pai, a quem ninguém jamais viu, o Filho Amado reparte com a humanidade o mais profundo do amor de Deus.

Trilhar os caminhos da vida sem a luz do rosto do Pai é correr o risco de perder o rumo. Uma perda que leva ao sofrimento. O amor grande de Deus é ofertado a todos na pessoa e na presença de Cristo, o Filho. Sua encarnação é a condescendência amorosa do Pai à humanidade. Um convite para participar dessa aventura insubstituível e irrenunciável de amor. Irrenunciável porque a vida humana não tem sentido fora do amor e de Deus, sua fonte única e inesgotável. Uma aventura, porque grande é o mistério de poder viver na infinidade desse amor, com a exigência de gestos encarnados de oferta de si para o bem de todos. Não vivencia e nem entra nas profundezas do amor de Deus quem aposta em mesquinhez, intolerância, ódios, discriminações ou busca de satisfação dos próprios interesses, nas comuns estreitezas que adoecem o coração humano. É ilusão grande encher-se de si mesmo. É o grande descaminho de indivíduos, descompassando os rumos da humanidade.

A intimidade com o Pai faz o Filho cheio de graça e de verdade. Ser cheio da verdade é conquistar a consistência de si sem sombras e enganos, artimanhas ou ciladas para subsistir e sobrepor-se aos outros. A verdade é a razão profunda da fidelidade. Não há motivos para falsear nada: informações, dados, apropriações indevidas, jogo de palavras que causa prejuízos ou emissão de juízos para destruir e desestabilizar. O que importa é a redenção, que tem a força de recompor e eternizar tudo que se transforma em amor verdadeiro. Só o amor pode eternizar e tornar-se a graça – garantia da presença de Deus que tudo sustenta.

A vinda do Filho Amado de Deus, Cristo Jesus e Senhor, estendeu uma grande ponte entre o coração da humanidade e o seio amoroso do

Pai. Essa entrada de Deus no mundo, na obediência amorosa e filial de Jesus, edifica a única e insubstituível direção para o desabrochar pleno.

Esse desabrochar é a conquista da filiação, do valor que garante a possibilidade de eternizar a vida no amor de Deus Pai. Uma condição única é a exigência para essa conquista: acolher e receber Jesus Cristo, o Filho Amado do Pai, enviado ao mundo pela força do amor. O seu não acolhimento é um desastre. É a ruína total. Segui-lo é a capacitação para viver a condição da mesma filiação, o gosto de ser íntimo do Pai. Uma intimidade que garante o mesmo sustento na obediência, a mesma alegria na oferta, a mesma fortaleza na dor e no sofrimento e a mesma capacidade para ver o invisível. Seguir Cristo é conhecer, para além das evidências, a razão de toda oferta de si e o gosto pelo bem dos outros.

Acolher Jesus Cristo é buscar e descobrir a força da fé, conforme ensina o evangelista Marcos. A fé dá ao coração humano uma entrada certa e inquestionável no coração de Deus. Não é à toa que os místicos, acostumados a esse percurso para o mais fundo do coração de Deus, se convencem de que a fé tem força para mudar tudo, até mesmo o que é humano e logicamente impossível. O coração de Deus está especialmente aberto para aquele que vive da fé e percorre o seu caminho.

O dom da fé escancara o coração, atendendo à exigência da ação amorosa de Deus. O coração humano muitas vezes anseia presenciar e experimentar coisas espetaculares. Uma ansiedade que adoce os corações, cria o gosto pela leviandade, alimenta a indiferença, perversidades e impede a sensibilidade para ver o que é essencial. E a vida perde seu brilho, o seu rumo também. Qualquer coisa vale. Basta atender aos instintos do que é espetacular. Importa a satisfação.

Os olhos, muitas vezes, não alcançam o que de verdade é espetacular, aquilo que permanece e se põe para além de tudo. Uma grandeza que devolve a integridade e cria as condições para a verdadeira vida. Em tudo uma certeza: só de Deus vem a força desse milagre que alarga o coração. Menor é aquilo que materialmente se precisa. Grandiosa é a força do perdão que recoloca cada um no centro do coração de Deus, como se fosse único e íntimo, como um filho é para o Pai. E por isso, outro não será o sentimento senão aquele de poder dizer que nunca vimos uma

coisa assim. Um “ver” que é mais do que simples constatação. Na verdade, uma experiência com força de transformação, mudando tudo e a tudo dando novo sentido. No lugar do espetacular passageiro nasce a grandeza do que permanece.



## Lembranças de Cristiano Martins\*

Fábio Lucas\*\*

Nos albores de nossa carreira literária, aproximados pelo simples acaso, mas de relações consolidadas pela mesma devoção das Letras, aos domingos nos dirigíamos à Agência Riccio, na lateral do Cine Brasil, voltada para a Avenida Amazonas: Affonso Ávila, Rui Mourão e eu. Aguardávamos os jornais vindos do Rio de Janeiro, repletos de suplementos literários. De modo especial, *A Manhã*, da editora “A Noite”, cujo caderno dominical, dirigido por Jorge Lacerda, dava espaço aos mais conhecidos poetas, prosadores e críticos residentes na então capital federal. Além do mais, *A Manhã*, uma vez por mês, nos regalava com autores da América, particularmente da América Latina.

Afluíam ao mesmo local inúmeros escritores e, nós, iniciantes, víamos a dupla, sempre unida, de dois grandes nomes da Literatura mineira: Cristiano Martins e Emílio Moura. Espreitávamos a distância aqueles vultos, com admiração.

\* O corrente ano assinala o transcurso do centenário de nascimento de Cristiano Martins. Nascido no dia 11 de setembro de 1912 em Montes Claros, foi brilhante escritor e ensaísta, tendo ocupado a cadeira nº 5 da Academia Mineira de Letras. Deixou publicado *Elegia de Abril* (sob o pseudônimo de Marcelo de Sena), poesia; *Poemas* (sob o pseudônimo de Marcelo de Sena); *Rilke, Camões – Temas e Motivos da Obra Lírica* (ensaio); *Luz Reflexa* (traduções de poesia); *Poeta e a Poesia* (ensaio); *Goethe e a Elegia de Marienbad* (ensaio); *A Seta e o Alvo* (ensaio); *A Vida Atribulada de Dante Alighieri* (ensaio); *O Inferno de Dante* (tradução e notas); *Divina Comédia* (tradução e notas); *Direito Público Municipal e a Administração Municipal*. Faleceu no dia 9 de junho de 1981 em Belo Horizonte.

\*\* Escritor, crítico literário. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 22).

Por volta de 1951, as circunstâncias nos levaram, os três, Affonso, Rui e eu, a trabalhar na Redação do Palácio da Liberdade, no governo de JK, tendo por chefe o Secretário Particular do Governador, Cristiano Martins.

Homem reservado, polido, não mantinha conversação aberta com os seus tímidos auxiliares. Vez por outra, ocorria viajássemos lado a lado nos ônibus da cidade. Mas já sabíamos da sua grande capacidade de trabalho, do seu saber jurídico, de sua capacidade crítica e analítica, do poeta e tradutor festejados.

Aos poucos fui-me afeiçoando ao misterioso Cristiano Martins. Como professores, fomos colegas na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Desde o tempo do Palácio da Liberdade, cheguei algumas vezes a dirigir-me até sua residência, à Rua do Ouro. Lhano no trato, todavia guardava para mim, e para todos, certo ar de mistério, de intimidade protegida.

Emílio Moura se tornara meu dileto amigo e me transmitira traços de extrema simpatia pelo Cristiano Martins. Procurei de todos os modos encontrar seus trabalhos, muito raros, inexistentes nas livrarias que eu frequentava. Entretanto, lia todos os seus artigos saídos na imprensa brasileira. Sabia ser ele poeta, pois publicara, sob pseudônimo de Marcelo de Sena, *Elegia de Abril* (150 páginas, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1939), seu livro de estreia.

Na verdade, conheci Marcelo de Sena ao ler o capítulo "Lirismo Mágico", de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) da obra *Poesia Brasileira Contemporânea* (BH: Livraria Editora Paulo Bluhm, 1941) por mim adquirida em 1948. Segundo Tristão de Ataíde, Marcelo de Sena "pertence à categoria dos poetas noturnos". (ob. cit., p. 156). A certo ponto, o arguto observador que, no mesmo comentário, cita Fritz Teixeira de Salles e alude a duas obras de Emílio Moura e a "uma nova Escola Mineira", não deixa de conjecturar: "O sr. Marcelo de Sena... e a propósito quem será esse misterioso poeta novo de Minas?" (ob. cit., p. 157)

Tive em mãos, na breve atividade forense, *Direito Público Municipal e administração dos municípios* (BH: Ed. Mantiqueira, 1952), alentado volume de comentários de Cristiano Martins, que, de 1945 a 1950,

lecionara Direito Municipal, em curso mantido pelo Departamento de Assistência aos Municípios da Secretaria do Interior.

Minha maior curiosidade recaía sobre o ensaio *Camões - Temas e motivos da obra lírica* (Rio de Janeiro: América ed., 1944). Empreendi, sem êxito, várias buscas do ambicionado estudo. Até que, inesperadamente, dei com um volume intacto, numa desprezível papelaria de Poços de Caldas, cidade que eu fora conhecer, em companhia do amigo Jorge Aurélio Possas, em 1953. Pude, assim, no ano da formatura em Direito, percorrer a ampla investigação do lirismo camoniano, por um jovem e erudito ensaísta. Fugira dos tradicionais pontos de vista biográficos, historiográficos e filológicos para tentar uma interpretação estética e estilística da temática amorosa, mostrando, em *Camões*, o lado mais terreno e humano.

Logo a seguir, pude conhecer o tradutor de grandes poetas alemães: Goethe e Rilke. Cristiano Martins alimentara a curiosidade nacional com duas obras de meticulosa transcrição, acompanhadas de penetrantes exegeses, à luz de princípios clássicos e modernos: *Goethe e a Elegia de Marienbad* (BH: Edições João Calazans, 1949) e *Rilke: o poeta e a poesia* (BH: Movimento Editorial Panorama, 1949).

As ideias modernistas vieram-lhe no período de estudante universitário, quando fundara a revista *Surto*, da qual saíram seis números, algo excepcional, pois as publicações do gênero no Brasil mal se sustentam em três, no máximo quatro números. Minha geração produziria *Vocação* (1951, três) e *Tendência* (1956, quatro). Na Faculdade de Direito, fizemos *O Ceapelista*, de 1951 a 1953 e o *Jornal Diretório Acadêmico* (1951). Durante o Congresso Estadual da UFMG, em Juiz de Fora, juntamente com João Bosco Cavalcanti Faria, fizemos o diário-panfleto *A Bomba*.

Em passado não muito distante, voltamos a estudar a *Elegia de Marienbad* de Goethe, tendo como ponto de partida o estudo e a tradução de Cristiano Martins.

O grande intelectual mineiro, nascido em Montes Claros a 11 de setembro de 1912 e criado em Jequitinhonha, nos daria, em 1976, com afetuosa dedicatória, pela Editora da Universidade de São Paulo e Ed. Itatiaia, *A Divina Comédia*, "integralmente traduzida, anotada e comentada,

precedida da biografia do Poeta”. Trata-se de um marco no âmbito das traduções da obra universalmente lida, citada, traduzida e interpretada. Cristiano Martins havia publicado, antes, sua tradução de *O Inferno* (BH: Imprensa/Publicações, 1971). Tivemos, mais tarde, em dois volumes, a segunda edição, revista, de *A Divina Comédia*, ano de 1981. A biografia que antecede o texto é produto de conferências que o tradutor proferiu, a 17 e 21 de maio de 1957, no Círculo de Estudos dos Universitários de Filosofia e Letras do Distrito Federal no Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte, tivemos, ainda, a preciosa tradução de *O Purgatório* pela Henriqueta Lisboa, e, pela editora Veja, em 1976, a tradução completa de *A Divina Comédia* por João T. Ziller, obra notável prefaciada por Edgar da Mata Machado.

De volta de uma temporada no exterior, em 1976, logrei obter uma coletânea rara de ensaios de Cristiano Martins, *A Seta e o Alvo* (BH: Edições Lume, 1976). A obra focaliza, entre outros, Goethe, W. Blake, Hölderlin, B. Shaw, Mark Twain, Gide, Nietzsche, Jacobsen, Huxley, Platão, Dante, Rimbaud, Thomas Mann, Maquiavel. Entre os escritores nacionais, Cristiano, em “Sobre Machado de Assis”, concentra-se no pessimismo do autor de *D. Casmurro*, ao comentar a *Introdução a Machado de Assis* de Barreto Filho e as diferentes interpretações realizadas por ocasião do centenário do grande mestre de nossa literatura (1939).

Cristiano Martins condena os costumeiros enfoques biográficos e a pseudoanálise psicológica de Barreto Filho, ao apontar o ressentimento como fonte do pessimismo e niilismo do ficcionista. O autor de *A Seta e o Alvo* prefere argumentar com elementos mais filosóficos para determinar a gênese do pessimismo machadiano.

O ensaísta se volta também para a obra de Murilo Mendes, *Poesia Liberdade*. Observa os veementes apelos e protestos contidos nos poemas que tematizam a morte, associando-os às absurdas imperfeições do homem, naqueles tempos inglórios da guerra. Por fim, Cristiano Martins dedica especial capítulo à obra *O Espelho e a Musa* de Emílio Moura. Assinala a linha ascendente do poeta mineiro, “ascendente de depuração do pensamento e de domínio da forma”, conforme pontua à p. 185.

Por que se tornou “rara” a coletânea de ensaios? Por um motivo simples. Ao anunciar a circulação de seu livro, recebera, de Oswaldino Marques, alegação de que tivera primazia na utilização do mesmo título, inspirado em conhecido e divulgado poema de Longfellow. Avesso a disputas literárias, consta que Cristiano Martins resolvera fosse recolhida a edição. Deixou de disparar aquele arco pelo ar... Poderia repetir os versos do canto XXIX de *O Purgatório*, no final em que se refere a dois velhos, um de Hipócrates sequaz (médico), outro de espada à mão (soldado), na sua tradução:

“Mas o outro recordava a oposta empresa  
levando à cinta reluzente espada,  
a qual me encheu de medo e de tristeza.”

Sugestão final: urge reunir toda a obra de Cristiano Martins, numa edição anotada, com ampla informação biobibliográfica sobre o autor, a fim de que se apague, no ano de centenário de seu nascimento, a vergonhosa omissão a que as histórias da Literatura e os cursos universitários têm devotado o singular escritor. Não há como enaltecer o descaso e a ignorância.



## Escritora inventiva na força linguística e no conteúdo\*

*José Bento Teixeira de Salles\*\**

Neste momento de justa emoção desejo manifestar meu reconhecimento pela honrosa convocação para saudar a homenageada da noite, acadêmica Carmen Schneider Guimarães. Bem sei que outras vozes, mais credenciadas, poderiam traçar o perfil e definir a dimensão literária da escritora ilustre, cujo nome passa a enriquecer o patrimônio cultural da Academia Mineira de Letras.

Mas, este é um convite que apenas não se recebe, mas que também se cumpre, embora sem o brilhantismo dos notáveis, mas com a sinceridade dos amigos.

E porque me considero um destes amigos, atendo à convocação, fugindo de preciosismos dos conceitos e normas estabelecidas e da severidade nem sempre serena da crítica.

Registro, antes de mais nada, o apreço e o respeito pela profícua atividade literária da nova acadêmica. Detenho-me em esparsas recordações de recente passado e amenas impressões do admirável presente da escritora hoje entre nós participante desta reunião consagradora.

\* Discurso de saudação à acadêmica Carmen Schneider Guimarães, na sessão solene de 26 de abril de 2012.

\*\* Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras. (cadeira nº 27).

Embranqueceram-me os cabelos, os passos vão se tornando claudicantes, e já nem me lembro hoje do dia de amanhã. O que não deixa de ser, às vezes, um privilégio.

Daí, preocupar-me com a observação do escritor italiano Norberto Bobbio, no livro *O tempo da memória*: “Não é que a velhice seja ruim. O problema é que ela dura pouco.”

A certa altura da vida, ressurgem lembranças, ressumbram dores, exacerbam-se sentimentos, alentam-nos emoções vividas.

Mas, hoje, a noite é de alegria e júbilo com a posse de nova acadêmica. Ela enriquecerá, sem dúvida, o patrimônio de nossa instituição, mas fortalecerá também e ainda mais, com sua nobre personalidade a cota feminina, de destacada presença nesta Casa. Como em um lar feliz, nas horas atribuladas e incertas, são elas, as mulheres, que nos dão o exemplo dignificante da ponderação e da firmeza.

Bem sabemos que a ilustre acadêmica tem todas as condições para aceitar o desafio de substituir, na cadeira nº 5, o saudoso acadêmico Miguel Augusto Gonçalves de Souza, cujos atributos de caráter, inteligência, cultura e operosidade o levaram à honrosa presidência de nossa tradicional Academia e mais do que isso, fizeram, dele, um exemplo e paradigma do mineiro autêntico.

Nascida no Espírito Santo, Carmen Schneider se constitui em mais uma preciosa contribuição da terra capixaba para nossa cultura, palmilhando o mesmo caminho seguido no passado, com igual brilhantismo, pela família do poeta Atilio Vivaqua e, posteriormente, por Rubem Braga e Wilson Figueiredo – dois mestres do jornalismo brasileiro.

Seu avô paterno era da região fronteira da Alemanha e França e, já no Brasil casou-se com Maria Luiza Furtado de Oliveira Schneider, filha de portugueses.

Bem se poderia concluir daí que a nova acadêmica herdou do avô a sedimentação cultural do Velho Continente que deu embasamento às preocupações intelectuais da neta e, por outro lado, a ancestralidade lusitana, que justifica a enorme preocupação da acadêmica de hoje com o culto sadio e enriquecedor da língua pátria, sublimado depois na confluência rosiana da sua produção literária.

Nada mais oportuno e sério do que esta preocupação. O próprio ficcionista mineiro – Guimarães Rosa – em carta dirigida ao seu tio Vicente Guimarães, lamentava o abandono e as deturpações de nosso idioma. Ouçamo-lo: “A língua portuguesa está uma vergonha e uma miséria. Está descalça e despenteada... Empobrecimento de vocábulos, rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, como caroços num anjo ralo, vulgaridade, falta de sentido da beleza, deficiência representativa.”

Não teria sido por outra razão que a nobre acadêmica reafirmou com lucidez sua posição diante do estilo rosiano: “Procuramos trabalhar o ceppo original, modelamos o entalho com a inspiração e a alma do mestre.”

Antes de conhecê-la pessoalmente, ilustre acadêmica, cativaram-me seus textos publicados no *Estado de Minas*, no período do editor geral Hélio Adami de Carvalho e do editor de cultura, nosso saudoso Geraldo Magalhães.

Acompanhei depois, guiado pelo brilho de sua inteligência, a carreira de uma escritora que, no dizer da acadêmica Elizabeth Rennó, “é mestra na arte de combinar a harmonia dos sons e a retidão das palavras na polifonia sintática”.

Ao ingressar nesta Casa de Alphonsus, tive oportunidade de constatar a excelência de seu trabalho à frente da Academia Feminina Mineira de Letras. Além de orientar programas culturais, sua administração deu substancial apoio material à nossa entidade e partiu de sua gestão a expressiva iniciativa de dar a este Auditório o nome do saudoso Presidente Perpétuo Vivaldi Moreira. Vale ressaltar que sua atividade mostrou-se de tal forma eficiente e atuante que lhe foi dedicada a Medalha “Clara Ramos” pela União Brasileira de Escritores.

A leitura dos autores clássicos reforçou o já referido embasamento cultural, fazendo com que sua intensa atividade literária fosse complementada por fina sensibilidade intelectual. Daí, certamente, suas inspirações para escrever alguns estudos relativos a consagrados artistas como Portinari, Augusto Néri, Homero Massena, Juvenal Dias, Fernando Bujones e o “Stuttgart Ballet.”

Seus sentimentos femininos, enriquecidos pelos dons da escritora emérita, levaram-na à experiência da literatura infantojuvenil, com os dois volumes do livro *Lola, a prima de Timbolola*. Ninguém melhor do que a autora para justificar a iniciativa do livro, redigido para “arrancar a capa de proteção contra a vida que envolve a criança deste imenso país e deixá-la ao sabor dos ventos-sul, das ondas fortes, dos temporais, dos acasalamentos, das feitiçarias, da pobreza, da morte, do analfabetismo e, sobretudo, do amor.”

Assim escreveu a autora, em 1968.

Os anos se passaram. Em 2000, ela retorna à literatura infantil, com o livro *Eu quero nascer*, uma abordagem original e corajosa “de um bebê que ainda não nasceu, feita desde o dia de sua concepção até o momento em que é dado à luz.”

Bem antes disso, em 1978, lançou o volume *Corpo molhado*, composto de cinco preciosas novelas.

Merecem especial registro o conto que dá nome ao livro e a “A menina e o soldado”, um verdadeiro poema em prosa, retratando, nos contraditórios desígnios da vida, a humilde e ingênua pureza da menina-moça Ruth diante da insidiosa libidinagem do poderoso coronel Manelzinho. E o mais puro e sincero amor do soldado Oto, ao dizer-lhe: “Ruth, eu volto. Um dia eu volto e te levo embora comigo.”

Tão só. Texto seguro e profundamente humano, sem excesso de pieguismo, sem apelos de grosseiras imoralidades. Tudo isso entrecortado por uma linguagem simples e autêntica, revelando características que a aproximam de Guimarães Rosa. E é curioso que assim ocorra: uma aparente similitude do linguajar sertanejo do autor de *Sagarana* com o rude fraseado do pescador de *Corpo molhado*, embora a autora tenha escrito que “o linguajar e o viver do pescador, homem curtido de beira-mar, guardam profunda distância do sertanejo calejado das gerais.”

Quem talvez melhor tenha explicado esta aparente contradição foi o consagrado crítico e acadêmico Fábio Lucas, que no prefácio do aludido livro observa que, grande admiradora de Guimarães Rosa, Carmen Schneider Guimarães não nega que tenha recebido influência do romancista

mineiro. Mas, o olho crítico – esclarece Fábio Lucas – permitiu a ela que se afastasse do mero modismo rosiano; o conteúdo de sua ficção e, mesmo, os processos ou articulação narrativa diferem. E conclui, com certa ênfase: “Discípula, sim; não seguidora cega”.

Esta mesma ênfase aliás, justifica a insistência do lúcido esclarecimento do renomado crítico. Diz ele: “Com a autora, surge um universo linguístico particular, de pouca circulação na literatura brasileira: a expressão litorânea *espírito santense*. Eis uma das novidades trazidas por Carmen Schneider Guimarães à nossa ficção. Incorpora à dicção e à temática nacional um elemento novo, o dizer das gentes, não em um arremedo desconexo ou descomposto, porém em um trabalho de coleta pura, de artesanato cuidadoso.”

E encerra o assunto: “Abraçar um bem não é um mal. A intenção e o espírito do trabalho são rosianos, mas o jeito pessoal é inconfundível, e cada um exhibe o que lhe é próprio”

Não foi, contudo, apenas o autorizado crítico que se manifestou quando do lançamento de *Corpo molhado*. Outras vozes igualmente respeitáveis também se fizeram ouvir, como a saudosa acadêmica Alaíde Lisboa de Oliveira que, em síntese primorosa, exaltou os méritos da escritora, afirmando: “Carmen transforma e transfigura o regionalismo dos personagens e dos fatos, dando-lhes forma literária fluente, absorvendo a atuação do leitor nos pormenores que crescem na expressão formal”.

E acrescenta: “Trata-se de escritora inventiva na força linguística e no conteúdo. A realidade e a imaginação caminham juntas, guiadas pela sabedoria da autora.”

Cely Vilhena, da Academia Feminina Mineira de Letras, em outra oportunidade, traçou com firmeza, mas suaves tons, o retrato de Carmen Schneider Guimarães e diz, sintetizando elogios e admiração: “Louvo, em Carmen, a riqueza da linguagem, a arte mestra da ficção regional no universo humano da paixão”.

Já a acadêmica Elizabeth Rennó, séria e contida nas suas manifestações, dissecou a estrutura do livro *Corpo molhado* em particular enfoque para as figuras femininas. Em esclarecida crítica, acentua que a autora, pela voz da palavra, apresenta-se pela voz do narrador. O autor,

portanto – conclui Elizabeth Rennó – além do sujeito analítico dos acontecimentos, é personagem da narrativa e testemunha que denuncia, castiga, recompensa ou censura, superego determinante da moral da estória.”

A escritora não se deteve na excelência de *Corpo molhado*. Em 2006, o estudo biográfico sobre Afonso Arinos, *O corpo e o espírito*, mereceu o prêmio Vivaldi Moreira, em concurso promovido pela Academia Mineira de Letras.

Um ano depois, o livro *Senhoras e senhores das letras* reúne artigos e ensaios de Carmen Schneider Guimarães publicados na imprensa. O simples enunciado dos escritores abordados revela bem a dimensão do trabalho literário da autora: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Elizabeth Bishop, Henriqueta Lisboa, Lacyr Schettino, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, estes e outros nomes passam pelo crivo credenciado de Carmen Schneider Guimarães.

Ao se compulsar toda sua exaustiva e abalizada atividade literária, melhor se pode avaliar a grandeza e profundidade de seus trabalhos, desdobrando-se em artigos e críticas, conferências e concursos, magistério, prefácios, discursos e pronunciamentos, que lhe valeram justas condecorações e prêmios.

Distintas Senhoras, prezados senhores.

Residindo em Minas Gerais desde 1947, Carmen Schneider Guimarães cedo se ajustou, com perfeição, ao difícil e contraditório temperamento mineiro – o introspectivo que é, ao mesmo tempo, acolhedor e amigo. E de tal modo assim procedeu que uma das importantes iniciativas que assumiu foi a de se casar com meu velho amigo e companheiro José Luiz Guimarães, descendente das melhores raízes de mineiridade.

Devota fiel do universo rosiano, a ilustre acadêmica afastou-se do perigo traiçoeiro das ondas do mar bravio para enveredar-se pelos tortuosos caminhos da alma e dos sentimentos sertanejos.

Nem teria sido por outra razão que a brilhante escritora foi atraída pela literatura de Guimarães Rosa, tão rica de ensinamentos da proverbial sabedoria mineira. E uma realidade se abriu para a mulher litorânea. E ei-la então, encarapitada no burrico pedrês e guiada pelo sabedoria de Manuelzão, embarafustando-se pelas veredas das chapadas mineiras para ouvir de outro sábio também ele sertanejo: “Eu sei que nada sei, mas desconfio de muita coisa”.

Nós mineiros – repito a observação – somos de temperamento difícil e contraditório: o amante da ordem, da conciliação e do acordo é o mesmo que deu a própria vida pela liberdade.

E foi exatamente Guimarães Rosa quem melhor teria definido este espírito de mineiridade: “Só que mineiro não se move de graça. Ele permanece e conserva. Ele espia, escuta, indaga, protela ou palia, tarda, faz véspera, tempera, cala a boca, matuta, distorce, engambela, panteia, se prepara.

Mas, sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, peleja e faz.

Sempre foi assim. Ares e modos.

Assim seja.”

(Não teria sido fácil, hein dona Carmen, compreender esta gente).

Pois a ilustre acadêmica de hoje soube ter inteligência e sensibilidade para nos compreender, com nossos equívocos e nossos erros, com nossa cordura e nossa bravura, com nossas falhas e nossos acertos, e sobretudo, com a imensidão de nossos corações.

Sempre fomos assim. Ares e modos.

E porque assim somos, abrimos as portas desta instituição, acadêmica Carmen Schneider Guimarães, para seu justo acesso, lembrando o poeta imortal: “Entra, amiga ilustre, você não precisa pedir licença.”

A Casa é sua.



## A arte da ficção regional no universo humano da paixão\*

*Carmen Schneider Guimarães\*\**

Minha entrada neste recinto para ocupar oficialmente na Academia Mineira de Letras a cadeira nº 5, antes de Miguel Augusto Gonçalves de Souza, pode ser uma resultante, teoricamente explicada.

A Bíblia conta a história da criação do mundo. “Na hermenêutica do texto bíblico, há que se levar em conta que Deus, ao inspirá-lo, tentou, da melhor forma, adaptar-se à expressão e linguagem humanas”. Sabe-se que foram diversos os gêneros e estilos literários dos escritores sagrados, realçados na exegese das escrituras, pelos dotes criativos e de grande sensibilidade desses autores. Os narradores criaram seus próprios modos de contar.

Mestres da literatura empenharam-se em criar histórias e lendas situadas na ambiência primeira do mundo, notadamente no que se refere ao aparecimento do homem sobre a face da terra. Lemos no *Gênesis* que “o Senhor Deus criou o homem do limo da terra e assoprou sobre o seu rosto um sopro de vida”; depois disto, certificou-se de que não era bom que o homem ficasse só, e afastando-se de suas excelsas prerrogativas de tudo poder apenas com o espírito e a vontade – imprimiu ao ser criado um sono profundo, tal qual uma anestesia primeira, e fez de Adão também o primeiro doador.

---

\* Discurso de posse na cadeira nº 5, da AML, na sessão solene de 26 de abril de 2012.

\*\* Escritora. Da Academia Mineira de Letras (cadeira nº 5).

Deus poderia ter dito apenas: “Faça-se a mulher”, ou, de outro modo, poderia ter tomado do mauso de seu hiper “PC”, clicado sobre “espécie humana”, e tudo estaria resolvido, segundo a opinião de meu neto André. Mas não. Receoso de que pudessem, mais tarde, determinar que a mulher teria sido feita de matéria-prima de diferente e inferior qualidade, resolveu retirar de Adão alguns bocados de carne e osso, e esculpiu com suas próprias mãos divinas o corpo da primeira mulher: Eva. No *Gênesis*, cap. 2, versículos 21.22, lemos: “O ter sido a mulher formada de uma parte tirada do corpo do homem, visa a indicar a unidade do gênero humano”.

Senhoras e Senhores,

A saudação primeira que acabo de receber, nesta sessão solene da Academia Mineira de Letras, proferida pelo presidente Orlando de Oliveira Vaz, eleva-me a um plano de consideração e respeito dentro da Casa de Alphonsus de Guimaraens, que me faz transbordar de saudável orgulho.

Orlando Vaz assumiu a presidência deste sodalício, não simplesmente por imposição de mandato sucessório, mas contando-se, principalmente, pela soma de atributos constantes de sua folha biográfica. Da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte e do Colégio Arnaldo, galgou com excelente desempenho os degraus dos demais educandários, nos quais veio completar a tarefa de educação e ensino – na Faculdade de Direito da UFMG e na Faculdade de Ciências Sociais – com especialização em Política Econômica.

Orlando Vaz dedicou-se ao magistério, no qual, além de lecionar matérias ligadas ao seu ramo de ação profissional, exerceu atividades de cátedra como professor de Língua Francesa. Estendeu diligências ainda a cargos públicos, chegando à suplência de deputado na legislatura de 1963 a 1967. Esteve por dois anos na Europa e visitou países da América do Sul em viagens de estudos e pesquisas.

Agradeço ao ilustre Presidente da Academia Mineira de Letras as palavras que me endereçou, ditadas, com certeza, de sua índole bondosa e afável.

Fez-se a luz na casa de Machado de Assis. Era uma terça-feira, 4 de outubro de 1977. Somente depois de oitenta anos de sua fundação, a Academia Brasileira de Letras completava-se, realmente. As costelas, ou os bocados de carne e ossos, que lhe faltavam, ajustaram-se, para maior equilíbrio da casa de Rui e de Austregésilo de Athayde.

A dama do sertão nordestino, Rachel de Queirós, veio promover a “abertura das portas” ao talento e força da mulher brasileira no santuário das letras nacionais. Revivemos as palavras de Joaquim Nabuco, no discurso que proferiu na instalação da veneranda Casa, em 1897: “As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade. Nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós (...) por nossos sucessores”. Uma delas, com certeza, é o reconhecimento por direito, da parceria de suas cadeiras com as colegas intelectuais.

Curioso é lembrar que, antes, bem antes dessa data, a Academia Mineira de Letras já fazia realçar entre ilustres membros de sua conceituada agremiação, uma figura feminina, dos mais diletos e nobres nomes da história literária de Minas Gerais: Henriqueta Lisboa, que no ano de 1963 mereceu os louros da imortalidade nesta assembleia de cultura. A poesia de Henriqueta era pura e bela. Diferentemente de Rachel, subia aos céus, deleitava corações, vestia-se de “Azul Profundo”. No seu poema “Os lírios”, ela está magnífica: “Certa madrugada fria/ irei de cabelos soltos/ ver como crescem os lírios/ Quero saber como crescem/ simples e belos – perfeitos/ ao abandono dos campos...”. Henriqueta estudava com afino poetas estrangeiros, mas autores brasileiros usufruíram as melhores avaliações de sua pena: Alphonsus de Guimaraens e Guimarães Rosa, a quem dedicou dois excelentes volumes: – “A poesia de Grande Sertão: Veredas”, e “O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa”. Do primeiro trabalho, declara que “há temas mais assoberbantes nesta “selva selvaggia”: a essência metafísica, a mística repartida entre Deus e o demônio, a consciência entre o bem e o mal, a dicotomia medo-coragem, o amor em multiformes aspectos, a integração do regional ao universo, isto sem falar nas inovações da linguagem, no emprego das metáforas, no caminho estilístico”. Quando Mário de Andrade morreu, aquele amigo

maior que todos, aí, sim, ela também gritou com a pena, em amargo tom.

Após Henriqueta, a literatura e o magistério persistiam e tomavam assento na cadeira de número 40, com Maria José de Queiroz, mestra de forte conceito no estado. Partiu para o Rio de Janeiro, e depois, ainda para mais longe, Paris, onde permanece metade do ano, nas lides costumeiras do ensinar.

Lacyr Annunziata Schettino elegeu-se para a cadeira nº 26, sucedendo a Henriqueta Lisboa. A intelectual absorvia da linguagem poética uma visão extraordinária e posicionava-se no melhor que sua agudez criativa lhe concedia. As obras de prosa, traduções ou poesia, deixadas por Lacyr Schettino, perfazem um mural de relíquias bem trabalhadas, de sintonia e conteúdo brilhantes. Ao empossar a poeta na Academia Mineira de Letras, o Presidente Vivaldi Moreira, depois de elogiar-lhe os trabalhos, como a inspirada obra *Santa Teresa de Jesus*, que era de seu maior agrado, sentenciou: “O nome de Lacyr ecoou longe pela categoria de sua obra poética de dimensões inusitadas”.

Com alguns intervalos, a Academia Mineira de Letras elege para preencher seus quadros figuras femininas da mais alta conceituacão nos meios literários. Foi assim que Alaíde Lisboa de Oliveira surgiu, indicada quase por aclamação, para a vaga deixada pelo irmão José Carlos Lisboa. Fechava-se, desse modo, o triângulo literário dos irmãos Lisboa.

Professora Emérita da UFMG, Alaíde era personalidade rara, exemplo na área educacional; sabia esconder suas qualidades, dentro de aparente modéstia. Falava suavemente, desmentindo o conceito de que professora carece de tom elevado de voz para ser bem entendida. Quefazeres do lar jamais a impediram de realizar os sonhos literários. Com o pretexto de escrever para os filhos, publicou em 1938 os primeiros livros, fartamente conhecidos na área infantil. E um outro item de sua biografia demarca-lhe a atividade política, no ter sido Alaíde a primeira mulher a exercer a vereança na Câmara Municipal de Belo Horizonte.

Elizabeth Rennó não surgiu de repente, mas depois de árduo labor literário, coroado com valiosos prêmios. O primeiro deles já contava com a dedicação às letras a que se propunha. Trabalho profundo, escrito com

elegância e justeza, logrou a distinção máxima da Academia Brasileira de Letras, que lhe valeu a publicação de seu ensaio *A Aventura poética de Lêdo Ivo*, na Coleção Afrânio Peixoto, toda ela constante de grandes nomes da literatura nacional. Poeta e escritora – deu sequência ao seu trabalho, com a edição de numerosos outros livros.

Mesmo antes da posse na Academia Mineira de Letras, a atividade que Elizabeth Rennó vem desenvolvendo, como coordenadora e até reitora da Universidade Livre, faz com que sua presença seja indispensável para a continuação do programa que era o *ai Jesus* de Vivaldi Moreira. Todas as quintas-feiras, o Presidente Perpétuo da Academia lá estava a postos, invariavelmente às dezessete horas, apresentando os convidados, e a princípio, acompanhado do Dr. Dario Tavares, que, concluindo, fazia o resumo da aula apresentada, sucedido este pelo saudoso escritor José Afrânio Moreira Duarte.

Nome de imenso brilho no cenário cultural de Minas Gerais: poetisa Yeda Prates Bernis, grande poeta, razão pela qual veio a ocupar a cadeira número 6, deixada vaga pelo desaparecimento de Alaíde Lisboa de Oliveira. A belo-horizontina é figura de esplendor no panorama da poesia mineira. Yeda nasceu para ser poeta. E desde a mais tenra idade, fez sobressair a aura luminosa do lirismo, enquanto escrevia e guardava os primeiros acordes de sua arte notável. É inventiva e criadora na tessitura de seus versos. Ela sabe o que está escrevendo, e extrai de suas palavras o néctar genial que a caracteriza. Yeda Prates Bernis vestiu-se de *Rosa e Azul*, semelhando o *debut* de sua arte. E em seguida, acrescenta-se em valores multifacetados, e multicoloridos, com força. Aquele era tempo de Brasil com botas, de ditadura militar; lindamente escreve a poeta: “Tenho a palavra ferida/ e a mente amordaçada/ o pé plantado em raiz/ e o olho posto na treva”. Vieram muitos outros: *À beira do outono*, *Cantata*, *Encostada na paisagem*. Em 1993, a artista já se cobria de medalhas e premiações pela atividade literária que produzia. A Academia Brasileira de Letras exaltava a magnificência de sua publicação: *O rosto do Silêncio*. Yeda Prates descobriu o valor dos *haicais*, na beleza que avalia e condiciona o germe poético, tal como se pode ver em *Grão de Arroz*. A poeta tornava-se uma artista completa, já que associara a música ao seu

dote artístico. Foi uma das fundadoras e integrava o Coral Renascentista de Minas Gerais. Quando perdeu o companheiro de toda uma vida de amor, arregimentou forças para publicar valoroso documentário de carinho e saudade, com *Viandante*.

Sei que já me haveis relevado a digressão, ao seguir caminho diverso do pretendido e esperado. É que não pude furtar-me à tentação de dizer uma palavra, embora breve, a respeito de tão qualificado, mas restrito número de acadêmicas, nesta assembleia de cultura.

Como Vivaldi Moreira, permito-me citar de Santo Ambrósio de Milão uma sentença bastante significativa: *A gratidão é o primeiro dever do homem*. Este nobre sentimento – lembra o saudoso Presidente desta Academia – só é partilhado por espíritos mais elevados, como Xenofonte, Plauto, La Rochefoucauld – pensamento que lhes permitiu e a alguns outros fervorosa atenção – com páginas de conceitos requintados.

Descubro-me hoje aqui, enlevada, trazida por mãos amigas e generosas. Sentia-me com reduzido ânimo, naquele momento em que fui buscada em casa, certa tarde de junho, para uma visita ao solar dos conceituados das letras, como acontecia frequentemente, quando presidia a Academia Feminina Mineira de Letras. Encontrava-me assustada e temerosa de que minha amiga, acadêmica desta casa, Yeda Prates Bernis, estivesse arcando heroicamente com o peso de minha pequenez literária, para preencher o vazio deixado na cadeira nº 5, pelo querido e bem lembrado Miguel Augusto Gonçalves de Souza. Mas outros nomes solícitos juntaram-se a nós, no intuito de dar-me alento e vivacidade. Não que a amiga, sozinha, desmerecesse fôlego e prestígio pessoal para colocar-me em posição de luta.

É, sim, uma espécie de combate, essa passagem pelo túnel da Academia, e que para nós, mulheres, torna-se ainda mais estreito. Mas tudo caminhou bem e hoje me sinto guindada a uma posição que me obriga a buscar refúgio naquela frase de Santo Ambrósio, que manda, seja de gratidão nossa primeira palavra. E vai ela aqui, endereçada a Yeda Prates Bernis e ao meu apresentador José Bento Teixeira de Salles, que me apoiou desde o primeiro instante, enquanto eu relia, emocionada, as

palavras de estímulo do Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, e me sensibilizava com a bênção carinhosa do dileto Arcebispo Metropolitano, Dom Walmor de Oliveira Azevedo, primeiras missivas recebidas de amigos acadêmicos, a quem estendo meus agradecimentos. Não posso esquecer a carta-poema, de inspiração barroca, do querido Angelo Oswaldo; o incentivo das palavras de Fábio Lucas, do acadêmico Ronaldo Costa Couto e do companheiro de Caderno de Turismo, Dr. Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza, além das repetidas mensagens de Pedro Rogério, convocando-me para responder aos *e-mails* de amigos solidários. Senti-me amparada, e corajosamente passei a remeter cartas personalizadas aos possíveis futuros confrades.

Abre-se hoje, na página branca do meu nome, uma linha na história desta Casa, ao receber nova representante das letras. Não as possuo de tamanho avantajado, ao contrário, cabe-me apenas o labor das letras minúsculas. O cuidado é grande, ao grafá-las, temendo algum descuido de percurso que venha a denunciar minha fragilidade literária. Desde menina, apanhava-me a brincar com as palavras, escrevendo-as na areia da praia. Por vezes, a onda vinha buscá-las e desastadamente as recolhia. Aconteciam os primeiros prantos por ideias desaparecidas.

Eu vos peço: relevai-me a pouca estatura para tão considerado cargo. Não ireis encontrar nesta minguada fala, nada mais do que abusada polilha verbal sem cor e sem brilho. Nesta Casa de Cultura sobressaíram e sobressaem nomes de excelência na arte da oratória. Sabe-se de Paulo Pinheiro Chagas, Afonso Arinos de Melo Franco, Pedro Aleixo, Oscar Dias Correia, Tancredo Neves e tantos oradores de fama e erudição, como o entusiasta de nossa História, Angelo Oswaldo de Araújo Santos.

Reza a liturgia acadêmica, e é de praxe aqui na Casa de Alphonsus de Guimaraens, que o novo membro exalte os traços biográficos do patrono e dos ocupantes anteriores de sua cadeira. A pesquisa e estudos por mim realizados sobre cada um dos antecessores da cadeira de nº 5 encontram-se no arquivo da Academia, e exaltam em especial, seus ricos dotes literários.

São eles, por ordem de presença nos anais, brilhantemente inseridos na *Efemérides* do dedicado escrivão da Casa, o professor Oíliam José:

Patrono – José Maria Teixeira de Azevedo Júnior; Amanajós de Alcântara Vilhena de Araújo, o primeiro ocupante da cadeira; seguindo-se Zoroastro Viana Passos, Cristiano Martins da Silva, Francisco de Assis Magalhães Gomes e Miguel Augusto Gonçalves de Souza.

“As Academias têm esta missão: cada um que chega, ainda que diverso, lembra o que partiu e se integra na unidade, immortalizando a memória”, opina Oscar Dias Correia, quando saudava o presidente Itamar Franco, na inauguração deste Auditório.

O patronato da cadeira 5 pertence a José Maria Teixeira de Azevedo Júnior, por escolha do fundador e seu primeiro titular, Amanajós de Araújo.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de dezembro de 1865, tendo iniciado na capital federal sua formação de cultura, mas transferiu-se para Minas Gerais, antes mesmo de terminar seus estudos universitários. A biografia de Azevedo Júnior focaliza mais acentuadamente os méritos de jornalista.

No final da primeira década do século passado, quando escrevia como eventual colaborador do *Correio da Manhã*, com o organismo já dizimado pela tuberculose, retornou ao Rio de Janeiro, onde veio a falecer no dia 9 de abril de 1909. Minas Gerais não deixou esquecido o desempenho cívico e atuante de Azevedo Júnior, e fez erguer nos jardins da Praça da Liberdade, a estátua em bronze do jornalista, para homenagear a personalidade do criador da imprensa entre nós.

Amanajós de Alcântara Vilhena de Araújo nasceu em Pouso Alegre, e era membro de tradicional família sul-mineira. Estudou em Baependi, e diplomou-se em Direito aos 22 anos, pela Faculdade de São Paulo, em 1902. De regresso a Minas, passou a residir em Juiz de Fora, a princípio como promotor público, e depois estabeleceu escritório de advocacia. Sua atuação literária completara-se com a publicação de artigos, contos, palestras, reunidos em opúsculos: *A Vida e Discursos*. Faleceu aos 58 anos, na cidade de Rio Branco, capital do Acre.

Zoroastro Vianna Passos nasceu em Sabará, em 8 de setembro de 1887 e faleceu em Belo Horizonte, em 5 de dezembro de 1945. Estudioso e dedicado, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A fala de meu antecessor nesta Academia, Dr. Miguel Augusto Gonçalves de Souza, faz referências demoradas ao trabalho de historiador do grande homem da ciência e das letras, enaltecendo-lhe a acurada pesquisa a respeito das raízes de fundação da Santa Casa de Sabará, que se chamou: “Notícia Histórica da Santa Casa de Sabará – de 1787 a 1928”. E que se encontra arquivada na Academia Mineira de Letras.

Christiano Martins da Silva situa-se como uma das mais altas expressões da intelectualidade mineira. Era poeta, ensaísta e primoroso tradutor. Filho de Olinto Martins da Silva, magistrado e deputado estadual, e de Aurora Martins de Sena. Nasceu em Montes Claros, em 11 de setembro de 1912. Teve merecida reverência aos seus estudos e ensaios, particularmente endereçados a Camões, Rilke e Goethe. Faleceu no dia 9 de junho de 1981.

Como professor, cientista, historiador, humanista e cidadão exemplar, Francisco de Assis Magalhães Gomes, ainda em vida, adquiriu por consenso unânime a reputação de sábio. Nasceu em Ouro Preto, em 1906, filho do Dr. Francisco Paula Magalhães e de dona Amália Brandão de Magalhães Gomes; pertenceu à família de humanistas vinculada à Academia Mineira de Letras, porquanto dela fizeram parte, desde a fundação, seis membros dessa grei ilustre.

Faleceu em 17 de julho de 1990, em Belo Horizonte, aos 84 anos.

O último ocupante da cadeira de nº 5, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, nasceu no dia 7 de agosto de 1926, em Itaúna; era filho do doutor Dario Gonçalves de Souza e de dona Judith Camardelli Gonçalves de Souza. Transferiu-se para Belo Horizonte depois dos estudos primários, vindo a frequentar o Segundo Grau no Colégio Santo Agostinho e no Colégio Marconi. Diplomou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1949, e alguns anos mais tarde frequentou o Curso de Extensão Superior *Lato Sensu* da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Casou-se com dona Maria Eunice Cançado Gonçalves de Souza, com quem teve seis filhos.

Entremeio a diversificada vida pública de homem de negócios e intelectual dedicado às letras, uma ideia maior norteava os pensamentos do Dr. Miguel Augusto: escrever a história de Itaúna, sua terra natal. Mas

não haveria de ser apenas uma narrativa corrida, com algumas informações buscadas superficialmente, a respeito de sua cidade berço. Ele pretendia mais, além do que já se havia colocado em livros. O ideal persistia, mesmo tendo Miguel Augusto assumido altos compromissos com atividades ligadas às funções jurídicas e administrativas, para as quais seus estudos universitários o credenciavam e impeliam. Encontrava-se sobrecarregado de obrigações diversas, já que, além das tarefas profissionais que desenvolvia, andava às voltas com relevantes missões públicas no estado. Exerceu cargos de Presidente da Associação Comercial de Minas Gerais e Presidente do Conselho de Administração do BDMG. Dentro do calendário apertado de atividades do seu dia a dia, selecionava espaço para pensar, laborar e escrever. Sua colaboração na área jurídica surgiu em 1964, com um cuidadoso volume sobre "Acidentes do Trabalho", editada pela *Revista dos Tribunais Ltda.*, considerada obra clássica no direito social brasileiro. Ele mantinha vínculos estreitos com o trabalhador, uma vez que era um dos Diretores da Companhia Industrial Itaunense.

Miguel Augusto firmava o empenho de historiador cravado em suas intenções, e para começo, lançou-se à pesquisa biográfica de uma grande personalidade, o Marquês de Queluz, patrono da cadeira que ocupava no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. O discurso de posse de Miguel Augusto no Instituto Histórico transformou-se em ensaio, publicado com o título de *O Marquês de Queluz e sua época*.

A ideia do livro sobre a história de Itaúna continuava amadurecendo em sua mente, embora a ação política de Miguel Augusto absorvesse grande parte de seu tempo, ao assumir encargos de grande importância, quando nomeado Secretário da Fazenda e Secretário do Governo e Coordenação Política, no governo Magalhães Pinto. Chegara a vez de mostrar que poderia seguir os passos de seu prestimoso avô.

Acima desses fatos, avulta o desejo de Miguel Augusto de contemplar sua terra natal com um gesto abrangente no campo da educação, o que o impeliu a criar em Itaúna, em dezembro de 1965, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a pedido de alunas daquela cidade. No seu livro *Capítulos da História Itaunense* Miguel Augusto

relata com detalhes como procedeu para, em vez de uma Faculdade, e após ter lido atentamente a lei de Diretrizes e Bases do Ensino, vir a fundar uma Universidade, que deveria compor-se de um mínimo de cinco Faculdades, organicamente estruturadas, sob o comando de uma Reitoria. E é bom que se aprecie todo o capítulo, na página 450, do referido livro, e que começa com estas palavras: "De inopinado, paramos de escrever, e a hesitação passou a dominar nossa mente..." (...) Seria agora ou nunca", (pois eram os últimos dias do governo de Magalhães Pinto) e em pouco mais de uma hora, "a pena correu ainda mais rápida sobre o papel: estava redigida a mensagem nº 785/65 e que se transformaria na lei 3596, de 26 de novembro de 1965, com os seguintes termos: "Autorizada a instituição da Fundação da Universidade de Itaúna", considerada por ele a mais importante missão de sua vida, e da qual recebeu, por decisão unânime de seu Conselho Universitário, o título de "Reitor Honoris Causa", em todo o tempo de sua existência. No documento, entre os nomes do governador, Magalhães Pinto, do fundador, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, figura o do Deputado Bonifácio José Tamm de Andrade. A Universidade de Itaúna perfila-se soberanamente, hoje, entre as instituições de largo conceito no cenário educacional do país.

Finalmente, o livro que foi a preocupação constante de Miguel Augusto, ao largo de sua profícua atuação intelectual - *Itaúna - 1765 - 2003*, realizava-se. Obra de grande fôlego, que traz a trajetória política, social, religiosa, econômica e cultural da cidade, desde a criação do arraial de Santana do Rio São João Acima.

Miguel Augusto possuía outras criações literárias, quase todas de conteúdo histórico. Entre elas, *O descobrimento e a colonização portuguesa no Brasil; A história do Brasil contemporâneo - 1930 a 1985; De Getúlio a Tancredo Neves* (ainda inédito). Grande orgulho de sua vida, contava Miguel Augusto Gonçalves de Souza, era ter sido eleito por unanimidade para esta casa de Alphonsus de Guimaraens, e especialmente em sucessão a Francisco de Assis Magalhães Gomes.

Poderão perguntar alguns distantes, embora presentes: "E ela, quem é?"

Cheguei faz tempo. A segunda guerra mundial tinha mandado para o espaço Nagazaki e Hiroxima. Com o estouro da bomba atômica, foi-se também a guerra. E por ela, aspirantes do CPOR de Belo Horizonte haviam recebido a incumbência de patrulhar as costas espírito-santenses, que se viam visitadas por submarinos alemães, segundo o que se divulgava. Já se vê aonde vamos chegar. (E meu marido costuma dizer que foi preciso haver um grande conflito mundial para que nos encontrássemos e nos amássemos!). Nesta casa, testemunha idônea, de ver e ouvir, o poeta Oswaldo Soares da Cunha, o trovador-mor das alterosas.

Tal como a língua e a gente deste país, minha árvore genealógica é miscigenada. Meu avô paterno, Bernardo Stein Schneider, veio de Lorena, para os lados das fronteiras da Alemanha com a França, e radicou-se com a família, em Santa Isabel, no Espírito Santo; casou-se com Maria Luiza Furtado de Oliveira Schneider, filha de portugueses. Na capital, Vitória, com sócio também alemão, Bernardo Schneider fundou fábrica de peças agrícolas, dedicando-se mais tarde ao comércio.

Meu avô materno, Anésio Augusto Carvalho Serrano, descendente de imigrantes italianos, tinha raízes na Espanha; nasceu em Campina Grande, na Paraíba, de onde saiu formado em Letras Jurídicas. Depois de eleito duas vezes para a Câmara Federal, resolveu buscar as plagas sulistas, fixando-se no Espírito Santo; casou-se com Elisa Dulce Peres Campelo Travassos Serrano, filha de usineiro pernambucano e mãe também recifense, de descendência francesa. Meu pai, Godofredo Schneider, e minha mãe, Noêmia Serrano Schneider, nasceram no Espírito Santo, assim como eu, minhas duas irmãs, Maria Helena e Laura Maria, e meu irmão, José Luís Serrano Schneider.

Está aí, geograficamente alinhado, o mapa genealógico desta que vos fala. E ao rebuscar essas origens, procuro identificar de que lado me veio a veia literária. E, às vezes, ainda ouço minha avó Maria Luíza dizer: “Estes Furtado d’Oliveira são gente muito ladina...”, ao mesmo tempo em que esmiúço o livro de “Pesquisa”, do “Centro di Studi Araldico-Genealogici da Sata Serrano”, executado por bosquejos de um tio, e descubro dois religiosos – escritores, premiados e louvados: José Antônio e Inácio Serrano; o registro deste último, da “Biblioteca Barnabítica”,

qualifica-o de escritor de grande esmero e agudeza. Deixou várias obras verdadeiramente importantes, que o tornaram conhecido, não só no campo eclesiástico, mas no histórico. Foi admitido na Ordem Constantiniana.

Estudava no Colégio do Carmo, das Irmãs vicentinas, em Vitória, onde nasci, mas residia em Vila Velha, nos altos do morro do Cruzeiro, *vis-à-vis* com o morro da Penha, cidade aonde aportou o donatário da capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho. A Prainha emoldurou toda a minha infância e juventude.

Dia aquele, eu, menina, não mais esqueci. A professora contava sobre Minas Gerais e historiava a construção da nova capital do estado, Belo Horizonte. Meu interesse foi imediato, e fiquei fortemente curiosa a respeito daquela cidade que nasceu prontinha no papel, pelos traços surpreendentes de Aarão Reis. Desde aí, passei a ler tudo que encontrava sobre a capital, que fora Curral del Rei, e que desbancou Ouro Preto, apesar de eu ter também tomado conhecimento da história da primeira Vila do Ouro, de sua gente batalhadora, de seus filhos heróis. Fui me apaixonando cada vez mais, “caindo em amor”, como dizem os americanos e os ingleses. E descobria coisas singulares da cidade programada, erguida nas colinas do estado. E deparei-me com um fato curioso: Belo Horizonte nasceu do desejo expresso dos mineiros, que a construíram com a força de seus corações. Aarão Reis imprimiu-lhe o desenho estrutural, fez o retrato falado que lhe ditaram os próceres daquele tempo, mas o corpo sensorial de uma realidade sonhada e os laços humanos da comunidade que a habitou e habita, esses foram surgindo, impregnados do caráter e da ação intelectual de seu povo. Há que perdoar o desconforto com os entraves do progresso.

Aquela estudante, que já se vê é esta que vos fala, inquiria a todos que chegavam das alterosas: “Você conhece Belo Horizonte?” E assim foi que me instruí a respeito da origem da cidade, com as controversas histórias de Borba Gato e João Leite da Silva Ortiz, a construção da primeira igreja da Boa Viagem, a Praça da Liberdade das palmeiras imperiais, e bem mais tarde, o “footing” da mocidade descontraída. Ouvia notícias das ruas em quadradinhos com nomes dos estados, dos heróis da Inconfidência, das tribos indígenas, dos notáveis do país; das avenidas

colocadas transversalmente, para que exibissem características diferentes das que se viam em Washington e em La Plata; e com o caminhar do tempo, o prefeito Juscelino Kubitschek trouxe os homens artistas para fazer nascer a Pampulha, que figura um pedacinho de mar, molhando a paisagem circunstante, dando-lhe reflexos ilustradores de realce. Ouvia e amava sempre as notícias que me aguçavam o desejo de conhecer a juvenzinha de nome chamativo e insinuante.

Senhor Presidente:

Ser apresentada a este egrégio sodalício pela elegância intelectual e aprimoramento de conduta ética do acadêmico José Bento Teixeira de Salles, assistente e conselheiro das diretorias que brilharam e brilham na grei de Alphonsus de Guimaraens, já de antemão significa uma grande honraria. Encontro-me soberbamente emocionada e de palavras poucas e frágeis para o agradecimento ao ilustre colega acadêmico. Que poderei dizer para retribuir as imensas cortesias com que o ilustre passageiro do tempo me cumulou e, no mesmo instante, constrangeu-me, pelo pouco de que delas me sinto digna, além do meu muito obrigada?

O valoroso luziense é aquele que faz transbordar conceitos, os mais nobres, de articulador verbal e escritor de talento, nas áreas difusas em que atua como redator de textos literários, críticas, artigos, e especialmente, fábulas; e com pujança crescente, nas crônicas do cotidiano e nas diversas esferas jornalísticas em que o encontramos.

É mestre no encantado memorialístico da biografia. Muitas vieram atestar a tendência natural de observador e analista das atitudes e modo de vida de pessoas ilustres e gradas, não só as de seu convívio, das quais buscou sérias notícias, mas de personalidades que avultaram e avultam no cenário político do estado e do país. Descobrimos sua vivacidade de bom biógrafo, a princípio, no tratado que nos legou: *Milton Campos – Uma vocação liberal* – seu ídolo por diferentes razões, a começar por ter sido o escritor pessoa muito próxima do governador do Estado, quando fora seu Oficial de Gabinete. Outros livros de igual valor deram vazão à sua veia literária: *Liberta que serás também: Fábulas atuais; Brumoso, o*

*rato que virou porco: Fábulas mineiras; Tarde Manhã*, escrito em co-autoria com sua filha Maria Beatriz Teixeira de Salles; *No avarandado da memória; Vigília* – belo ajuntado de crônicas; *Velho mundo novo* – saborosas crônicas de viagem; *Rua da Bahia*; também, com *A Estrela Verde* – um seletto apanhado de crônicas e artigos. Sabe-se que o estilo parcimonioso de palavras, com relatos sucintos, mas de total abrangência de sentido e tema, a crônica, e por vezes a fábula, perfazem trabalhos literários de grandes méritos. José Bento é especialista no assunto.

Com bela fotografia de um bonde subindo ou descendo a Rua da Bahia, foi levado a lume o último livro de José Bento Teixeira de Salles: *Passageiro do tempo*. O começo da história surpreende o escritor aos 85 anos de idade, quando diz: “A máquina começava a se desmantelar”. Vejamos bem, a máquina era ele, em autobiografia.

O autor realiza o que se espera de um bom autobiográfico: simplicidade no narrar, olhar atento ao derredor, em vez de vertido determinadamente para o seu “eu”. Sabemos que autobiografias expõem, por vezes, essa característica: a exaltação do “sujeito pessoal”, o que o *ego sum* determina. Mas em *Passageiro do tempo*, a direção do veículo condutor da travessia temporal é outra. E o autor confessa, a respeito de suas memórias: “Gostaria de chamá-las: Minhas memórias dos outros, pois minha intenção não é a de projetar a minha modesta pessoa, mas as experiências de vida e as personalidades que enriqueceram a paisagem humana do meu convívio memorialístico”.

O traço uniforme das revelações de José Bento é bipartido: amor ao berço natalino e ao apadrinhamento de um outro berço – a capital mineira. Sabe-se que o autor usa de espontaneidade em suas recordações, muitas jocosas, outras, até certo ponto, mordazes. Sobre isso fala o prefaciador Fábio Lucas, quando diz: “José Bento é dotado de enorme senso de humor e de elevado poder satírico, cuja virulência atinge adversários companheiros, como também alveja o próprio memorialista”.

O livro de José Bento, além de conduzir um ilustre passageiro, é enriquecido com poemas e ilustrado com fotos. Merece ser lido, pela singularidade e pureza do texto, sedimentado na vida adolescente de Belo Horizonte e na maturidade histórica de Santa Luzia.

Distintos membros da mesa de trabalhos,

Peço-vos um pouco de paciência. Não irei descrever toda a minha vida, que não é nada curta, contudo procuro situar-me no contexto desta Casa, mais como uma pessoa comum, que teve a audácia de se envolver com livros, e agora com internet, mas que não se esquece dos quitutes de que seu marido, filhos, netos e já bisnetos são apreciadores. Escrever um texto, de olho na frigideira com os bolinhos, em meio à azáfama da casa repleta de meninos, pareceu-me natural. É próprio da mulher diversificar. Comecei a procurar juízos e conceitos, e tive o privilégio de receber a palavra incentivadora do nobre crítico literário, Fábio Lucas, que me amparou, e por isso não me contive: soltei as amarras de um anseio sofreado, e parti para as tarefas que me aguardavam desde aqueles primeiros balbucios literários, nas areias da Praia da Costa. E deu no que deu, diria minha mãe. Nunca tive solenes aspirações, nem almejei esta honraria com que hoje me cumulam os bondosos amigos.

Alguns me perguntam como isso tudo começou. Era mês de setembro, lembro-me dos ipês floridos, quando me sentei com meu pai em um dos bancos da Praça da Liberdade. Ele viera para participar dos encontros e audiências que tratavam da questão dos limites entre Minas e o Espírito Santo. Godofredo Schneider era advogado geral do Estado, e naquela época, o assunto ainda carecia de um acordo definitivo. Não me recorde se o litígio terminou nessa ocasião, mas posso assegurar que tudo começou ali, com o presente que ele me entregou naquela praça, naquele banco, sem banda, mas com sábias e proféticas palavras: “Minha filha, este livro foi escrito por um gênio da palavra – João Guimarães Rosa – que vai ser reconhecido como o mestre mineiro da criação literária”. Na verdade, eu já havia folheado um outro exemplar de *Sagarana*, em casa dos pais de meu marido, com uma especial dedicatória: “Para Isaura e Juquita, meus tios, meus amigos, com o melhor abraço do Joãozinho. Rio, 27/IV/1946”.

A essa altura, eu andava atrás de algum caminho, e encontrei naquela obra extraordinária, a trilha que iria permitir-me abusar de expressões criadas ou empregadas com alguma ousadia. Aquelas narrativas

soberbas levavam-me pelas veredas – ainda não decantadas – às vezes em solavancos com o *Burrinho Pedrês*, “miúdo e resignado, que tinha vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro...” e outras, na *Sarapalha*, com os “maleitosos”, Primo Ribeiro e Primo Argemiro... e mais *A Hora e vez de Augusto Matruga* e seu Joãozinho Bem-Bem... A estrada seria aquela, e eu passei a percorrê-la. *Travessia*. Tempos corridos, e chegou a vez do *Corpo de Baile*, agora com dedicatória própria, para mim e meu marido. E o monumento literário absorvia tudo, partindo daquela personagem que parecia pequena, menino Miguilim, nascido ali, pra diante da Vereda do Frango d’Água, no Mutum, menino sofrido na pequenez de sua tímida visão de um mundo-cão, piticego, franzino e revoltado com a maldade dos homens que sangravam o tatu-galinha e amarravam a Pingo-de-Ouro e a levavam embora. Manoelzão traz a fala e o jeito sertanejo na escrita, com a festa na inauguração da capelinha em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E eu quase me atrevo a contar mais, descumprindo o propósito de falar pouco, porém termino apenas dizendo do Miguel, o moço veterinário, que desponta na última novela para dar notícia do menino Miguilim, porque era ele em carne e osso.

Seis meses depois, nascem as veredas de um grande sertão. Ali estava guardada a chave com que os leitores poderiam faltar-se de criatividade, beleza e erudição. Uma alegórica viagem em um metafísico cenário, com universo real e recriado à moda do autor, onde levas de homens arrematados cruzam o espaço simbólico, no tempo inserido em calendário móvel, vivido ao sabor da vontade de um Rosa. A leitura era para o agora e sempre, com sementes plantadas para brotar a qualquer momento.

Quando da inauguração deste Auditório, o então presidente da República, Itamar Franco, presente na solenidade, lembrando Gonzaga, asseverou-nos que o estado mantinha vivo “o compromisso das letras mineiras com a impetuosa razão da liberdade, e que ninguém exerce com tal plenitude a liberdade como a exercem os criadores, sendo que a literatura é a mais autônoma das formas da arte”.

E o romance com o aspirante mineiro teve um *happy-end*, algum tempo depois, ainda sem internet ou celular, mas com as ondas do rádio

amador. E justamente quando a cidade capital de Minas completava o cinquentenário, descí na gare da Vitória-Minas com bagagem definitiva e muitas esperanças. Vinha de vez, para receber apadrinhamento da boa terra mineira e pedir adoção de berço, por amor. Estava ali aquela Minas - que é tantas, quantas, muitas, que é Minas Gerais. A Folhinha Mariana marcava 21 de dezembro de 1947. Era manhãzinha; as ruas e avenidas estavam ainda molhadas da lavagem da noite anterior, porque se fazia costume a faxina com os carros-pipas da prefeitura, enquanto a gente belo-horizontina dormia. Sim, a não ser os notívagos que preferiam as sessões das dez horas dos Cine Brasil, Odeon, Metrópole, Glória, e mais o Cine Avenida ou outras distrações. A Feira de Amostras e Exposições firmava-se no ponto em que hoje se expõe a Rodoviária, de onde as pessoas partiam pela Afonso Pena, entre os dois saudosos cordões verdes de ficus; se pretendiam ver e comprovar a existência do Dr. Kilowatt, bastava subir o final da Avenida e voltar a vista para trás. A iluminação da via pública formava o corpo brilhante daquela personagem.

Com o gesto simbólico, volto hoje o olhar para as seis décadas aqui vividas. Vislumbro uma figura de passos lentos, mas com a mesma vontade crescente de ver e entender esse monumental mundo agora globalizado que não cessa de inventar modas para cutucar os idosos e fazê-los abandonar suas “remingtons” e “underwoods” e se assentar junto aos geniais netos e pedir-lhes aulas das tais manias digitalizadas!

Eu quero aprender sempre mais. Embora uma atroz artrose insista em prender-me as passadas do corpo, o espírito se agita para conhecer melhor esta geração *touchscreen*, que não se intimida diante da parafernália avassaladora dos *tablets*, *smarthfones*, *supergateways* e coleções de *games*, com vistas a uma “placa-mãe”. As idosas, como são chamadas hoje as “mais velhas”, também vão bebericar assuntos, *twittando* e *blogando*, ou visitando salas e perfis do *facebook*. Todos querem seu *sitezinho* ao sol da internet. Dias há em que amigas minhas não podem atender ligações telefônicas porque estão “conectadas”... E se quisermos contatá-las, teremos que correr para a internet, porque se encontram *on-line*... De verdade ou virtualmente, navegamos nas fabulosas *waves*... ou nas gravações das “nuvens”, e chegamos a assustar-nos com

surpreendentes novidades a respeito das editoras que digitalizam milhares e agora milhões de títulos, dicionários e enciclopédias. Aconteceu até um caso muito sério nos Estados Unidos, com respingos aqui no Brasil, por força de um projeto de lei do Lamar Smith, o tal Sopa, que cuidava da antipirataria na internet. Antes deste, o Pipa aguardava no Congresso para ser votado, mas foi rapidamente recolhido. Ainda outro dia um acadêmico da Brasileira de Letras dizia, em entrevista, que não entendia como se haviam os escritores antes do “Google”...

Enquanto isso, jornalista, estudioso dos processos modernos de comunicação, publica revolucionário livro, acusando a internet de estar provocando-lhe a perda da acuidade. Nicholas Carr pesquisou e escreveu o livro *A geração superficial – O que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Para ele, a superficialidade da busca frenética de informações gera um padrão que faz autossabotar as possibilidades intelectuais do usuário da rede. E o comentarista do trabalho, João Paulo Cunha, pergunta em excelente apreciação do livro, no caderno *Pensar* do Estado de Minas: “Estamos ficando superficiais?” Já ficaram para trás as leis de Newton, e vem de ser bulida (embora sem sucesso) a relatividade de Einstein, com a questão de algo mais veloz do que a luz. Acredito que os acadêmicos que vierem depois de mim, com certeza, irão trazer novidades com os computadores quânticos, aqueles com transistores de um só átomo de fósforo sobre placa de silício, e que possuem a dimensão mil vezes menor que o diâmetro de um fio de cabelo!

Para entender tudo, é justo que sigamos com o filósofo Rosa, de um sertão universal, quando diz: “O menino nasceu. O mundo vai começar”. Pois é o que se vê. A cada natal diário, um mundo novo abre os olhos para a luz.

Fomos esmiuçar os começos, e encontramos o cientista da mente humana, Aristóteles, dizendo que vê a origem da filosofia no assombro dos homens ante o espetáculo do mundo e nos esforços que envidam para explicá-lo. E acrescenta o sábio que, antes da ciência, ficávamos admirados com as coisas que se apresentavam simplesmente diferentes, e para argumentar com a razão, afirma Aristóteles: “É melhor sairmos não do inteligível – que constitui o ponto de partida – mas do sensível”.

E lembrada a sensibilidade, tenho a acrescentar que bons bocados de fé e amor do que colho hoje, com estes louros, vieram das mãos dadivosas de meu marido. A compreensão, o carinho e o apoio ao meu trabalho intelectual sempre estiveram presentes, trazidos da cultura e da inteligência do advogado, professor, contista e poeta José Luiz Gonçalves Guimarães, homem da tribuna nos embates criminais, nos palanques populares, *ghostwriter* de políticos conhecidos. Entre outros prêmios, recebeu a Medalha “Guimarães Rosa” – da União Brasileira de Escritores, pela sua ode: *O canto da Amazônia*.

Foi bom que eu viesse com ele. Aqui pude colher bons frutos: cinco filhos, doze netos e dois bisnetos, que são nosso tesouro e orgulho; muitos amigos dedicados e presentes. E agora, para arrematar com laço de ouro esses tantos anos de mineiridade – reconhecida e conquistada com muita dedicação – presenteiam-me com a honraria de valor incalculável: a de ostentar o título de acadêmica da Academia Mineira de Letras e poder assentar-me em uma das cadeiras da Casa de Alphonsus de Guimaraens, ao lado de seus mais nobres e diletos membros.



## Pensar de cristão\*

Pe. Paschoal Rangel\*\*

Nascido de uma família libanesa profundamente católica, educado religiosamente, o Professor Oiliam José sempre alimentou – vida afora – sua paixão pelas letras e pelas ciências humanas, especialmente a história, juntamente com um comovente amor à Igreja e à sua doutrina, que ele procura amorosamente guardar com filial devoção.

Não foi à toa que ele escolheu para seu, até agora, último livro, o título *Pensar de Cristão*.

Ele não pretendeu dizer que ali se encontrava o “pensar cristão”, de forma absoluta, como se um cristão não pudesse pensar, aqui e ali, quando não se tratasse de dogmas relativos à fé e à moral, diferentemente dele. Sim, ali está um cristão pensando (e meditando) sobre as suas próprias crenças, sobre a Igreja, sobre os ensinamentos de Cristo, a vida cotidiana, os mistérios da morte, do amor, do casamento, do além-túmulo, da santidade e esse estranho mistério do pecado, que resiste à própria redenção.

O livro é escrito numa linguagem limpa e escorreita (não é de graça que Oiliam é um respeitado membro da Academia Mineira de Letras, eleito seu Secretário Perpétuo por unanimidade).

\* Título do livro do acadêmico Oiliam José que mereceu, quando de sua publicação, interessante crítica literária do saudoso acadêmico Pe. Paschoal Rangel.

\*\* Sacerdote e escritor, ocupou a cadeira nº 27 da Academia Mineira de Letras, tendo sido também membro correspondente da Academia de Letras e Artes “Mater Salvatoris”, em Belo Horizonte.

Provavelmente, alguns leitores venham a achá-lo um conservador. E isto soa a muitos ouvidos como uma pecha imperdoável. É preciso, no entanto, frisar que há valores sem os quais o mundo não subsiste e é preciso conservá-los, sim.

O conservadorismo é outra coisa. É a incapacidade de mudar quando é preciso mudar. É fixismo. É incapacidade de acolher o novo em qualquer caso.

O que o Professor Oiliam quer, é cumprir o desejo do grande Leão XIII: *Veterano visaugere*, quer dizer, acrescentar o novo ao antigo, desenvolver com o que é novo aquilo que é tradicional. A autêntica tradição supõe que se conserve o bom de sempre, que não se jogue fora o antigo só porque vem do passado, mas que também se acolham as contribuições que vão chegando, sem medo de recusar o que – mesmo que tenha sido aceito durante muito tempo – não se compatibilize com as descobertas novas, comprovadamente verdadeiras. Nem o novo é bom só por ser novo, nem o antigo é bom só porque é antigo. Saber discernir o que conservar e o que rejeitar é sabedoria. E é isso que constitui a boa tradição.

Neste sentido, o Professor Oiliam é e quer ser conservador.



## Triste mundo que precisa de mártires

*Lucia Helena Monteiro Machado\**

O dia de Tiradentes sempre nos remete a várias memórias. No colégio Sion, Mère Nymmia era excelente professora de História. Mas, quando abordava a Inconfidência Mineira era impiedosa. Criticava aquele, segundo ela, bando de poetas malucos que, sem uma arma na mão, pretendeu libertar o país.

Meu pai, homem culto e conhecedor de nossa História, se opunha veementemente a esta maneira de encarar os fatos. Dizia ele: “O importante é a defesa de uma ideia. E lançar no país a ideia da liberdade. Este é todo o mérito da Inconfidência Mineira”.

Hoje vejo como ele estava certo. São as ideias, ou melhor, os ideais que movem o mundo. Em toda defesa de um ideal houve um mártir. O mais recente foi o tunisiano Mohamed Bovazizi que, ateando fogo às próprias vestes, deu início à chamada Primavera Árabe. Penso que nem ele próprio poderia prever as consequências de sua imolação e o que ela desencadearia em todo o mundo árabe e não somente em seu país.

A História está cheia de indivíduos que morreram defendendo a liberdade. Na Índia em 1857, Mangal Pandey foi o primeiro a lutar contra o infame domínio inglês. Acabou na forca, como Tiradentes, mas lançou a esperança de um país livre e democrático. Foi seu grande mérito.

\* Professora, escritora.

O mártir-mor da História foi pendurado numa cruz e, com sua imolação, mudou o mundo para sempre. Depois dele vieram seus inúmeros seguidores martirizados em praça pública. Uma frase se tornou célebre "O sangue dos mártires é semente de novos cristãos". E assim foi. Sua doutrina, suas ideias ganharam mundo e se fortificavam a cada seguidor imolado.

Joana d'Arc, uma das figuras mais fascinantes da história da França, foi a maior heroína a lutar pela liberdade de seu país. Acabou na fogueira, como todos sabem.

Volto a pensar em outros mártires que foram sacrificados por usarem pensar em liberdade. O rosto mais estampado do mundo, o de Che Guevara, cuja foto está em pôsteres e camisetas em todos os lugares, deve muito à maneira como foi morto, tocado pelo exército americano. Tornou-se herói e espalhou pelo mundo a ideia de que se deve manter a ternura. Basta.

Martin Luther King não viu seu sonho realizado, mas sua morte foi fundamental para a mudança na maneira de tratar os negros em seu país.

Retornando à Índia, Gandhi, assim como Indira Gandhi, morreram por defender suas ideias libertárias.

Na História recente do Brasil, Argentina, Chile e outros países da América Latina, centenas de vidas foram sacrificadas na luta contra as ditaduras militares.

Será sempre necessário uma vítima para que se alcance um ideal maior, para que a opressão tenha fim e as pessoas possam viver em paz e se compreenderem? É duro pensar que sim, que sem muito sangue derramado as pessoas não conseguirão viver livremente.

É duro, também, pensar que muitas das mortes são causadas por motivos religiosos. E saber que pessoas matam porque acham que, quem não pensa como eles, está contra eles. É o famoso fundamentalismo que tem causado tantas vítimas.

O termo "fundamentalismo" nasceu no século XIX, nos Estados Unidos, quando um grupo de religiosos protestantes publicou uma obra, em 15 volumes, intitulada *Os Fundamentos de Fé Cristã*. Segundo eles,

ali estava contida toda a verdade e, quem não aceitasse as normas estabelecidas, era considerado herege. Não havia espaço para interpretações nem divergências.

Se intitular dono da "verdade absoluta", coisa que não existe, é uma prova de arrogância e prepotência, o que gera várias disputas, guerras e incompreensão entre os homens.

Muitos mártires foram mortos por estas pessoas que se apoderaram da suposta "verdade absoluta" e acharam que eliminar o que tinha ideias diferentes era defender o "bem" no qual acreditavam.

Modernamente, os homens e mulheres-bombas explodem seus corpos diariamente, num ato insano, causando outros mártires inocentes que nem sabem por que estão morrendo. São anônimos. Seus rostos e seus nomes não ficarão na História. Estamos nos acostumando a olhar indiferentes para as notícias destes martírios mostrados nos noticiários televisivos. Nem a voz do locutor revela alguma emoção. Já parece uma banal forma de protesto. Contra o que exatamente? Os árabes protestam contra suas terras ocupadas, mas os inimigos avançam, alheios às suas reivindicações. São mais fortes, mais poderosos. Nada temem.

Parece que os homens não aprenderam com as trágicas lições da história. A luta é sempre a mesma. Os poderosos acham que podem decidir o que é bom ou mau para outros povos. Pensam sempre: "Nós sabemos o que é bom para todos e não podemos permitir que tenham ideias e costumes diferentes dos nossos". De novo a arrogância e a prepotência. Por que uns podem estar armados até os dentes e seus vizinhos não? Porque um determinado país pode ter uma bomba nuclear e outro não? Não seria melhor que ninguém tivesse? Vamos igualar por cima: que todos se desarmem e assim a angústia gerada pelo risco de um desastre nuclear desapareceria da face da terra.

Outra conversa ambígua é a que fala dos "direitos humanos". É uma questão na qual todos os países têm telhado de vidro. Não é necessário citar exemplos. Todos sabem do que estou falando. Todos fingem não enxergar as próprias mazelas que, no entanto, estão à vista dos que têm olhos para ver. Não adianta tapar o sol com peneira.

Que o mundo precisa mudar em muitos aspectos, todos sabemos. Mas é preciso tantos morrerem numa tentativa de melhorar a vida de todos? Será que uma simples e civilizada conversa não pode resolver questões básicas de relacionamento entre as pessoas?

Mas a verdade é que o sangue dos mártires, anônimos ou não, acaba por dar corpo a novos ideais. Ideais sem os quais a humanidade não pode viver, como, por exemplo, o maior dos bens que é a Liberdade. O direito ao livre pensar e de poder expressar suas ideias sem ser censurado, é fundamental para o bem geral dos cidadãos. O direito de ter seu próprio espaço no mundo, sem se sentir ameaçado ou invadido. Como dizia o recém-falecido Millôr Fernandes: "livre pensar é só pensar". É disso que a humanidade parece carecer: o direito de ter suas próprias ideias sem que elas sejam ditadas por aqueles que se acham no direito de interferir até no que se passa na cabeça de outras pessoas. O pensar livremente é inerente ao ser humano.

Acho triste, porém, esta necessidade de sacrificar alguns em benefício de um bem maior. Infelizmente, tem sido assim e continuará sendo. Triste mundo este, que precisa de mártires.



## Pequenos contos

*Beatriz Teixeira de Salles\**

### Delicadeza

As mãos frágeis e brancas se avermelhavam à medida que pressionavam mais e mais aquele pescoço. Sob os dedos, era possível sentir músculos, pele e ossos e o desespero da boca escancarada em busca de um pouco de ar.

Preferira a asfixia. Tivera a delicadeza de não sujar com sangue o branco tão puro do mármore polido. A asfixia, além do mais, faria com que ele sentisse a sensação parecida – assim imaginava – com a opressão que lhe apertava o peito. Isso era vingança.

### Aberração

Quando a velha morreu, poucos lamentaram. Mas esses poucos – que, por dever ou curiosidade, foram velar o cadáver – tiveram uma surpresa de que jamais se esquecerão. Lá pelas tantas, do corpo, à altura do peito, começou a escorrer um líquido viscoso, escuro e malcheiroso.

Era a dor, que ela cultivara a vida inteira em seu coração.

\* Jornalista, escritora. Assessora de Comunicação do IEPHA.

## Morte

Quando se separaram, ela plantou flores roxas no jardim de casa.  
Muitas. Flores roxas que, quando desabrochavam, faziam com que ela se  
lembrasse das feridas abertas em seu coração. Flores roxas, quase azuis.  
Da mesma cor com que agora se tingem os lábios dele.

**“Modernismo” hispano americano***Isabella Moraes\**

O uso do termo “modernismo” para nos referirmos às manifestações surgidas no fim do século XIX nos países hispano-americanos é apenas uma questão de nomenclatura, visto se reunirem sob a característica comum de síntese das diversas tendências da modernidade. Cada país, portanto, desenvolveu a seu modo esse espírito da modernidade e, além disso, existiram várias manifestações modernistas dentro do mesmo território. As revistas literárias surgidas no final do século XIX e início do XX são representativas dessa multiplicidade de manifestações.

Embora sob o nome de modernismo hispano-americano, sabemos, portanto, que em cada país o movimento se manifestou de diferentes maneiras. No Brasil dá-se o mesmo, pois apesar de comumente nos referirmos a apenas um modernismo brasileiro, esse termo é geralmente usado para definir apenas o modernismo paulista, liderado por Oswald de Andrade e Mário de Andrade e que culminou na Semana de Arte Moderna de 1922, embora haja diversas outras manifestações modernistas pelo país. Os anos de 1925 a 1930 marcam a divulgação do Modernismo pelos vários estados brasileiros. Temos, por exemplo, o Grupo Festa no Rio de Janeiro, o grupo de Região e Tradição no Recife, o de Belo Horizonte que criou o periódico intitulado *A Revista*, o Grupo Verde de Cataguases,

\* Mestre em Literatura da Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).

todos eles com tendências diferentes e, muitas vezes, até mesmo divergentes entre si.

O modernismo hispano-americano surge na segunda metade do século XIX, por um lado, a partir do esgotamento dos temas da terra exaustivamente trabalhados pelos intelectuais do movimento romântico, e por outro, devido à necessidade de se romper definitivamente com a literatura espanhola. Seu marco inicial é a publicação, em julho de 1888, do livro *Azul...* do nicaraguense Rubén Darío, com a qual os hispano-americanos anteciparam-se aos espanhóis na arrancada inicial do modernismo.

O movimento expressa as angústias, os questionamentos e as contradições do fim de século através da síntese de tendências muitas vezes contraditórias entre si: em pleno auge do positivismo, o interesse crescente pelas ciências ocultas ecoou nas obras de vários modernistas. Reagindo contra o romantismo, os pioneiros do movimento conservam características românticas; pretendendo uma inovação, resgataram a tradição esquecida. Consiste, portanto, em uma reunião de diversas tendências da modernidade e foi um fenômeno literário muito mais de síntese do que de ruptura, no qual, como aponta Mário Mendes Campos, se fundiram as diversas tendências artísticas surgidas no fim do século XIX, como parnasianismo, simbolismo, naturalismo, impressionismo e mesmo o romantismo. Cumpre, aqui, ressaltar em que consistem tais tendências da modernidade e em que medida são elas que constituem o modernismo na América de língua espanhola, valendo-nos da distinção entre tais conceitos ressaltada por Octavio Paz (1993).

O conceito de modernidade é relativo à visão de mundo que eclodiu no século XVIII e cujo traço característico seria a crítica do mundo, das certezas, das instituições, inclusive de si mesma, o que culminaria com as revoluções e as independências dos países da América. Já o modernismo se distingue, segundo Octavio Paz, “pela incerteza diante dos valores e ideias que fundaram a modernidade”, caracterizando a crise desta, cujos primeiros sinais aparecem no final do século XIX e é geralmente ligado ao conjunto de movimentos culturais e estilos que se manifestaram na arte na primeira metade do século XX.

Nesse sentido, fica justificada a relativização do “modernismo” hispano-americano apontada pelo próprio Rubén Darío: “Nuestro modernismo, *si es que así puede llamarse*, nos va dando un puesto aparte, independiente de la literatura castellana”.

Assim, ainda que esse modernismo difira dos movimentos artísticos que, notadamente no início do século XX, configuraram as demais manifestações modernistas pelo mundo, a junção das tendências da modernidade propiciou a originalidade e a autonomia almejadas pelos hispano-americanos na arte e na cultura, configurando, portanto, o modernismo em suas literaturas.



## Sem nome

*José Fernandes Filho\**

Existirá alguém que, pertencimento de todos, não se pertence, não me pertence, não lhe pertence?

Alguém ser humano – Maria, Ana ou Isabel – cuja evocação traduza plenitude, completude, paz, bênção?

Alguém, com mil nomes, ou sem nome algum, mais conhecida como flor, aroma, perfume; brisa, fonte, estrela, orvalho, outono?

Alguém, desde o *fiat*, guardadora de confidências, construtora de diálogos, costureira de silêncios, tecedeira de cumplicidades?

Alguém, mistério ou transparência, unidade ou diversidade, singular ou plural? Alguém que vive depois da morte, a dispensar ressurreição?

A nos acompanhar, ouvir e sentir, desde a concepção? Alguém que aponta caminhos, recusa atalhos, endireita rumos?

Alguém, candeia acesa, que aquece e ilumina, faça chuva ou sopra o vento?

Alguém, jovem ou adulto, vidente do futuro ou cego de nascença, a ver além da aparência, mudo ou surdo, a falar sem palavras, ou a ouvir sem audição?

Seu nome? São muitos. Sua idade? Várias. Sua missão? Fazer o bem. Seu destino? Meu destino. Sua hora? Todas as horas, desde que de testemunhos.

---

\* Magistrado, ex-presidente do Tribunal de Justiça.

Presente de Deus, existem, sim, e sempre existirão estas criaturas, enquanto houver terra e promessa. Seres de claridade, quase atemporais, frequentadores de madrugadas-manhã ou de noites de sombras.

Nunca o pretenderam, mas alcançam a santidade, no anonimato de gerações que se sucedem e se perpetuam em outras vidas, filhos e netos, descendência de amanhã.

Não sou digno de declinar-lhes os nomes. Estão nos livros sagrados. Nem de desatar-lhes as sandálias ou de lavar-lhes os pés, leveza de bailarinas ou fardo de muita lida e pouca vida.

Algumas aqui, entre nós, neste ato de respeito e gratidão. Podem estar em outros locais, nos sacrários, por exemplo, *locus* de hóstia consagrada.

Outras, moradoras do longe, mansidão de pombas, arrulhando na eternidade, inocência e paz.

Cabelos pretos, grisalhos ou brancos, sinais do tempo, marcas da vida. Abrace-a, beije-a. Ela está onde sempre esteve. A seu lado. De pé, dignidade dos justos; ou de joelhos, humildade dos santos.

“Abensönhadas”, de Mia Couto; “belezuras”, de Guimarães Rosa. Não lhes bastam os sonhos, sonhados com graça e sabedoria. Carecem de entrega maior: aspergem bênçãos, sorrisos e gestos de amor.

Biológicas, algumas. Grávidas de adoção, outras. Todas, na poética de Drummond, abraçar o mundo, embora só tenham duas mãos.



## A moeda de prata

*Maria de Lourdes Costa Dias Reis\**

Sentado em meu quarto, sozinho, absorto em pensamentos, olho detidamente esse objeto. É uma velha moeda grande, de prata, com a effígie do imperador Pedro II e uma data marcada: 1879. Chamavam-na de “patacão”. Deve ser pelo seu tamanho. Sei não. Reparo-a na palma da mão. Dá-me uma sensação de calor, uma quentura estranha, não sei por que... Ela me queima as mãos...

Pertenceu à minha avó, que contava longa história em torno dela. Caso de um amigo de seu avô. De mais de cem anos, da época do Império...

Contava assim... Antônio Ribeiro dos Santos, homem rude, natural de um distrito de Alto do Rio Doce, bem próximo de Barbacena, vivia a ler os jornais da época, atendo-se nas publicações ligadas a fugas de escravos. Lia e relia-as à noite, à luz de um lampião fumegante. Depois, fazia apontamentos em uma cadernetinha preta. Ali, colocava tudo. Todas as descrições dos escravos. De que cidade era, como se vestia quando fugira, quem eram seus donos, e suas características especiais. Como essa nota publicada num jornal da época:

“Fulano, negro fulo, meio cabreiro, tem um corte na testa, fugiu da Fazenda tal, pertencente ao Sr. Fulano de tal, veste-se de calça de brim

\* Professora universitária, da Academia Feminina Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

escuro, camisa de algodão cru, traz um chapéu de lado da cabeça e tem o péssimo hábito de mascar fumo e beber cachaça. Quem o prender e entregar às autoridades do Distrito tal, receberá do legítimo dono uma considerável gratificação...”

Uma notícia como esta lhe chamava a atenção. Mexia com seus nervos e sua carne. Também com seu espírito aventureiro, herdado de seus antepassados portugueses e um pouco do sangue índio que lhe corria nas veias, de suas bisavós, como lhe contaram, na infância, seus pais. Vontade doida de sair correndo, embrenhando-se no mato que nem um doido para achar esse negro safado e depois receber aquela boa recompensa. Era tudo que ele queria naquele instante. Nem aguentava esperar amanhecer o dia para providenciar viagem e sair atrás do negro. Leu de novo a notícia. O escravo havia fugido de uma fazenda perto de Conceição do Ibitipoca. Deveria estar escondido em algum canto, acoitado no mato ou mesmo num pé de serra.

Pensou na sua atividade. Ou sei lá, sua profissão. Era um “capitão do mato” – um homem que vivia na lida de capturar escravos fugidos e entregar ao seu dono em troca de recompensa. Profissão abominável, como diziam algumas pessoas. Mas, fazer o quê? Era a única coisa que sabia. E gostava! Depois, era o seu ganha-pão... E como ganhava bem... Tinha dono que pagava até com ouro ou diamante só para ter seu escravo de volta. Além do mais, ainda pernoitava na fazenda, comendo do bom e do melhor, bebendo bons vinhos portugueses ou uns goles da cachaça da boa, saindo ainda quente do alambique. Sua vida era animada e nada monótona. Sem contar, que já conhecia quase meia banda da província de Minas Gerais. Percorrera o sertão, o cerrado bravo, a região toda do ouro, as serras e chapadas onde brotava todo o tipo de pedras coloridas e as beiradas dos rios onde faiscavam diamantes.

Falavam mal dele? Que importa!... Não estava nem aí... Negro era coisa à toa mesmo! Negro era “peça”, mercadoria, porcaria... Era propriedade de gente branca, dos donos de terra e ganho, dos donos de gente e gado. Que importava? Ele, não tendo terra nem nada, não era filho de gente rica, não era nada... Seu negócio era ganhar a vida caçando negro no mato. Cada um ganhava a vida como podia...

Saiu então de manhãzinha, antes até do sol sair direito de trás da serra. Levou consigo seu capataz, Geraldo, apelidado Gegê. Era meio amulatado, meio mestiçado a índio, tinha um nadinha de sangue branco, com certeza de português. Calado, meio cismado, mas muito jeitoso para entrar nos matos. Ajudava muito na captura dos negros. E se contentava com o pouco que ganhava, mesmo porque não tinha família nem ninguém de seu e a aventura de sair caçando negro era para ele muita diversão.

Antônio saiu andando a cavalo baio por uma estrada poeirenta, no meio do nevoeiro que embaçava a vista. Gegê vinha logo atrás, montando uma mula cinzenta muito boa de sela. Aos poucos, o sol foi mostrando sua cara, a cerração foi levantando e ele podia ver as serras azuis onduladas que se perdiam no horizonte. Era uma serra atrás da outra, como se fossem milhares, infinitas, que não acabavam, mais... Serra, serra, só serra...

Andou um dia inteiro. A noite chegou e ele se instalou como pôde num quartinho pobre de uma hospedaria pelas bandas de Itabirito. Lá via o pico de ferro como diziam, coberto de vegetação rala e escassa. Dormiu como um jumento cansado de carregar pedra no lombo. Nem sentiu a dureza da cama onde se encostou. O pior é que havia uns bichinhos andando pela cama. Seria carrapato, pulga ou muquirana? Nem quis saber. O jeito era dormir, que a jornada começaria no outro dia bem cedo. Gegê, esse pobre coitado que não ligava mesmo para nada, se ajeitou como pôde, num catre qualquer.

O dia foi amanhecendo manhoso em meio ao frio que embaçava o sol e um galo já cantava no meio do terreiro da pequena pousada. Pagou com pequenas moedas ao dono que bocejava e não entendia por que o viajante teimava em sair tão cedo por aquelas serras enevoadas. Andou mais um bocado e lembrou-se de uma lenda que falava de uma serra coberta de pedras brilhantes que reluziam ao sol forte. Falavam que era a serra do Sabarabuçu, sei lá. Mas ele nem ligou, pois pensou – histórias como essa, tem mesmo em todo canto dessas Minas Gerais...

Num câpoeirão, bem perto de um riacho de águas muito cristalinas, sentiu no ar a presença estranha de uma criatura por perto. Arrepiou o corpo todo e achou que poderia ser o tal negro danado e tinoso. Rastejou no chão feito cachorro perdigueiro, ajeitou a garrucha que atirava bem

como quê e foi chegando de leve, de leve... O negro cansado e derrubado pelas correrias no meio do mato nem percebera a presença dele. Antônio olhou bem e lembrou-se da descrição bem feita pelo anúncio do jornal de Ouro Preto. Só podia ser ele. A descrição coincidia mesmo! Negro boçal, fulo, eram nomes que puseram nesse escravo vagabundo. Era ele mesmo. Sem dar tempo nem mesmo do escravo reagir, saltou sobre ele e apontou a arma sobre seu peito. Gegê chegou em seguida apontando uma faca pontuda, daquelas de sangrar porco bem no coração. O pobre negro estava tão derrubado de fome e cansaço que nem lutou. Entregou-se inerte como se fosse peça de mercadoria ou bicho caçado no mato puro. Prendem o negro. Gegê passou-lhe uma galhardeira no pescoço e uma braçadeira com um cadeado entre as mãos. O negro estava preso mesmo! Antônio dá-lhe então o comando tão precioso:

– “Vamos embora, negro ordinário. Vamos que vou te entregar ao seu senhor, vagabundo. Quem mandou você fugir e dar prejuízo ao seu dono?”

O negro mirou bem nos olhos de seu perseguidor e seus olhos não eram de ódio nem de raiva. Havia muito mais indiferença por tudo que lhe acontecia...

E foram andando pela estrada a fora. Os dias iam correndo, as noites cheias de estrelas servindo de abrigo para os três, por entre montanhas e riachos. E a cidadezinha de Conceição do Ibitipoca parecia não chegar nunca mais...

Cada estrela no céu parecia dizer a Antônio um pressentimento novo. Se avistava uma estrela cadente, fazia logo um pedido – sempre pensando no dinheiro que haveria de ganhar com a prisão do negro fujão. E sonhava sonhos de grandeza, que era para amenizar o sofrimento da falta da família, o desconforto do meio do mato bravo, as comidas ruins que era obrigado a engolir. Ontem mesmo, pensou ele “– comi um gambá fedorento assado no espeto de bambu. Mas, fazer o quê. Só tinha essa caça mesmo... E depois, com um pouquinho de sal grosso, até que o gambá ficou gostoso...”

De vez em quando trocava uma opinião, uma palavra à toa com seu capataz. Até chegavam a rir, por vezes. Só o negro não falava nada. Soturno, calado, cabisbaixo.

Nos outros dias em que haviam parado, ele, o capataz e o escravo comiam um feijão mexido com ovos e farinha de mandioca, guardado com cuidado no embornal de pano que trazia dependurado no ombro. Carga preciosa era aquela. Às vezes, podiam comer até um pedacinho de carne de sol, que vinha para ele lá do norte de Minas, mandada por um compadre, fazendeiro rico daquelas bandas perto do Rio São Francisco...

Um dia, após comerem e trocarem meias palavras, ele e capataz, notaram que seu cavalo estava com a pata levantada, parecendo sentir dor. Reparou bem e disse:

– “Esse animal precisa ser ferrado. A ferradura perdeu um cravo. Não dá para andar assim não. Ainda mais nesse pé de serra tão agreste”.

E pediu ao capataz para providenciar tudo. O escravo olhou com atenção e conversando meio de lado fez de entendido e ofereceu para ajudar. Segurou a pata do cavalo e com jeito de quem estava acostumado a fazer este serviço em alguma fazenda, em poucos minutos ferrou o cavalo que, logo, logo, já não mancava mais. Antônio, admirado com a destreza do negro no serviço feito, pensou consigo mesmo:

“É... até que esse escravo não é tão ruim assim... Teve boa vontade de ajudar o Gegê a ferrar o animal. Deve até ter outras habilidades, quem sabe? Manejar bem uma enxada, plantar milho, derrubar mato pra lenha. Às vezes, sabe isso tudo! Quem sabe, um dia, a gente podia acabar de vez com a escravidão e essa negrada toda podia virar gente livre que nem a gente? Gente para trabalhar como peão, para bater pasto, para plantar arroz e feijão. Talvez até o Brasil melhorasse bem. Tivesse mais progresso, mais evolução que nem os Estados Unidos lá da América. Tanta gente aqui no Brasil já fala em abolição. Muitos já querem os negros livres para virarem trabalhadores. E produzirem até muito mais para seus patrões. E poderem também virar gente como nós mesmos... Quem sabe?”

“É... mas que bobagem estou pensando?” pensou consigo mesmo, balançando a cabeça. “Para que tais pensamentos bobos? Negro foi feito mais é para trabalhar, para suar e fazer a gente ganhar dinheiro com eles. Negro, acho que nem gente é. Tem pessoas que falam até que eles não são humanos, têm parte com os macacos e até com o demônio e não é

pecado nenhum a gente escravizar essa gente preta e colocar eles para trabalhar para a gente... Eu tenho mais é que entregar esse negro à toa para seu patrão, ganhar meu dinheiro e voltar logo para casa. Isso é que me dá muito dinheiro..."

Depois de alguns dias no mato, na capoeira, na estrada, na beira de rio, no cascalho, eles chegaram a seu destino – Conceição do Ibitipoca... Agora, era só localizar a "Santa Maria". Fazendona grande, a perder de vista, cujo dono tinha fama de mau e danado pra matar gente de quem não gostava. Agora, era achar logo esse fazendeiro, entregar o negro fujão, receber a recompensa e voltar para casa. Para os seus. Para os braços quentes de Maricota... e olha que já fazia tempo que não mexia com mulher. E estava sedento de vontade de ter uma mulher na cama... daquelas bem fogosas, que nem a mulata Josefa.

A fazenda foi encontrada logo, após meia dúzia de palavras com um tropeiro na praça da Matriz. A propriedade era enorme, com casa alta, assobradada, e um varandão na frente de fazer inveja a muita gente. O dono chegou e o recebeu com poucas palavras. Homem alto, grandalhão, com um bigode enorme, porte de mandão. Conversam debaixo da varanda. Trataram do preço e conversaram sobre o negócio. Antônio entregou-lhe a carga. Carga humana, de carne e osso. Carga sofrida, mas carga de negro fugido e malandro...

O dono recebeu a mercadoria, conferiu, e acertou o negócio. Mandou o negro sem-vergonha para a senzala, levado pelo capataz mulato da fazenda. Pagou ao capitão do mato com uma moeda grande de prata, com a efígie do imperador Pedro II e uma data marcada: 1879. Moeda valiosa como poucas, um "patacão", dos grandes do Império...

Antônio sorri vitorioso. Um sorriso largo de alegria e vitória. Tivera muito sacrifício no mato, na mata, debaixo de chuva, de frio curtido, e de sol quente abrasador. Agora era só receber o dinheiro por este negro bandido. E a moeda de prata? Essa sim, era coisa merecida mesmo!!!

Agora, vencida a batalha, a demanda, era hora de pegar o caminho de volta, enfrentar a serra de novo e chegar feliz da vida à cidade de Barbacena, onde a família o receberia com alegria. Compraria um vestido

de seda para a mulher Maricota, a fim de agradar muito e ela ficar feliz e dócil. Também um par de sapatos ou mesmo umas botinas novas, e um brinquedo para seu filho Pedro. Poderia ser até um bilboquê, um brinquedo que já vira na casa de gente rica, vindo da Europa, – era divertido e interessante! Talvez, quem sabe, comprar um cavalinho de pau para o menino José, fruto de seu amor com a mulata Josefa...

Gegê já arrumava os animais para saírem, quando o dono da fazenda convidou:

"Por que vocês não ficam para jantar? Afinal, a noite não demora a chegar. E noite no meio desta serra é brava mesmo! Ainda mais, parece que vai chover... Fiquem para comer conosco um frango ensopado com angu de milho da fazenda."

Antônio resolveu atender ao convite. Afinal, a mata era espessa e comida, só com muito favor, muitas léguas depois. Gegê, que era bom de garfo, trocou com ele um olhar de quem estava doido por um franguinho caipira. Não custava atender ao pedido do fazendeiro e jantar por ali mesmo.

Para esperar, debruçou na varanda da fazenda. Colocou os cotovelos no balaústre preto de braúna e acendeu um cigarro de palha de fumo forte e ficou a olhar a fumaça que sumia devagar na tarde de ventania. Ficou a pensar na vida doida que levava por estes sertões afora.

De repente, ouviu um alarido forte, gritos de cachorros. Uns cães enormes, pretos, marrons e pintados que avançavam e disputavam com dentes enormes, talvez uma caça. Olhou bem. Assustou-se. Seu coração parecia saltar do peito. Sua boca logo ficou amarga e seca. Sua respiração, ofegante. Quase desmaiou. Logo reparou e decifrou a cena. E ele, logo ele, um homem frio, tido como mau, acostumado a atirar em gente, matar bicho e conviver com todo tipo de coisa ruim. Mas aquela cena foi forte demais...

O dono da fazenda mandou cortar a facão o negro fujão capturado e depois jogar os pedaços para os cachorros bravos comerem. Em pouco tempo os cães raivosos devoraram o negro rasgando-o com os dentes afiados, desfiando com avidez a carne ensanguentada.

Enojado, Antônio nem jantou. Juntou seu capataz, deu uma desculpa qualquer para o capataz da fazenda e saíram rápido do lugar. Nem sabe quanto tempo durou a viagem. Nem sabe como passou pelo mato, varou as serras e chegou até sua terra natal.

Hoje, tanto tempo depois, fico a segurar esta moeda de prata nas mãos e penso nesse tal de Antônio. Sei que nunca mais pisou em Conceição do Ibitipoca. Sei que nunca mais saiu à procura de negro fugido. Largou para sempre essa atividade e nem gostava de conversar sobre escravos. Falavam que ele foi morar numa casinha pequena atrás de umas serras perto de Aiuruoca. E ninguém mais falou dele. Ele contava que essa moeda nunca foi usada como dinheiro. Ficou guardada no fundo de um baú de couro por muito tempo. Ele dizia que ela lhe queimava as mãos. Ninguém sabia porque.

Agora, em meu quarto, fito a moeda grande de prata, com a efígie do imperador D. Pedro II, e esta data marcada: 1879. Não sei por que, mas ela me queima as mãos...



## CADEIRA/ACADÊMICO

- 1 - Danilo Gomes
- 2 - Oswaldo Soares da Cunha
- 3 - Angelo Oswaldo de Araújo Santos
- 4 - Amílcar Vianna Martins Filho
- 5 - Carmen Schneider Guimarães
- 6 - Yeda Prates Bernis
- 7 - Ricardo Arnaldo Malheiros Fiúza
- 8 - Milton Reis
- 9 - Márcio Garcia Vilela
- 10 - Fábio Doyle
- 11 - D. Walmor Oliveira de Azevedo
- 12 - Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho
- 13 - Paulo Tarso Flecha de Lima
- 14 - Antenor Pimenta
- 15 - Bonifácio José Tamm de Andrada
- 16 - Ronaldo Costa Couto
- 17 - Aluísio Pimenta
- 18 - José Henrique Santos
- 19 - Padre José Carlos Brandi Aleixo
- 20 - Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz
- 21 - Elizabeth Rennó
- 22 - Fábio Lucas
- 23 - Manoel Hygino dos Santos
- 24 - Eduardo Almeida Reis
- 25 - Francelino Pereira
- 26 - Ângelo Barbosa Monteiro Machado (Eleito)
- 27 - Afonso Henriques de Guimaraens Neto
- 28 - José Bento Teixeira de Salles
- 29 - Afonso Arinos de Mello Franco
- 30 - Oilliam José
- 31 - Rui Mourão
- 32 - Almir de Oliveira
- 33 - José Crux Rodrigues Vieira
- 34 - Orlando Vaz
- 35 - Carlos Mário da Silva Velloso
- 36 - Aloísio Texeira Garcia
- 37 - Olavo Romano
- 38 - Pedro Rogério Couto Moreira
- 39 - Patrus Ananias de Souza
- 40 - Maria José de Queiroz